

Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública

Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli

# **AVALIAÇÃO DO PROJETO LUTA PELA PAZ MARÉ – RIO DE JANEIRO**

**Novembro de 2006**

# **Avaliação do Projeto Luta pela Paz - Maré – Rio de Janeiro**

## **Equipe de pesquisa**

**Coordenação:** Edinilsa Ramos de Souza  
Patrícia Constantino

**Pesquisadores:** Maria Cecília de Souza Minayo  
Kathie Njaine  
Adalgisa Peixoto Ribeiro  
Raimunda Matilde do Nascimento Mangas  
Leila de Souza Lima

**Estatísticos:** Luiz Eduardo Medeiros Guedes  
Vanessa dos Reis de Souza  
Thiago de Oliveira Pires

**Apoio técnico:** Marcelo da Cunha Pereira  
Marcelo Silva da Motta

**Revisão bibliográfica:** Fátima Cristina Lopes dos Santos

## **Instituições envolvidas**

- Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento - PNUD
- Organização Panamericana de Saúde - OPAS
- Ministério da Saúde - MS
- Núcleo de Estudos de Violência da Universidade de São Paulo - NEV/USP
- Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - CLAVES/ENSP/FIOCRUZ

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	pag 4
<b>2. METODOLOGIA</b>	11
Operacionalização da pesquisa	13
Processamento e Análise dos Dados	16
Considerações Éticas	18
<b>3. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E DEMOGRÁFICA DO COMPLEXO DA MARÉ</b>	18
Características socioeconômicas e demográficas da população	26
<b>4. IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO</b>	40
4.1. Contexto histórico do projeto Luta pela Paz	40
4.2. Caracterização do projeto	43
O que é o projeto	43
Missão do Luta pela Paz	44
Pilares teóricos do projeto – A luta contra a violência armada	44
Fases da intervenção	46
Metodologia de atuação	48
Atividades voltadas para a construção da Paz	51
Infra - estrutura de equipamentos e equipe do projeto Luta pela Paz	58
Atividades de capacitação	61
Articulação e parceria com outros projetos e instituições	61
Registros institucionais	62
4.3. Caracterização das crianças e jovens do Luta pela Paz	63
Perfil demográfico e socioeconômico dos jovens participantes	67
Condições de saúde	73
<b>5. VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA</b>	80
5.1. Vitimização Direta	80
O jovem como protagonista de violência	85
5.2. Vitimização indireta	88
5.3. Crenças sobre o uso de violência	93
Visão dos jovens sobre causas da violência interpessoal e na escola	102
5.4. Prevenção à Violência na Percepção dos atores	106
<b>6. PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS</b>	109
<b>7. EFEITOS DO PROJETO</b>	127
7.1. A visão dos atores	127
7.2. A visão dos avaliadores	133
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	137
<b>9. REFERÊNCIAS</b>	146
<b>10. ANEXOS</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

Desde 1989 a violência vem ocupando o segundo lugar de causas de morte ocorridas no Brasil e o primeiro lugar para os óbitos de pessoas entre 5 e 49 anos (Minayo, 2003).

As taxas de mortalidade por violência contra crianças, adolescentes e jovens brasileiros no decorrer da década de 1990 e também nos anos 2000 apresentaram significativo crescimento no Brasil. Na década de 1990 morreram 46.281 crianças entre um e nove anos de idade por causas violentas, configurando uma taxa de mortalidade de 14,1 por 100.000 habitantes no ano 2000 (Deslandes et al, 2004).

Na adolescência, a taxa de mortalidade entre pessoas de 10 a 14 anos se mantiveram relativamente estáveis, correspondendo a 17,4 por 100.000 habitantes em 2000. A violência vitimou 117.775 jovens de 15 a 19 anos na década de 1990 (crescimento de 8,7%), alcançando taxa de mortalidade de 75,2 por cem mil habitantes no ano 2000 (Assis *et al.*, 2005).

Os dados de mortalidade representam a parte mais cruel da violência que ocorre com crianças e adolescentes brasileiros, no entanto, esse fenômeno é muito mais insidioso. A violência estrutural representada pelas desigualdades socioeconômicas vem afetando gravemente as condições de vida e saúde desse grupo etário. Jovens de comunidades pobres que vivem a margem do consumo, estigmatizados por sua origem, sofrem também pela falta de serviços de qualidade que os atendam em suas necessidades e estão expostos a diversos tipos de maus tratos em seu dia a dia. Ao lado das desigualdades estruturais, a violência familiar e interpessoal completam o ciclo das vulnerabilidades e das situações de risco de boa parte das crianças e jovens.

No mesmo período histórico, a consciência social que se aprofundou a partir do processo de democratização do país e o papel importante do Estatuto da Criança e do Adolescente (o ECA) no desenvolvimento dessa consciência tornaram as várias formas de violências e maus tratos contra esse grupo etário uma questão pública e objeto de intervenção visando à mudança. Nesse sentido têm tido papel fundamental, muitas organizações não-governamentais, precursoras de ações específicas voltadas para construção da cidadania das crianças e jovens e para a prevenção da violência.

O poder público também, cada vez vem se envolvendo mais, estabelecendo políticas e fazendo parcerias federativas, com organizações internacionais e com Ong, visando à redução da morbimortalidade por acidentes e violências contra crianças e jovens. Esse é o caso do Ministério da Saúde e do Ministério da Justiça.

No conjunto dos atores que vêm se envolvendo nas propostas voltadas à proteção da infância e da adolescência e à prevenção da violência deve ainda ser ressaltado o importante papel das instituições acadêmicas que têm se dedicado a investigações e capacitação de profissionais. No entanto, apesar dos avanços, ainda são poucos os estudos sistematizados sobre a questão em pauta e a maioria dos estudos está direcionada ao atendimento das vítimas. Em levantamento sobre os projetos de prevenção do crime e da violência, Mesquita Neto *et al* (2004) identificaram que nos últimos três anos, aproximadamente cento e cinquenta programas estavam em funcionamento no Brasil. Este levantamento mostrou que as propostas de ação são bastante diversificadas e envolvem escola, família, comunidade, polícia, mídia, justiça e saúde, mas sobre elas falta avaliação quanto à eficácia, eficiência e efetividade. Hartmann e Depro (2006) discutem a pouca evidência da efetividade das iniciativas, sobretudo de programas que usam o esporte para a prevenção da criminalidade, alegando que faltam avaliações cientificamente controladas, com grupos comparativos e metodologia que contemple os efeitos de outros fatores como existência de outros projetos e diferenciações sócio-demográficas das áreas onde são implantados.

Este estudo avaliativo se dedica à análise do projeto *Luta pela Paz* que será caracterizado no decorrer do trabalho. Ele trabalha com o conceito de prevenção tal como utilizado no campo da saúde e objetiva prevenir a violência armada entre os jovens. Está localizado numa comunidade onde os conflitos sociais são muito acirrados, pois nela, a população convive com grupos criminosos vinculados ao tráfico de drogas.

O conceito de prevenção da violência utilizado neste estudo avaliativo compreende amplo espectro de ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida e saúde e diminuição da exposição e envolvimento de crianças, adolescentes e jovens em situações de risco. Assim, buscamos compreender as ações realizadas no âmbito da prevenção primária, que visam a sensibilizar os indivíduos e grupos sociais em relação à violência e seus danos a vida. No âmbito da prevenção secundária, identificamos ações realizadas pelo *Luta pela Paz* que intervêm precocemente nos contextos de violência que afetam

crianças, adolescentes e jovens. Em relação à prevenção terciária, investigamos como o projeto atua sobre crianças, adolescentes e jovens envolvidos nas situações de risco e como atua para reduzir danos provocados pela violência.

Estudos de Sherman e colegas (1997) indicam que vários programas voltados para a prevenção do crime e da violência nos EUA vêm conseguindo reduzir delitos envolvendo jovens por meio do fortalecimento dos vínculos familiares, escolares e comunitários de crianças, adolescentes e seus responsáveis. Segundo esses autores, embora os programas ainda careçam de uma visão mais abrangente sobre os fatores estruturais que propiciam a violência e sejam muito focalizados, os que se mostram mais promissores são os que possuem pessoas de referência (mentores); os que se voltam para redução da coesão nas gangues juvenis; e os que oferecem atividades recreativas para jovens após o período escolar, quando contam com adequada orientação e supervisão dos participantes.

No Brasil, Mesquita e colegas (2004) apontaram em pesquisa as intervenções que mais têm contribuído para o êxito de alguns programas de prevenção à violência entre os jovens: intervenções na gravidez e na primeira infância, sobretudo para crianças de famílias em situação de risco; treinamento para pais; programas em escolas visando a prevenção primária dos crimes e da violência; intervenções precoces para jovens infratores. Os autores ressaltam que essas ações precisam ser continuadas. Sherman e colegas (1997) também destacam que a redução de fatores de risco e o aumento de fatores de proteção, levando em conta o conhecimento e o respeito às culturas locais podem contribuir efetivamente para a diminuição de crimes e violências em comunidades.

No Brasil, a partir da década de 1990, várias ações de intervenção preventivas vêm ocorrendo em espaços comunitários. Ao avaliá-las, Mesquita e colegas (2004) afirmam que dependendo de suas características, algumas comunidades podem minimizar ou potencializar ações criminosas e violentas. Esses autores destacam algumas ações e estratégias que podem atuar positivamente nas comunidades onde há baixo investimento social: a) implementação de programas sociais com diferentes focos; b) investimento no espaço urbano; c) incentivo à organização e melhoria no ambiente comunitário; d) oferta de oportunidades de esporte, lazer e cultura; e) aproximação da escola com a comunidade; f) formação e capacitação de jovens para intervirem construtivamente em suas próprias localidades; g) articulação de programas, serviços, órgãos governamentais

e entidades comunitárias com definição de papéis e atribuições dos diferentes atores envolvidos com a prevenção da violência e h) elaboração e implementação de planos focalizados de segurança pública.

Pesquisa realizada pelo Claves/Ensp/Fiocruz em 2006 (Gomes et al, 2006), sobre nove experiências exitosas de prevenção da violência distribuídas em cinco regiões do Brasil também traz importante contribuição. Parte dessas iniciativas é realizada por organizações governamentais (5) e parte por organizações não governamentais (4). O conjunto dos projetos revela alguns caminhos de possibilidades para atuação dos agentes sociais. Os avaliadores ressaltaram como fundamentais para o êxito das propostas: a) a perspectiva holística adotada; b) o envolvimento das famílias como agente de prevenção da violência; c) a presença de profissionais qualificados e comprometidos com o processo; d) o fornecimento de informações sistemáticas sobre a cidadania facilitando a discussão sobre direitos e deveres; e) a preparação dos jovens para o trabalho, ação com grande êxito na formação da identidade dos indivíduos e no afastamento de uma vida na rua ou de situações de delinquência; f) o envolvimento de crianças e adolescentes em atividade lúdicas e educativas, que promovem a introjeção de regras essenciais para a convivência social; g) o fortalecimento da auto-estima e da capacidade de lidar com problemas e obstáculos na vida. Apesar de serem experiências exitosas, existem limites externos e internos não superados por essas iniciativas como: o peso das dificuldades sociais das famílias; a ausência de emprego para os jovens; a sustentabilidade financeira das propostas; a falta de articulação com grupos, instituições e famílias. Os pesquisadores destacam que:

*É importante sublinhar que os limites cruciais de todos os programas ocorrem ou quando já não é possível a prevenção primária e os jovens passam a optar pela atuação em grupos de delinquência ou armados ou quando há elevada exposição e apelo a esse tipo de atuação (p.106).*

Silva (2005) em relatório de avaliação para UNICEF destaca que uma das principais causas de morte entre os jovens nos grandes centros urbanos são as disputas de poder por territórios, envolvendo grupos criminosos. Cita que no Rio de Janeiro, a dominação de algumas áreas por diferentes facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas afeta até mesmo jovens que não têm envolvimento direto com essas atividades. Essa espécie de demarcação “simbólica” transforma qualquer pessoa que não seja de uma determinada

área em inimigo ou “*alemão*” (denominação dada pelos jovens do tráfico ao outro não pertencente a sua localidade ou a sua facção). O envolvimento dos adolescentes e jovens em gangues e grupos criminosos, portanto, aumenta os índices de violência sofrida e praticada por esse grupo.

A violência dos grupos armados, segundo Silva (2005), vem contribuindo para a crescente letalidade dos jovens. Embora, cita o autor, a vitimização fatal seja maior do que a autoria de crimes violentos, esses últimos fatos ganham uma repercussão mais sensacionalista na mídia.

Silva (2005) baseado em estudos exploratórios de Silva & André (2001), Dowdney, (2003) e Cruz Neto (2001) estima que existam, aproximadamente, dez mil crianças e jovens empregados no tráfico de drogas só no Rio de Janeiro, sendo que entre 50% a 60% deles andam armados. A idade média desses jovens gira em torno de 15 a 17 anos, mas dados da 2ª Vara da Infância e Juventude indicam uma diminuição da idade média de ingresso nas atividades do tráfico de drogas.

Silva destaca o que outros estudos vêm ressaltando que quanto mais cedo for a atuação preventiva com esse grupo etário, maiores poderão ser os êxitos das intervenções e a redução da mortalidade por violência. O autor destaca ainda a importância de identificar metodologias e práticas que possam ser reproduzidas em outras situações e em outras regiões a partir de avaliações.

Em estudo que busca comparar a situação de crianças e jovens envolvidas em violência armada em diferentes países do mundo Dowdney (2005) apresenta similaridades e especificidades nas formas como ocorrem esses envolvimento. Segundo o autor, do ponto de vista sociológico, esses são grupos que, embora perigosos, preenchem certas funções sociais, políticas e econômicas dentro das comunidades que dominam; oferecem aos jovens excluídos um caminho rápido para alguma forma de pertencimento ou inclusão social, política ou econômica, mesmo que limitada; oferecem estímulo e diversão em locais onde não há muito que fazer. São, contudo, estruturas violentas promovendo o uso de armas de fogo entre crianças e adolescentes como forma de progredir e de inseri-los em confrontos armados.

Em seu livro Dowdney aponta alguns fatores de risco comuns ao surgimento e à existência desses grupos: concentração de pobreza urbana; alta porcentagem de jovens



desempregados e com baixo nível de escolaridade; presença limitada ou desigual do Estado; corrupção do Estado; aparato violento do Estado; acesso a economias ilícitas; acesso a armas de pequeno porte.

Entre os países estudados foram encontradas algumas similaridades nas histórias pessoais: famílias uniparentais; violência no lar e relações conflituosas com a família; casas superlotadas; histórico escolar fraco, escola vista como algo que não vale a pena, mau comportamento, expulsão, aversão à escola, pais com baixa escolaridade.

Também em relação ao processo de envolvimento em grupos armados foram identificadas semelhanças como: 13 anos como idade média de envolvimento; tendência à diminuição da idade de envolvimento em todos os países.

Quanto aos estágios de envolvimento Dowdney assinala: exposição ao cenário de uso de drogas por meio da apresentação de familiares ou amigos; fases de transição em que há prestação de favores, desempenho de pequenas tarefas e aprendizagem; participação plena no grupo criminoso, o que inclui estar armado.

Algumas conclusões do referido estudo apontam os motivos pelos quais crianças ingressam em grupos armados: pobreza, desejo de acesso a bens de consumo, falta de alternativas de inserção social e no mercado de trabalho, acesso facilitado a armas, busca de prestígio e relacionamento facilitado com o sexo oposto, exposição por longo tempo gasto com amigos delinqüentes, ter família substituta e vivendo na rua, construção de identidade de grupo, sentimento de vingança por parentes mortos.

O livro de Dowdney aponta algumas tendências da sociedade atual para lidar com crianças e jovens em situação de violência armada: legislação repressiva; policiamento repressivo e reativo; detenção e confinamento; mortes e execuções sumárias de um lado. De outro, alguns programas de prevenção e reabilitação limitados e sub-financiados, revelando a ausência de políticas eficazes para prevenir ou eliminar causas pelas quais crianças e jovens se envolvem com situações de violência armada organizada.

A partir da pesquisa, o autor indica alguns caminhos para que crianças e adolescentes se tornem menos vulneráveis ao envolvimento com grupos armados e construam resistência através de prevenção e intervenções voltadas para reabilitação.

- 1) Prevenção e intervenções para reabilitação baseadas na comunidade. Dowdney cita o *Luta pela Paz* e o *Grupo Cultural Afro-Reggae*.
- 2) Programas institucionais de reabilitação: dá como exemplos programas realizados nas Filipinas e em El Salvador,
- 3) Programas com várias atividades diárias, formação profissional e acompanhamento do jovem até que esteja empregado. Cita o *Luta pela Paz* que envolve as crianças e jovens no planejamento, implementação e coordenação de projetos de prevenção e reabilitação.

Para intervir nos contextos pessoais de modo a construir resistência à atividades criminosas, segundo o livro *Nem Guerra nem Paz – comparações internacionais de crianças e jovens em violência armada e organizada* (Dowdney, 2005), os projetos precisam: estar baseados na comunidade ou ligados a ela; reagir a influências e fatores de risco locais; estar integrados e personalizados; incluir contra-influências às influências (fatores de risco) oferecendo outros modelos e valores; envolver membros próximos das famílias; integrar crianças e jovens envolvidos e não envolvidos; a educação deve ser combinada com o acesso ao mercado de trabalho para permitir a ascensão social.

A reabilitação para ser bem sucedida precisa envolver crianças e jovens no planejamento, implementação e coordenação do projeto; envolver apoio psicológico para problemas de estresse pós-traumático; fortalecer os projetos existentes, aprimorando-os. A reabilitação bem sucedida nem sempre dissocia o jovem do grupo armado a que pertencia. Em alguns países o jovem pode ser visto como um membro afastado – longe das ações criminais – mais ainda ser considerado parte do grupo.

Segundo Dowdney (2005) abordagens estratégicas integradas para prevenção e reabilitação de crianças e jovens em violência armada organizada devem: (a) ser municipais ou regionais, pois projetos localizados podem apenas remover a violência para áreas vizinhas; (b) ser baseadas em análises locais; (c) ser coordenadas conjuntamente por governo, polícia e organizações da sociedade civil; (d) ser integradas a macro-programas que visem tratar diretamente de fatores de risco estruturais e ambientais; (e) envolver o sistema de justiça juvenil; (f) incluir resolução de conflito, e sempre que possível; (g) incluir programas de proteção para aqueles que queiram abandonar o grupo; (h) empenhar-se na construção de redes sociais de apoio.

Nesta introdução buscamos indicar o quadro teórico no qual se move tanto o projeto *Luta pela Paz* como os pressupostos deste estudo avaliativo, cujos objetivos são descritos a seguir.

### **Objetivo geral**

- Avaliar uma experiência de prevenção de violência armada no Rio de Janeiro com foco, especificamente, na população jovem.

### **Objetivos específicos**

- Descrever as características sócio-demográficas da área selecionada em distintos momentos do tempo;
- Descrever a área no que se refere aos níveis de violência;
- Descrever em profundidade o projeto de prevenção da violência armada entre jovens no que se refere a: tempo em funcionamento, processo de implementação, atividades desenvolvidas, população assistida, atores e seus papéis;
- Identificar os resultados que a intervenção avaliada vem obtendo: o que deu certo, o que não funcionou e os motivos para estes êxitos e fracassos;
- Elaborar um esquema com elementos norteadores para replicação da avaliação de experiências semelhantes.

A avaliação desse projeto será utilizada para subsidiar a definição de programas de prevenção da violência e na definição de políticas públicas de segurança em âmbito local.

## **2. METODOLOGIA**

Foi realizado um estudo em duas etapas com o objetivo de identificar iniciativas de prevenção da violência envolvendo jovens e avaliar uma experiência específica selecionada na Favela da Maré. A primeira etapa, de cunho exploratório, visou a caracterizar os indicadores socioeconômicos e demográficos da área, por meio de um

levantamento de todas as iniciativas de prevenção da violência existentes na localidade. O trabalho desta primeira fase teve como produto:

- A sistematização de todas as informações sobre a área e a análise descritiva de 15 iniciativas locais de intervenção para prevenção da violência.

A descrição da área de estudo teve como base dados secundários sobre níveis de desenvolvimento socioeconômico, distribuição de bens e serviços públicos, indicadores de saúde (morbimortalidade de jovens por violência) e de segurança pública (ocorrências policiais envolvendo jovens entre 15 e 24 anos, número de prisões efetuadas e efetivo policial).

Na segunda etapa, avaliamos uma das experiências identificadas o Luta pela Paz, selecionada em função dos seguintes critérios:

- Projeto de intervenção destinado à prevenção da violência armada;
- Projeto de intervenção com a participação conjunta das áreas de segurança e saúde;
- Foco na população jovem;
- Programa de intervenção visando à prevenção já consolidado, ou seja, com no mínimo 4 anos de implementação;
- Programa de intervenção com participação de agências governamentais e não-governamentais.

O projeto *Luta pela Paz* foi o que melhor satisfaz os requisitos citados e, por isso, foi escolhido.

Este estudo avaliativo foi realizado pela equipe do CLAVES (Centro Latino Americano de Estudos sobre Violência e Saúde). Este Centro vem realizando, desde 1989, diversos estudos com a população jovem de distintas cidades e regiões do país, abordando as várias formas de violência que afetam a saúde desse grupo populacional e analisando políticas, planos e propostas de ação. Tem usado diferentes desenhos de estudo (inquéritos, estudos de casos) e aplicado a estratégia de triangulação de métodos e de técnicas que também foi usada na presente avaliação. Esta perspectiva preconiza a

articulação entre múltiplas técnicas, observadores e métodos (Denzin, 1973; Minayo et al, 2005; Minayo, 2006). Assim, o presente estudo segue a mesma linha dos anteriores, metodologicamente, pois se baseia em depoimentos de diferentes sujeitos (agentes e usuários), observações, análises de relações e de distintos textos e de dados estatísticos.

### **Operacionalização da pesquisa**

Avaliamos o processo de implantação e implementação do projeto, (histórico de criação, seu funcionamento, ações desenvolvidas, pilares teóricos e metodológicos, caracterização da população atendida, formas de captação de clientela e de recursos, vivências e percepções sobre violência). Também foram avaliadas as características estruturais (infra-estrutura física, composição e capacitação da equipe) e resultados para a população diretamente assistida (atividades mais eficazes, efeitos positivos e negativos das ações, mudanças e benefícios alcançados pela população alvo).

Do ponto de vista quantitativo o objetivo inicial era obter respostas de todos os jovens integrantes do projeto *Luta pela Paz*, que no momento da coleta de dados representavam 78 pessoas, no entanto foram abordados 64 jovens de 11 a 26 anos de idade. Os jovens participantes do Projeto foram comparados a um grupo de escolares de uma instituição pública da área. Para esses estudantes foi feita uma amostra conglomerada em mais de um estágio, estratificada segundo as séries escolares previamente definidas em função dos turnos e da faixa etária requerida para o estudo.

Após selecionar a turma, sorteamos aleatoriamente 10 alunos por turma baseando-nos no número médio de estudantes fornecido pela direção da escola. Infelizmente, foi-nos fornecida uma listagem do número de alunos distribuídos por turma, sem as informações sobre idade e sexo que teriam sido de fundamental importância. Este fato não permitiu o cálculo da amostra de forma a equiparar os dois grupos segundo tais variáveis.

Na tabela 1 podemos observar como ficou distribuída a amostra pesquisada.

**Tabela 1: Distribuição dos estudantes e alunos amostrados segundo série**

Escolaridade	Turmas	Alunos por turma	Turmas amostradas	Total de alunos amostrados
<b>Ensino Fundamental</b>				
7ª série	2	47	1	8

8ª série	2	45	1	6
<b>Ensino Médio</b>				
1º ano	12	44	5	44
2º ano	6	50	3	25
3º ano	5	40	2	17
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>226</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

A fim de buscar uma padronização dos dados desta pesquisa com a avaliação realizada pelo NEVI/USP, usamos um questionário auto-aplicado para avaliar os jovens do Projeto, contendo 142 itens sobre dados sócio-demográficos, questões de saúde, participação no projeto, relações interpessoais, consumo de drogas, vivência e percepção da violência, inclusive da violência armada. Para o grupo controle (estudantes da escola pública da área) este instrumento conteve 135 questões porque foram excluídas as relativas ao projeto. Fizemos alguns ajustes, incluindo questões relacionadas à saúde e retirando algumas consideradas pouco relevantes para o estudo.

As informações sobre o projeto foram registradas em um instrumento com questões abertas e fechadas, privilegiando dados de: identificação, instalações físicas e equipamentos, perfil da clientela atendida, motivos para a criação do projeto, caracterização de ações preventivas, formação da equipe (critérios de seleção, capacitação, carga horária) e sustentabilidade institucional.

Do ponto de vista qualitativo trabalhamos com três técnicas: grupo focal, entrevista individual e as observações das atividades.

Realizamos uma entrevista semi-estruturada com o coordenador. Também promovemos 4 grupos focais, sendo um com 7 meninas de 16 a 20 anos; um com 7 meninos de 14 a 18 anos; um com 8 egressos de 17 a 21 anos e um com o conselho jovem envolvendo 7 adolescentes de ambos os sexos de 14 a 24 anos. Igualmente, realizamos um grupo focal com 12 educadores responsáveis pela implementação direta das atividades.

Definimos *grupo focal* como uma técnica de entrevista direcionada a um grupo organizado a partir de determinadas características identitárias, visando obter a informações qualitativas orientadas por um determinado quadro teórico de referências (Krueger, 1994). Como preconiza a técnica, colocamos em cada sessão um moderador (que introduziu as regras do encontro, animou o debate e buscou estabelecer a participação mais equitativa

possível entre os membros do grupo) e um relator que, além de fazer os registros, checou com o grupo a síntese das opiniões.

O roteiro de grupo focal destinado aos jovens incluiu as seguintes questões: a percepção sobre a violência na comunidade; como chegaram ao projeto; que atividades desenvolvem; a percepção sobre as ações do projeto; e impacto das ações que realizam em suas vidas e na comunidade; pontos positivos e negativos das ações; e sugestões.

No roteiro de grupo focal com os educadores, inserimos além das questões já mencionadas no roteiro dos jovens, o que a equipe julga importante para prevenir a violência; sua consideração sobre que ações são mais eficazes para prevenir a violência; e avaliação do grupo sobre a articulação do *Luta pela Paz* com outros projetos. No roteiro de entrevista com o coordenador incluímos questões sobre o processo de implantação e implementação das ações.

Também realizamos observações das atividades desenvolvidas no projeto, sistematizadas em instrumento específico para cada uma das ações. Dele constaram as seguintes questões: quantos jovens foram envolvidos na atividade observada; como foi estruturada a atividade; metodologia empregada; recursos materiais utilizados; espaço para desenvolvimento da ação; atitude do adolescente frente à atividade e frente ao tema proposto; atitude do educador; relacionamento do educador com os jovens e vice-versa; e relacionamento dos jovens entre si. Registramos as seguintes ações: treino de boxe masculino, treino de boxe feminino, treino de capoeira, treino de luta livre, aula de cidadania e aula de inglês.

Todos os instrumentos encontram-se em anexo.

A coleta de dados durou dois meses e foi feita por três pesquisadores do CLAVES com experiência de trabalho em comunidades populares como a Maré.

Em relação ao projeto *Luta pela Paz*, a proposta de avaliação foi muito bem acolhida pelos seus promotores e participantes. No entanto, em relação ao grupo de comparação (estudantes da rede de ensino estadual e municipal da área) tivemos algumas dificuldades. A rede municipal, que possui nove escolas na Maré, não autorizou a realização da pesquisa, alegando oficiosamente que não está permitindo que sejam abordados temas como os aqui foram tratados com seus estudantes. A rede estadual, por

sua vez, só autorizou a pesquisa mediante o compromisso do CLAVES de fornecer, posteriormente, as informações analisadas sobre os alunos. Mesmo assim, disponibilizou apenas uma lista com números dos alunos e não, como seria desejável, uma listagem com informações sobre sexo e idade. Essas restrições trouxeram problemas metodológicos, sobretudo do ponto de vista comparativo.

## **Processamento e Análise dos Dados**

Para o processamento dos dados quantitativos criamos no programa EPIDATA versão 3.1 um banco de dados para inserção das informações provenientes do questionário. A fim de minimizar os erros na fase de digitação e agilizar o processamento cumprimos quatro etapas: codificação, digitação, crítica e análise. Neste contexto, criamos ainda um programa para estabelecer os valores válidos para cada questão (máscara de entrada). Com essa iniciativa, nenhum valor fora do previsto foi aceito no momento da digitação.

Na etapa seguinte, estabelecemos regras para agilizar a digitação: tal processo é conhecido como codificação. Esse estágio fez-se imprescindível, visto que evitou, além de erros de digitação, a perda de tempo provocada comumente por incompreensão das respostas.

No que diz respeito à crítica dos dados, fase em que se objetiva a eliminação dos possíveis erros capazes de provocar enganos de apresentação e análise dos resultados, optamos por dois processos distintos. O primeiro procedimento de crítica destina-se a procurar erros de codificação ou digitação dos questionários. Nesta abordagem, optamos por realizar uma amostragem aleatória simples de 10% dos questionários de cada grupo. Neste procedimento, qualquer subconjunto de  $n$  ( $1 \leq n \leq N$ ) elementos diferentes de uma população de  $N$  elementos possui a mesma probabilidade de ser sorteado (Silva, 1998). Dessa amostra para o projeto obtivemos 10,9% de questionários apresentando ao menos uma falha de digitação. E, de todas as questões, 14,7% tiveram erros. Já para os alunos da escola que serviram como grupo controle, 10,1% dos questionários apresentou falhas na digitação, e de todas as questões, 15,5% tiveram erros.

Em seguida, investigamos a existência de incoerências nas respostas a determinadas questões que, teoricamente, deveriam se relacionar de maneira lógica. Constatamos que 37,5% dos questionários do projeto e 30,3% dos alunos da escola apresentaram alguma inconsistência. Esse percentual elevado se deve, provavelmente, à falta de compreensão



dos respondentes, em relação a questões como: ‘Marque as pessoas que moram em sua casa’, alguns assinalaram a opção ‘filhos’ e poucas questões depois havia uma outra perguntando ‘Tem filhos?’ e a resposta era ‘não’, os jovens assinalaram ‘filhos’ porque eles mesmos são os filhos a que estavam se referindo. Por isso os questionários inconsistentes foram analisados um a um e corrigidos, quando possível, através de questões-chave e campos em aberto. As questões realmente incoerentes foram anuladas.

Concretamente, analisamos dados de 59 membros do *Luta pela Paz* e de 88 *alunos da escola*. Excluimos todos os jovens acima de 24 anos.

Na fase de análise, os bancos foram convertidos para o software SPSS versão 10.0, onde realizamos a junção dos mesmos e a descrição de freqüências simples. Para verificarmos diferenças estatisticamente significativas utilizamos o teste de Qui-quadrado de Pearson. De acordo com Siegel (1956), o teste Qui-quadrado é usado para avaliar associação entre variáveis em tabelas de contingência, ele permite também avaliar o grau e a significância da associação encontrada. Apresentamos os resultados em tabelas e gráficos. Definimos indicadores quantitativos e qualitativos de processo, estrutura e resultados.

Para a análise qualitativa dos dados conduzimos o processamento e a interpretação das informações a partir do enfoque da análise temática seguindo a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (1979), em sua versão adaptada por Minayo (2006). Todas as falas relativas aos grupos focais e entrevistas foram transcritas e checadas quanto à fidedignidade do relato oral. Em seguida definimos cada *corpus* para a organização dos relatos segundo temas e atores.

Codificamos as falas dos entrevistados da seguinte forma: entrevista com coordenador (coord); grupo focal com a equipe (educadores) e os grupos focais com os jovens por meninos, meninas, conselho jovem e egressos.

### **Considerações Éticas**

Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido: coordenador, membros da equipe e jovens do *Luta pela Paz*, diretor da escola investigada, conforme assinala a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta pesquisas com seres humanos.

### **3. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E DEMOGRÁFICA DO COMPLEXO DA MARÉ – MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**

O complexo de habitações urbanas denominado Maré é formado por 17 comunidades: Parque União, Vila Pinheiros, Parque Maré, Baixa do Sapateiro, Nova Holanda, Vila do João, Rubens Vaz, Marcílio Dias, Morro do Timbau, Conjunto Esperança, Salsa e Merengue, Praia de Ramos, Conjunto Pinheiros, Nova Maré, Roquete Pinto, Bento Ribeiro Dantas e Mandacaru.

A história da Maré urbana começou nos anos 1940, com o desenvolvimento industrial do Rio de Janeiro. Nessa época, a cidade recebeu um grande fluxo de migrantes nordestinos, em busca de trabalho, que foram morar nas regiões desprezadas pela especulação imobiliária, como era o caso de encostas e áreas alagadas.

No final da década de 1940 já existiam palafitas - barracos de madeira sobre a lama e a água – na região onde se localiza a Maré. Surgiram focos de povoação onde hoje se localizam as comunidades da Baixa do Sapateiro, Parque Maré e Morro do Timbau. As palafitas se estenderam por toda área e só no início dos anos 1980 foram erradicadas.

A construção da Avenida Brasil, concluída em 1946, foi determinante para a ocupação da área que prosseguiu pela década de 1950, resultando na criação de outras comunidades como Rubens Vaz e Parque União.

Nos anos 1960, um novo fluxo de ocupação da Maré teve início. Durante o Governo Estadual de Carlos Lacerda (1961-1965), foram realizadas obras de modernização na Zona Sul da cidade com a conseqüente erradicação de favelas e remoção de sua população para regiões distantes do centro. Nesta mesma época, moradores de favelas como Praia do Pinto, Morro da Formiga, Favela do Esqueleto e os desabrigados das margens do rio Faria-Timbó foram transferidos para habitações "provisórias" construídas na Maré. Daí surgiu a comunidade de Nova Holanda.

Até o início dos anos 1980 a Maré das palafitas era símbolo da miséria nacional. Nesse período houve a primeira grande intervenção do Governo Federal na área – o Projeto Rio

– que previa o aterro das regiões alagadas e a transferência dos moradores das palafitas para construções pré-fabricadas. Atualmente, esse aterro corresponde às comunidades da Vila do João, da Vila Pinheiros, do Conjunto Pinheiros e do Conjunto Esperança.

Em 1988, foi criada a 30ª Região Administrativa, abarcando a área da Maré, a primeira da cidade a se instalar numa favela, marcando o reconhecimento da região como um bairro popular.

Nos anos de 1980 e 1990, foram construídas as habitações de Nova Maré e Bento Ribeiro Dantas, para abrigar moradores transferidos de outras áreas de risco da cidade. Já a pequena comunidade inaugurada pela prefeitura em 2000 e batizada pelos moradores como Salsa e Merengue é tida como uma extensão da Vila Pinheiros.

Ao longo dos últimos 10 anos, a Maré apresentou um rápido incremento de domicílios e, evidentemente, de população. Com isso, ela aparece, pela primeira vez, como o mais populoso complexo de favelas do Rio de Janeiro. O fato decorre da incorporação ao bairro, das comunidades locais até então identificadas como conjuntos habitacionais. Outro fator significativo foi a construção, entre 1993 e 1997, de três novos conjuntos habitacionais, processo realizado pelo programa municipal de remoção de populações em áreas de risco: Nova Maré, Bento Ribeiro Dantas e Salsa e Merengue (esse último, oficialmente identificado como Novo Pinheiros).

O crescimento do Complexo da Maré em número de habitantes pode ser visto na tabela 2 onde é comparado ao crescimento de outras áreas com características semelhantes às dele.

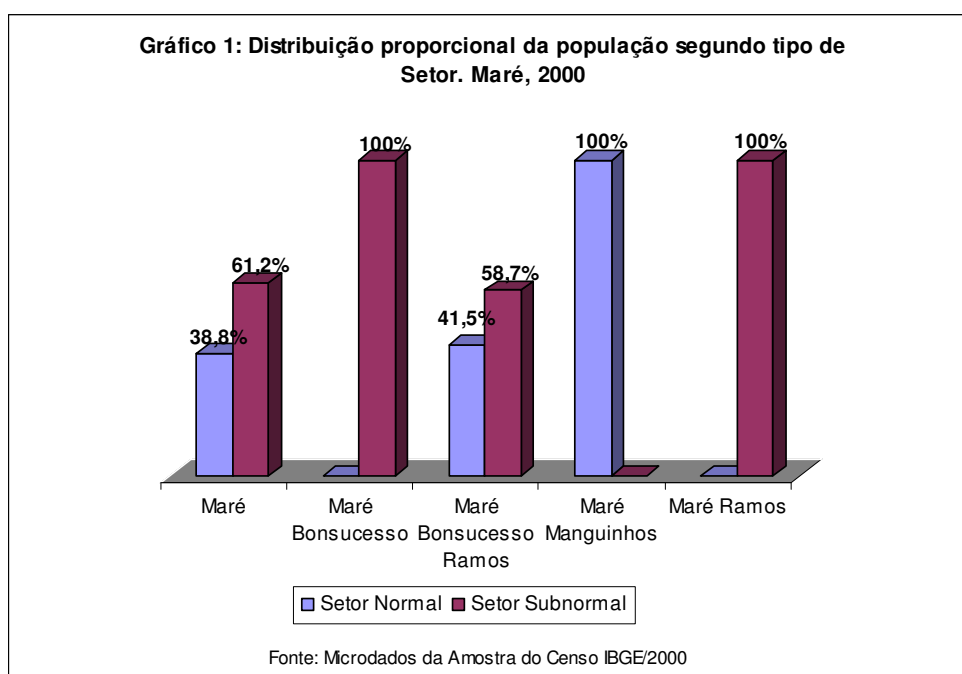
**Tabela 2: População da Maré e outros bairros do município do Rio de Janeiro, 1991, 1996 e 2000**

Localidade	1991	1996	2000
Maré	62.458	68.817	113.817
Alemão	51.591	54.795	65.637
Rocinha	42.892	45.585	56.313
Jacarezinho	37.393	34.919	36.428

Fonte: Microdados da Amostra do Censo IBGE/2000

A região da Maré está localizada na zona Norte do município do Rio de Janeiro e para o setor saúde ela faz parte da Área Programática 3.1. O Complexo da Maré está subdividido pela prefeitura em quatro subáreas que não representam uma divisão de comunidades, mas são definidas pela proximidade com os bairros do entorno. São elas Maré Bonsucesso, Maré Bonsucesso-Ramos, Maré Manguinhos e Maré Ramos.

Analisando os setores censitários do Complexo da Maré observamos que 61% da população encontra-se em setor considerado pelo IBGE como do tipo *subnormal*<sup>1</sup>. As subáreas Maré Bonsucesso e Maré Ramos têm 100% de seus moradores vivendo em setor subnormal. Situação oposta só ocorre em Maré Manguinhos onde toda a população está em *setor normal*, como podemos constatar no gráfico 1.

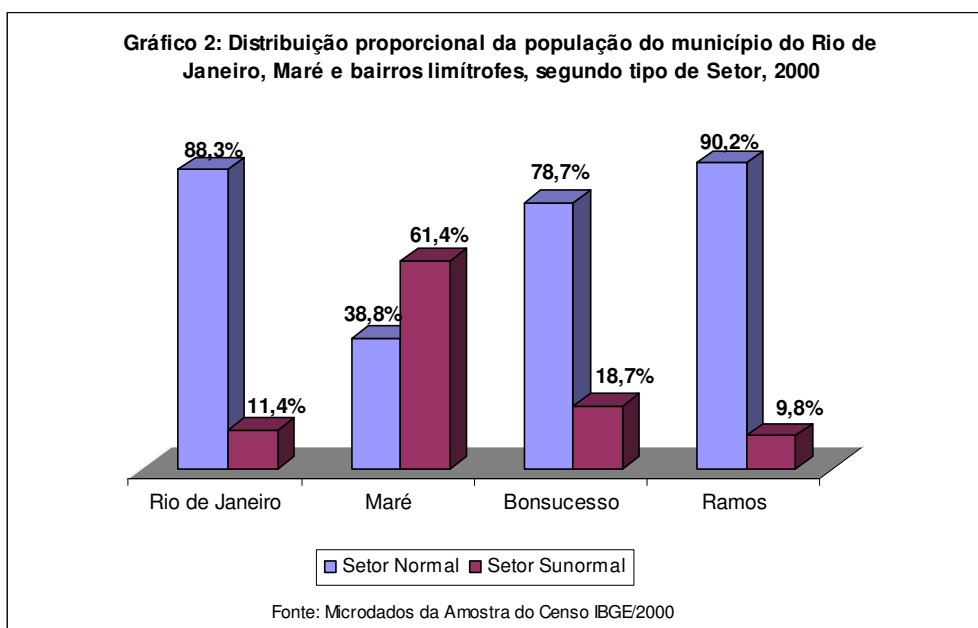


Conforme podemos verificar, a maioria dos moradores da Maré reside em regiões classificadas como *favelas*. A presença de setores classificados como *normais* nessa área se deve ao início de urbanização e de transformação da Maré em bairro.

Comparando o Complexo da Maré com os bairros de seu entorno e com o município do Rio de Janeiro, observamos situação oposta como mostra o gráfico 2. Na cidade e nos

<sup>1</sup> Na presente pesquisa consideraram-se dois tipos de Setor, segundo classificação do IBGE. O *Normal*, também considerado comum, sem características especiais e o *Subnormal*, composto por conjuntos como favelas e assemelhados, constituído por unidades habitacionais (barracos, casas e outros) que ocupem ou tenham ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) disposta, em geral, de forma desordenada, densa e carente, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.

outros bairros como Bonsucesso e Ramos, a maioria da população vive em setores considerados *normais*.



Analisando o perfil domiciliar das famílias da Maré constatamos que a média do número de cômodos é de 4,4 por domicílio. Ressaltamos que cada área individualmente apresenta perfil muito semelhante ao bairro como um todo.

A tabela 3 mostra a média de cômodos e a densidade dos domicílios da cidade, da Maré e dos bairros de seu entorno. Podemos observar que a média de cômodos por domicílio e a média de cômodos usados como dormitório na Maré mostram-se menores se comparadas às demais regiões. No entanto, a densidade do domicílio é maior do que a dos bairros limítrofes e a do município como um todo.

**Tabela 3: Média de cômodos e densidade por domicílio no município do Rio de Janeiro, Maré e bairros limítrofes, 2000**

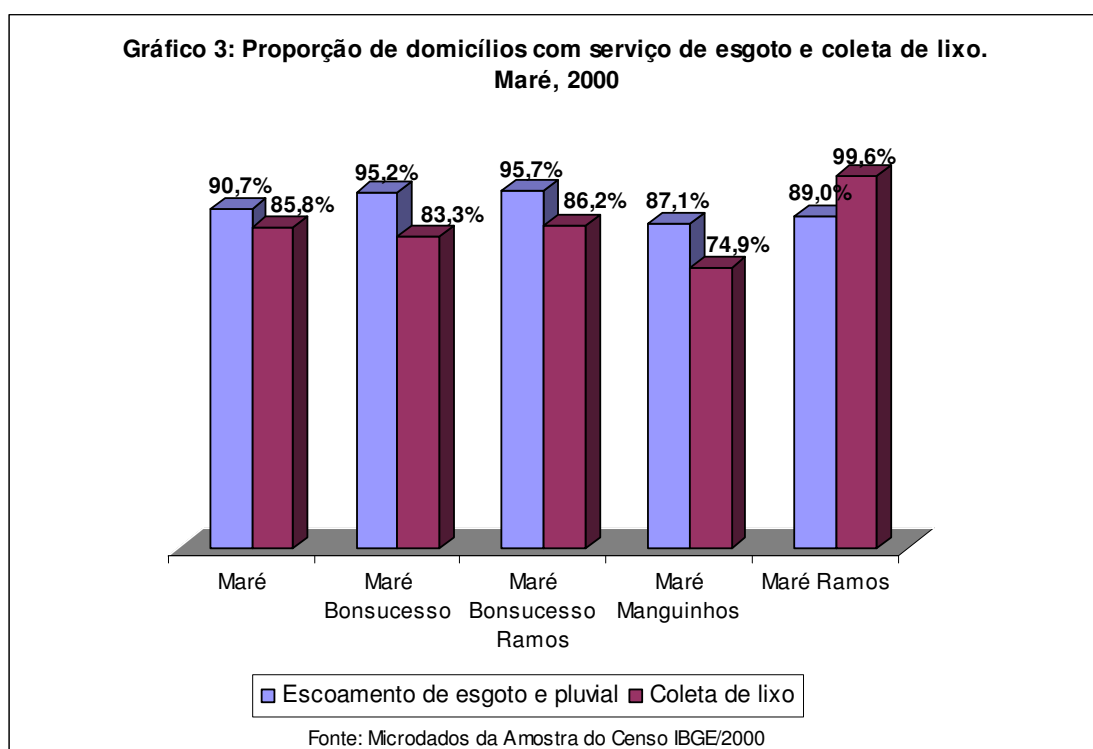
Local	Média de cômodos	Média de cômodos dormitório	Densidade do domicílio
Rio de Janeiro	5,7	1,8	1,9
Maré	4,4	1,6	2,3
Bonsucesso	5,6	1,8	1,8
Ramos	5,5	1,8	1,8

Fonte: Microdados da Amostra do Censo IBGE/2000

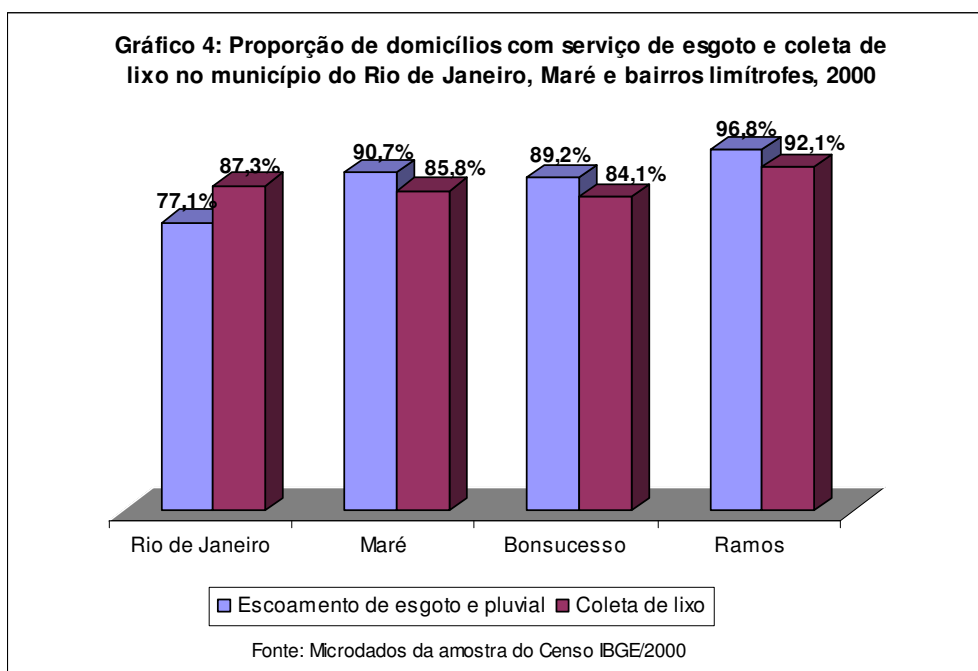
Quanto ao abastecimento de água, em todas as sub-regiões da Maré, mais de 99% das residências são abastecidas pela *Rede Geral*. Quando se destaca a canalização da água em pelo menos um cômodo da moradia, a região Maré Ramos apresenta a menor proporção (91,5%) se comparada com o Complexo (96,8%). Apesar dessa menor proporção, não há diferença significativa entre as subáreas e a Maré como um todo.

Comparado com os bairros do entorno, o Complexo da Maré apresenta uma proporção menor de domicílios com água canalizada em pelo menos um cômodo da casa: em Bonsucesso esse percentual é 99,8%, em Ramos 99,5% e no município, 97,8%. O abastecimento de água na Maré, via rede geral é maior que a média do município do Rio de Janeiro (97,8%).

Em relação ao saneamento domiciliar, as sub-regiões de Maré Manguinhos e Maré Ramos apresentam menor cobertura de escoamento na rede geral de esgoto e pluvial (87,1% e 89% respectivamente). Como mostra o gráfico 3, o serviço de coleta de lixo também é mais precário em Maré Manguinhos (74,9%) em relação à cobertura da Maré como um todo (85,8%).



Quando comparado com a cidade e com os bairros limítrofes, o Complexo da Maré apresenta proporções mais elevadas de escoadouro via rede geral (gráfico 4). Apesar disso, o serviço de coleta de lixo na Maré está abaixo da média do município e do bairro de Ramos, mas apresenta uma cobertura maior do que o bairro de Bonsucesso.



Em relação ao atendimento de saúde prestado à população da Maré, as informações foram coletadas através de contatos pessoais e telefônicos com os serviços e entrevista realizada com um gestor.

Existe no Complexo da Maré uma *rede de atenção*, atualmente constituída por oito unidades básicas de saúde e um centro de atenção especializada que presta atendimento aos seus moradores.

A rede de atenção básica de saúde foi implantada em meados da década de 1990, com exceção do Centro de Saúde especializado que teve sua implantação na década de 1970 e, portanto, se configura como referência para todas as comunidades do Complexo da Maré. O Programa de Agentes Comunitários de Saúde/PACS criado no ano de 2000 foi agregado a uma unidade básica de saúde e um serviço de fisioterapia e reabilitação, implantado em 2002, foi extinto.

Nas unidades básicas de saúde são disponibilizados atendimentos nas áreas de clínica geral, pediatria, ginecologia, odontologia e enfermagem. Outros serviços como farmácia e atendimento psicossocial para grupos de adolescentes, mulheres, pacientes diabéticos e hipertensos também estão disponíveis. Cada unidade de saúde da Maré executa em média 800 procedimentos mensais.

O atendimento prestado nas unidades básicas de saúde é preferencial para os moradores das comunidades mais próximas. Apesar disso, foi relatado pelo gestor entrevistado que, devido à existência de diferentes facções rivais do tráfico de drogas, os moradores são impedidos de circular em determinadas áreas da comunidade que representam os limites entre uma facção e outra. Nesses casos, as pessoas procuram unidades de saúde distantes de sua residência para receber atendimento médico.

O atendimento da rede de atenção básica municipal do Rio de Janeiro é realizado de segunda a sexta-feira, das 8 às 17 horas. Através dos contatos com várias dessas unidades de saúde, relatos dos moradores deram conta de que, para a segurança dos profissionais de saúde e da própria comunidade, o atendimento encerra uma hora antes.

A assistência prestada às vítimas de violência nessas Unidades Básicas inclui o encaminhamento para um programa desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ – o *Centro de Referência Mulheres da Maré*. Esse programa presta assistência psicossocial e jurídica a mulheres e crianças e está localizado na comunidade da Vila do João. Segundo informações obtidas, as agressões e maus tratos não são notificados pelos serviços de saúde, mas encaminhados para este programa que é referência para todas as comunidades da Maré. O Conselho Tutelar é outra instituição citada para encaminhamentos dos casos de violência contra crianças<sup>2</sup>.

O Centro Municipal de Saúde é a unidade de referência de atenção especializada para as Unidades Básicas da Maré e atende a todo o Complexo. Situa-se no limite entre o bairro de Ramos e a comunidade de Roquete Pinto. As especialidades oferecidas são: clínica

---

<sup>2</sup> Esse órgão possui um funcionamento autônomo, pois tem como missão, zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, conforme disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA. No município do Rio de Janeiro existem 10 Conselhos Tutelares responsáveis por áreas específicas. É composto por cinco membros com mandato de três anos, eleitos pela comunidade e de responsabilidade do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, sob fiscalização do Ministério Público.



geral, pediatria, ginecologia, obstetrícia, psiquiatria, psicologia, odontologia, cardiologia, dermatologia, epidemiologia, acupuntura, endocrinologia, nutrição, fonoaudiologia e enfermagem. Além disso, o Centro de Saúde oferece exames de laboratório, farmácia e atendimento psicossocial em grupo, para adolescentes, mulheres e pacientes diabéticos e hipertensos.

Em entrevista com um gestor dessa unidade foram aprofundadas algumas questões da relação violência-saúde no Complexo da Maré. Segundo ele, as situações de violência cujos agravos que chegam ao Centro de Saúde envolvem, principalmente, mulheres, adolescentes e crianças. Alguns casos são notificados, principalmente as agressões e abusos contra crianças, mas a grande maioria deles não é registrada devido ao medo da vítima de denunciar o agressor. Por esse motivo não é possível informar o número de casos de violência, mas entre os mais comuns estão os de violência psicológica motivados, principalmente, por abuso de drogas e álcool. O procedimento adotado por esta unidade de saúde em relação às vítimas de violência é, em geral, o acolhimento, a escuta e o apoio do profissional de saúde.

A relação entre o Centro Municipal de Saúde e os programas de prevenção à violência desenvolvidos na Maré se dá através do encaminhamento de crianças e jovens para o serviço de saúde por parte desses programas. Segundo a representante deste serviço, tal relação é dificultada pelos limites estabelecidos entre os grupos rivais de narcotraficantes.

A violência existente no bairro afeta não só os moradores, mas também os profissionais de saúde que se questiona sobre a necessidade e conveniência de notificar ou não, encaminhar para onde, dentre outras dúvidas que expressam.

Para a representante do Centro de Saúde, apesar dos limites impostos à população, os índices de violência nos últimos cinco anos vêm diminuindo. Essa percepção é corroborada pelos dados de mortalidade que serão apresentados posteriormente. Segundo ela, há alguns anos atrás, o atendimento nesse serviço se interrompia várias vezes em virtude dos conflitos armados existentes. Os programas de prevenção à violência implantados na Maré ajudaram a melhorar esses índices.

### **Características socioeconômicas e demográficas da população**

A população residente no Complexo da Maré foi caracterizada com base nos dados do Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. As características observadas são comparadas à população do município do Rio de Janeiro e aos bairros limítrofes à região da Maré.

A população da Maré é de aproximadamente 114.000 habitantes e representa 1% da população do município. O bairro possui cerca de 33.000 domicílios com maior concentração nas sub-regiões Maré Manguinhos e Maré Ramos, como se vê na tabela 4.

**Tabela 4: Distribuição da população do município do Rio de Janeiro, Maré e bairros limítrofes, 2000.**

<b>Áreas</b>	<b>N° de Domicílios</b>	<b>População local</b>
<b>Rio de Janeiro</b>	<b>3302119</b>	<b>10894156</b>
<b>Maré</b>	<b>33211</b>	<b>113807</b>
Maré Bonsucesso	8307	29467
Maré Bonsucesso Ramos	3989	13638
Maré Manguinhos	10867	38543
Maré Ramos	10048	32159
<b>Bonsucesso</b>	<b>6683</b>	<b>19298</b>
<b>Ramos</b>	<b>12034</b>	<b>37537</b>

Fonte: Microdados da Amostra do Censo IBGE/2000

A distribuição proporcional da população da Maré nas comunidades que a constituem pode ser vista na tabela 5. A distribuição dos habitantes ocorre de forma desigual, com maior concentração populacional no Parque União, Vila Pinheiros e Parque Maré.

**Tabela 5: Distribuição proporcional da população da Maré nas comunidades do bairro. Maré, 2000**

<b>Comunidade</b>	<b>% população</b>
Parque União	13,50
Vila Pinheiros	11,70
Parque Maré	11,65
Baixa do Sapateiro	8,70
Nova Holanda	8,60
Vila do João	8,80
Rubens Vaz	6,00
Marcílio Dias	5,40
Morro do Timbau	4,60
Conjunto Esperança	4,30
Salsa e Merengue	4,00
Praia de Ramos	3,62
Conjunto Pinheiros	3,60
Nova Maré	2,40
Roquete Pinto	1,90
Bento Ribeiro Dantas	1,70
Mandacaru	0,32

Fonte: Microdados da Amostra do Censo IBGE/2000

No Complexo da Maré, assim como nas subdivisões Maré Bonsucesso, Maré Bonsucesso-Ramos e Maré Manguinhos, predominam as pessoas do sexo masculino, tanto na população geral quanto na faixa de 15 a 24 anos. Em Maré Ramos ocorre uma exceção: as mulheres estão um pouco mais representadas no total de habitantes e na faixa de 15 a 24 anos.

Em relação à cor, observamos que o perfil populacional do Complexo da Maré é composto, em sua maioria por pardos e negros (54,4%). Para a faixa etária de 15 a 24 anos esta proporção se mantém e os que se declaram pardos e negros representam 54,6%.

É grande a concentração de filhos (as) e enteados(as), tanto no Complexo como um todo como nas sub-regiões (39,3%). Essa proporção é ainda maior entre as pessoas na faixa de 15 a 24 anos (52,3%). A segunda maior concentração é de pessoas responsáveis pelo domicílio com 29,2% dos casos. Ressaltamos que 16% da população de 15 a 24 anos, são cônjuges ou companheiros e que 13,9% são responsáveis pelo domicílio. Nas sub-regiões este comportamento se repete. Os detalhamentos sobre as sub-regiões podem ser vistos na tabela 6.

**Tabela 6: Indicadores de características pessoais. Complexo da Maré e subdivisões**

Dados em %  Indicadores	Complexo da Maré		Maré Bonsucesso		Maré Bonsucesso – Ramos		Maré Manguinhos		Maré Ramos	
	População total	População de 15 a 24 anos	População total	População de 15 a 24 anos	População total	População de 15 a 24 anos	População total	População de 15 a 24 anos	População total	População de 15 a 24 anos
<b>Sexo</b>										
Masculino	49,4	49,9	48,9	49,2	49,3	49,3	49,3	50,0	50,1	50,5
Feminino	50,6	50,1	51,1	50,8	50,7	50,7	50,7	50,0	49,9	49,5
<b>Cor ou raça</b>										
Branca	44,1	44,0	41,8	43,3	39,9	37,0	44,7	45,5	47,4	45,5
Preta	9,3	8,8	9,4	7,3	9,3	8,9	9,7	10,3	8,8	8,2
Amarela	0,3	0,3	0,6	0,2	-	-	0,2	0,4	0,4	0,6
Parda	45,1	45,8	46,3	47,6	50,5	53,7	44,4	42,7	42,4	45,0
Indígena	0,4	0,3	0,6	0,5	0,1	-	0,4	0,2	0,2	0,2
Ignorado	0,8	0,8	1,3	1,0	0,1	0,4	0,6	0,9	0,9	0,6

Fonte: Construído com base nos Microdados da Amostra do Censo 2000

Cerca de 59,5% dos moradores do Complexo da Maré sempre residiu no município. Ao analisar este indicador por faixa de tempo de moradia, observamos maior concentração de pessoas vivendo no município há menos de 9 anos, tanto no conjunto do bairro como nas sub-regiões. Outra característica dessas sub-regiões é a elevada proporção de moradores antigos que aí residem há mais de 30 anos, sobretudo em Maré Bonsucesso. Para o conjunto do bairro essa proporção é de 26,8% e em Maré Bonsucesso ela atinge quase 34% dos habitantes, equiparando-se à proporção de população residente há menos de 9 anos.

Crianças de zero a 14 anos representam 30% na estrutura da população da Maré. Essa composição populacional repleta de crianças e pré-adolescentes, agrega demandas específicas em termos de políticas públicas de educação, saúde, cultura e lazer.

Ressaltamos ainda que grande parte da população na faixa etária de 7 a 14 anos do Complexo da Maré freqüenta a escola ou creche (92%) e suas divisões apresentam proporções bem similares, sendo a menor proporção observada em Maré Bonsucesso (85,3%).

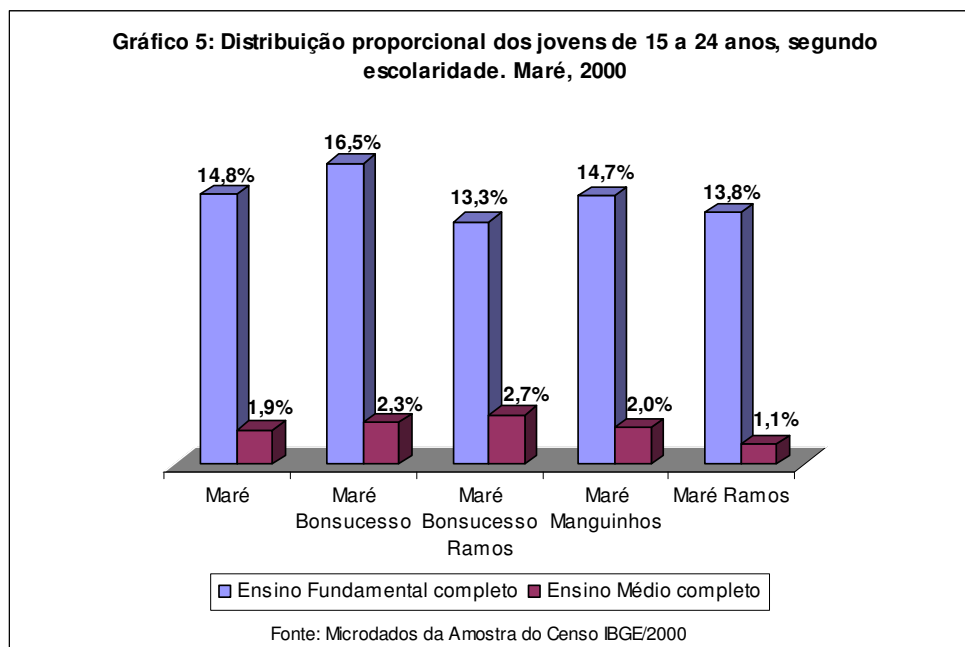
Segundo informações apresentadas pelo IBGE, para o período 1981 a 1985, a taxa de crianças de 7 a 14 anos que não freqüentavam a escola no município do Rio de Janeiro era de 5,5%. No Censo de 2000, essa taxa percentual caiu para 3,2%. Na Maré, 8% dessas crianças estão fora da escola, ou seja, em cada 100 crianças, pelo menos 8 estão sem acesso à educação formal.

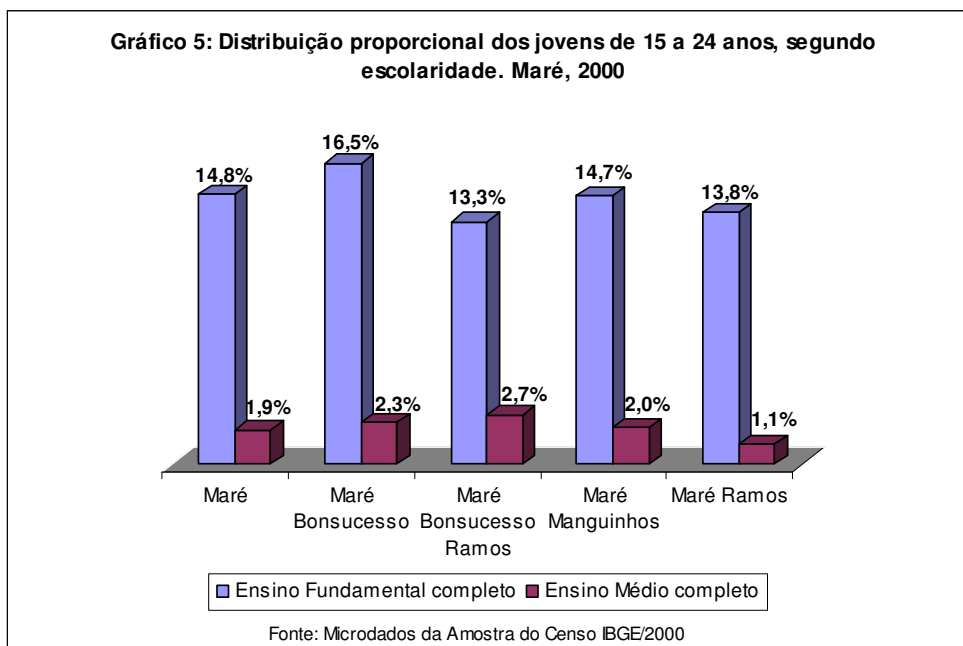
A proporção de crianças de 7 a 14 anos que freqüenta escola ou creche na Maré, apesar de ser alta (92,0%), ainda se mostra menor que a dos bairros de Bonsucesso (98,1%), Ramos (98,0%) e Benfica (96%). Somente o bairro de Manguinhos apresenta média semelhante à da Maré.

O Censo realizado pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré/CEASM constatou que 2% das crianças residentes na Maré exercem algum tipo de

trabalho. A taxa pode ser considerada elevada, principalmente quando comparada à do município do Rio de Janeiro (0,6%), que tem sido vista como a capital com menor taxa de trabalho infantil no Brasil. O percentual obtido para o conjunto da Maré (2%) aproxima o bairro das capitais brasileiras com maior índice de crianças envolvidas no trabalho infantil: Fortaleza (2,4%), Goiânia (1,9%) e Salvador (1,9%).

No gráfico 5 vemos que os habitantes da Maré na faixa etária de 15 a 24 anos apresentam baixa escolaridade. Seria de se esperar que as pessoas deste segmento populacional tivessem pelo menos o Ensino Fundamental completo, no entanto, são alarmantes os baixos percentuais de jovens com essa escolaridade, tanto no Complexo da Maré como em todas as suas subáreas, indicando que os jovens moradores destas comunidades estão seriamente expostos a riscos. Piores ainda são as proporções de jovens com o Ensino Médio completo.





As informações do IBGE apontam para uma taxa local de 13,4% de adultos analfabetos. Esse percentual é muito próximo da média brasileira (13,3%), porém muito acima das taxas do município do Rio de Janeiro para o ano de 1992 (6,1%) e, principalmente, para o ano de 1999 (3,4%).

Quando comparamos as sub-regiões do Complexo, somente Maré Bonsucesso apresenta maior proporção de população analfabeta (15,5%).

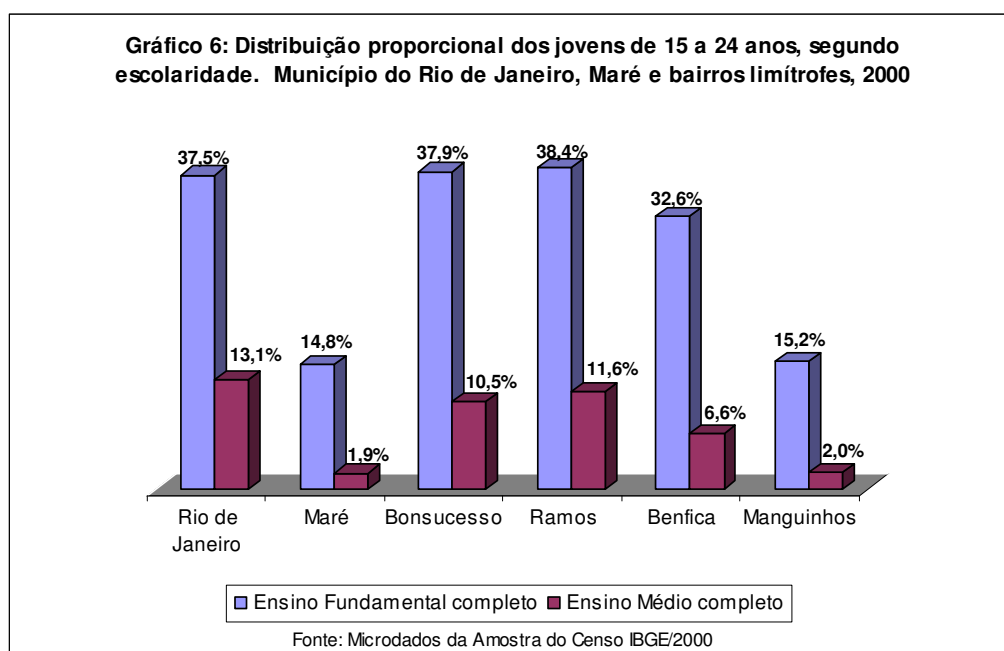
Ao comparar os jovens da Maré com os de bairros e município do Rio de Janeiro (gráfico 6), concluímos que a maioria deles não completou sequer o ensino fundamental, considerando todas as áreas. A percentagem de jovens com esse nível de escolaridade incompleto na Maré é muito menor (14,8%) do que no município (37,5%) e nos bairros vizinhos.

Em relação às proporções de pessoas com o Ensino Médio completo, o Complexo da Maré apresenta a pior média (1,9%) em relação à cidade do Rio de Janeiro (13,1%) e aos bairros de seu entorno, aproximando-se somente à situação do bairro de Manguinhos (2,0%).



O índice de analfabetismo entre os jovens da Maré é de 3,3%, mais elevado que o das demais áreas aqui comparadas: Rio de Janeiro (1,6%), Bonsucesso (1,5%), Ramos (1,3%), Benfica (1,7%) e Manguinhos (3,2%).

A média de anos de estudos dos jovens da Maré é de 6,6 anos, baixa em relação à do Rio de Janeiro (8,4) e aos demais bairros do seu entorno, com médias próximas às do município. Apenas o bairro de Manguinhos equipara-se à média da Maré.



A proporção das pessoas que possui o Ensino Fundamental completo é de 29,5% e o Ensino Médio completo 12,8% no bairro da Maré. Quando comparamos as subdivisões da Maré esta proporção se mantém muito próxima à do bairro como um todo como podemos ver na tabela 7.

**Tabela 7: Escolaridade da população acima de 25 anos. Maré, 2000**

Áreas	Analfabetos	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio completo	Média de anos de estudo
<b>Maré</b>	<b>13,4</b>	<b>29,5</b>	<b>12,8</b>	<b>5,17</b>
Maré Bonsucesso	15,5	27,6	13,3	4,99
Maré Bonsucesso Ramos	12,0	29,7	11,1	5,23
Maré Manguinhos	13,1	30,1	12,0	5,16
Maré Ramos	12,4	30,6	13,8	5,33

Fonte: Microdados da Amostra do Censo IBGE/2000

A média de anos de estudo do Complexo da Maré e suas subdivisões encontram-se em torno de 5 (cinco) anos, o que é de se esperar pela baixa proporção de pessoas com o Ensino Fundamental completo. A baixa escolaridade explica a baixa renda *per capita* dos habitantes dessa região, como veremos adiante.

Como mostra a tabela 8, nos bairros de seu entorno, o perfil educacional dos moradores é melhor se comparado com a Maré. Além da quantidade de analfabetos ser menor, a média de anos de estudo supera à da Maré. Esse fato é esperado visto que nos bairros de Bonsucesso, Ramos e Benfica, mais da metade da população possui o ensino fundamental completo.

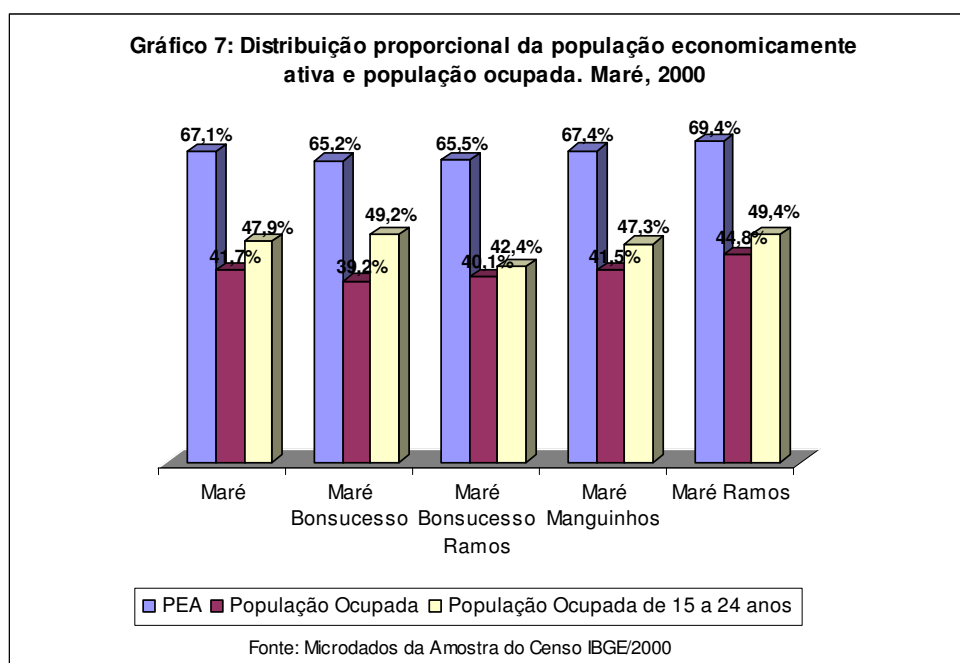
**Tabela 8: Escolaridade da população acima de 25 anos no município do Rio de Janeiro, Maré e bairros limítrofes, 2000.**

Áreas	Analfabetos	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio completo	Média de anos de estudo
<b>Rio de Janeiro</b>	<b>4,9</b>	<b>47,6</b>	<b>30,9</b>	<b>8,51</b>
Maré	13,4	29,5	12,8	5,17
Bonsucesso	5,0	60,1	43,8	8,34
Ramos	3,2	62,0	45,3	8,42
Benfica	6,6	52,6	10,6	7,29
Manguinhos	10,6	30,1	1,6	5,21

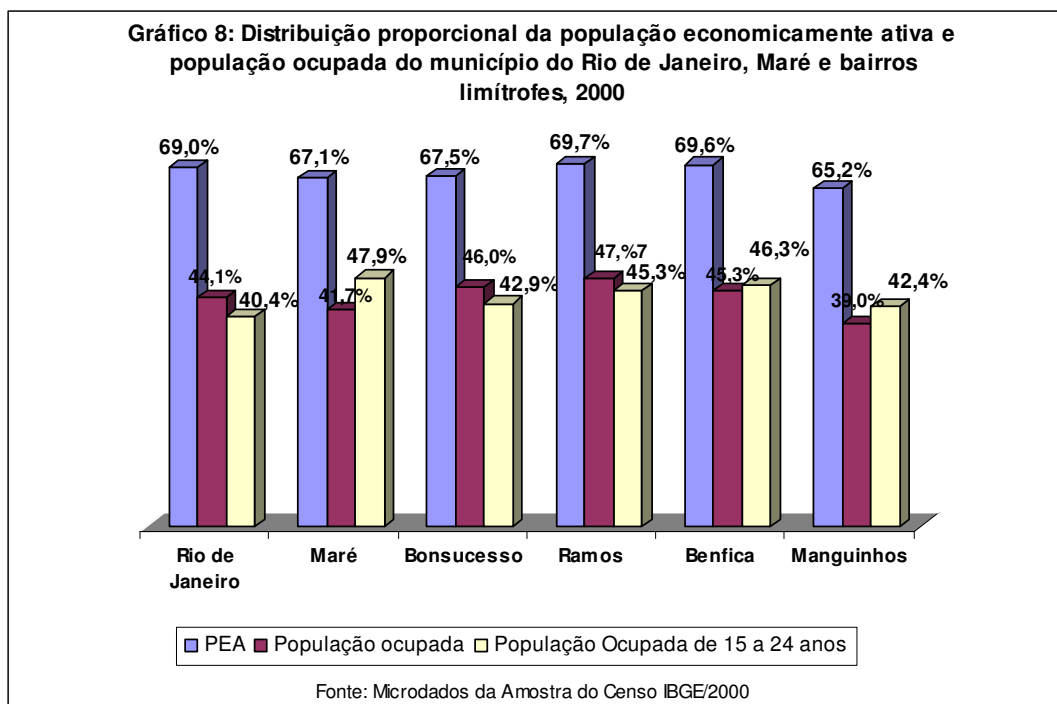
Fonte: Microdados da Amostra do Censo IBGE/2000

A população economicamente ativa/PEA da Maré atinge 67,1% de seus moradores. Essa proporção se mantém muito próxima entre suas sub-regiões como podemos ver no gráfico 7.

Quanto às pessoas ocupadas, notamos que somente a sub-região Maré Ramos possui proporção maior que a do Complexo como um todo. Há, proporcionalmente, mais pessoas ocupadas entre jovens de 15 a 24 anos do que na população geral. Nas subdivisões Maré Bonsucesso e Maré Ramos esses percentuais são ainda maiores que a média do Complexo. Vale lembrar que 13,9% desses jovens são responsáveis por seu domicílio.

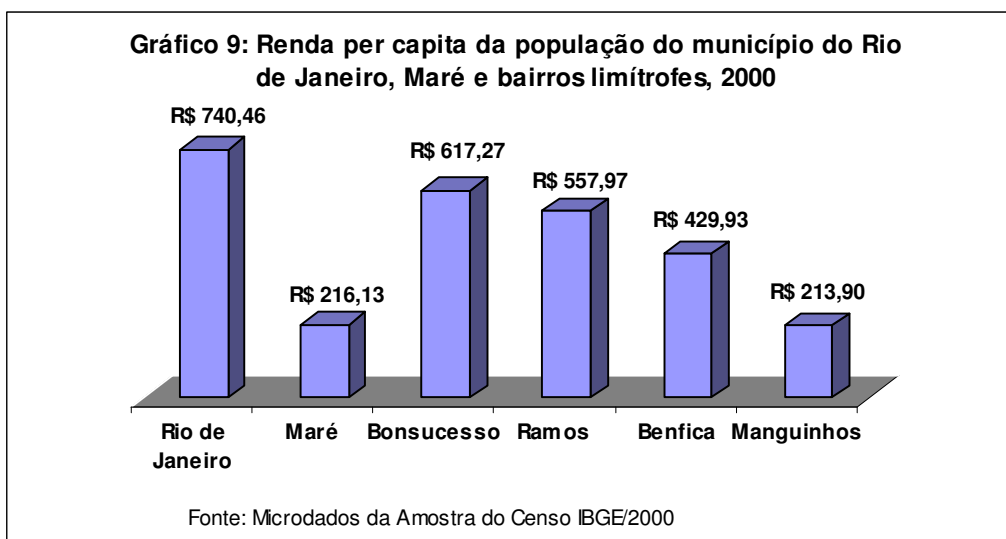


No gráfico 8 observamos pequenas diferenças entre a Maré e seus arredores, no que se refere à PEA e à população ocupada. Entre as pessoas com idade de 15 a 24 anos, a Maré apresenta média de população ocupada maior, se comparada com o município e com os bairros vizinhos. Apesar disso, os dados indicam que um grande percentual de pessoas residente no Complexo da Maré e também nos bairros vizinhos não está ocupada, como podemos ver no gráfico 8.

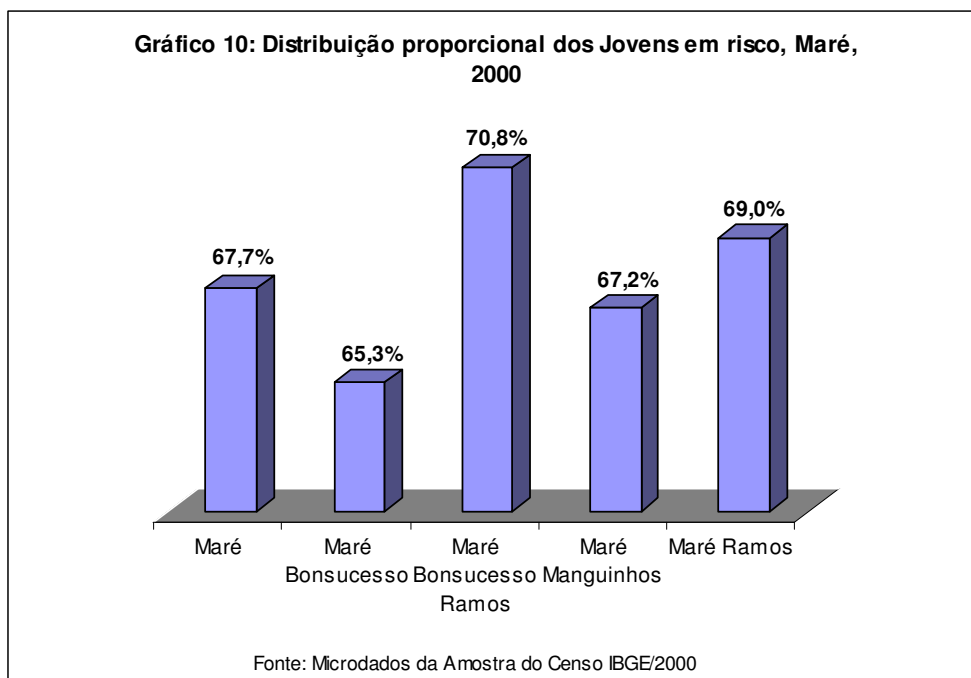


A renda *per capita* média dos moradores da Maré era R\$ 216,13 (cerca de um salário mínimo e meio) em 2000. Essa renda é muito inferior à média da cidade e dos bairros vizinhos como Bonsucesso, Ramos e Benfica. Somente em Manguinhos encontramos renda inferior à da Maré (gráfico 9).

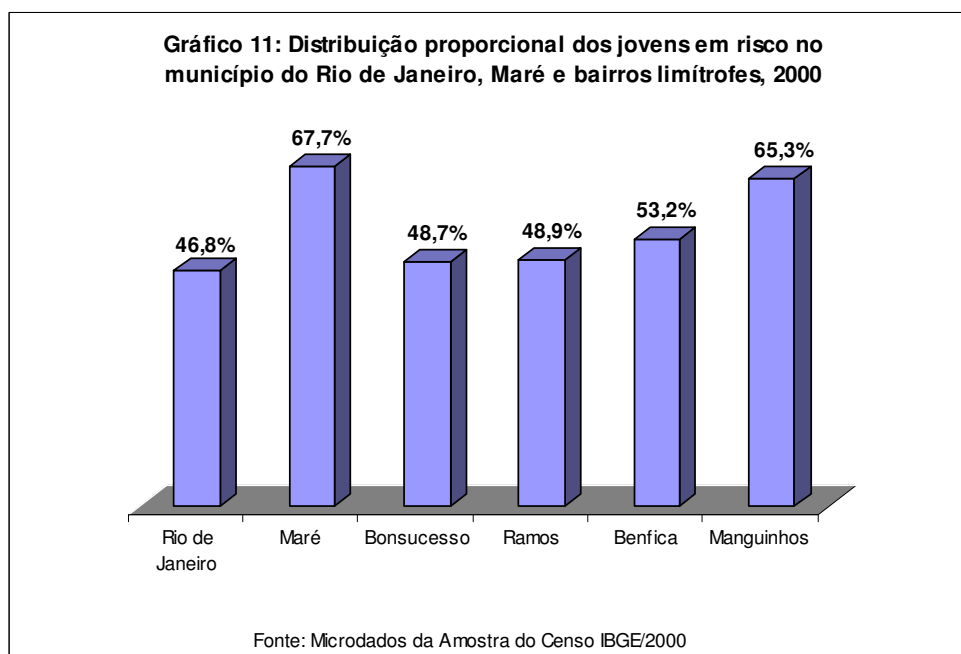
Lembramos que 29,2% das pessoas que residem na Maré são responsáveis por seus domicílios e contam com uma renda média menor que dois salários mínimos. Outro dado relevante é que 16,9% desses domicílios são chefiados por mulheres. No município do Rio de Janeiro, esse percentual de domicílios é maior (35,3%).



Neste estudo, consideramos *jovem em situação risco* todos os de 15 a 24 anos que não completaram o ensino fundamental, estão fora da escola e do mercado de trabalho formal ou informal. No Complexo da Maré 19,8% da população se concentra na faixa de 15 a 24 anos de idade, sendo significativa a proporção dos jovens considerados “em risco” (67,67%). Essa proporção também é semelhante nas quatro subdivisões da Maré, sendo que na subárea Maré-Bonsucesso-Ramos esse indicador se mostra ainda pior (70,8%), como podemos ver no gráfico 10.



Ao observar os dados do município do Rio de Janeiro notamos que há menores proporções tanto de jovens na população (17,5%) como de jovens considerados em situação de risco (46,8%). Em comparação com os bairros de Bonsucesso, Ramos e Benfica e, principalmente com a cidade, a Maré apresenta proporção mais elevada, como mostra o gráfico 11.



As informações sobre baixa escolaridade, desqualificação profissional e renda mínima são, entre outros fatores, determinantes para a exposição ao risco por parte da população jovem moradora do complexo da Maré.

Os dados de 2000 a 2004 referentes à mortalidade por arma de fogo apontam que houve uma redução de 15,5% na taxa de homicídios da Maré (passou de 58,2 para 50,4 por 100.000 habitantes). Esse comportamento deveu-se em parte, à diminuição da taxa entre os jovens de 15 a 24 anos: foram 40 homicídios, com taxa de 178,5/100.000 jovens nesta faixa etária em 2000, que decresceu 24,4%, baixando para 34 mortes e uma taxa de 143,5, em 2004. Essa redução ocorreu entre jovens do sexo masculino, cuja taxa diminuiu 32% de 2000 para 2004 (passou de 358,0 para 270,9 por 100.000 habitantes).

Em termos comparativos a taxa de homicídios na população geral do Rio de Janeiro caiu bem menos (apenas cerca de 2%; passou de 3.362 óbitos e taxa de 57,4 por 100.000 habitantes, em 2000, para 3.316 mortes e taxa de 56,3, em 2004). Entre os jovens de 15 a 24 anos o comportamento foi inverso ao da Maré: o número dessas mortes aumentou de 1.423 para 1.462 e a taxa cresceu 7%, passando de 139,2 para 148,7/100.000 habitantes nos anos de 2000 e 2004, respectivamente.

## **4. IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO**

### **4.1. Contexto histórico do projeto *Luta pela Paz***

O projeto *Luta pela Paz* foi construído sob os auspícios da organização não-governamental Viva Rio. A principal motivação para o desenvolvimento dessa proposta no bairro da Maré foi o alto índice de mortalidade por armas de fogo no Rio de Janeiro e em particular nesse complexo de favelas. No município do Rio, no ano de 2000, 6.218 pessoas abaixo dos 25 anos foram mortas por armas de

fogo. Destas, 609 tinham menos de 18 anos (DATASUS, 2000). Nesse período, a organização não-governamental Viva Rio desenvolvia uma grande quantidade de projetos sociais em comunidades pobres do Rio de Janeiro, chegando a beneficiar cerca de 60.000 mil jovens. No entanto, nenhum desses projetos estava voltado para jovens envolvidos diretamente com a violência armada.

Além da busca de alternativas para enfrentar a exacerbação da violência armada entre jovens, a história do Projeto *Luta pela Paz* tem, na origem, uma motivação e um pressuposto pessoal de seu fundador, um voluntário que havia lutado boxe por oito anos em campeonatos das faculdades britânicas na década de 1990. A paixão por esse esporte, a crença de que o boxe pode criar um laço de confiança entre o treinador e o aluno, servindo de modelo e orientação para os jovens, aliados ao pressuposto da importância de internalização de regras e da disciplina para a própria vida de crianças e adolescentes que esse tipo de esporte propicia foram motes para essa iniciativa na Maré.

O projeto *Luta pela Paz* tem como estratégia a interseção de atividades esportivas com outras atividades culturais que buscam construir possibilidades de promoção e refletir sobre a questão da cidadania e da auto-estima de jovens de uma comunidade com baixo investimento social e que vivencia no seu cotidiano a violência armada de facções criminosas e confrontos policiais.

A oferta de um projeto atrativo para os jovens leva para crianças e adolescentes oportunidades de lazer, de praticar algumas modalidades esportivas, inclusive profissionalizantes e promover, sobretudo, um convívio mais pacífico na comunidade e mais solidário para com o próximo.

O projeto começou a ser desenvolvido no ano 2000. Inicialmente, o Centro Esportivo e Educacional Luta pela Paz funcionou durante três anos nas instalações cedidas pela Associação de Moradores da favela Parque União. Com o objetivo de atender a um número cada vez maior de jovens e diversificar as modalidades esportivas, houve a necessidade de se buscarem instalações maiores e mais adequadas. Em 2003, ocorreu a mudança para um prédio alugado



na comunidade de Nova Holanda onde o projeto ficou abrigado por dois anos. Atualmente o *Luta pela Paz* funciona em espaço físico próprio, construído especialmente para o desenvolvimento de suas atividades e situado na comunidade de Nova Holanda.

Segundo o coordenador do projeto, *“a idéia inicial era fazer uma coisa pequena, como um laboratório social, vamos abrir uma academia de boxe e ver se isso se mantém”*. Para o idealizador do projeto e ex-lutador de boxe, essa modalidade esportiva propicia uma relação de respeito e disciplina entre professor e aluno.

Inicialmente, o Projeto atendeu a 12 jovens na academia de boxe. A experiência foi crescendo e aos poucos houve a necessidade de contratação, tanto de profissionais especializados quanto de pessoal de apoio. Atualmente, o Projeto *Luta pela Paz* possui uma equipe técnica de 14 profissionais de educação, esporte e psicologia. O projeto também faz parte da organização não governamental Viva Rio, mas está sendo replicado em outros países que enfrentam situações semelhantes com jovens envolvidos em conflito armado.

Para viabilizar o início do projeto LPP no complexo da Maré, foi fundamental o apoio de um líder local, o Sr. Amaro. Adorador desse esporte, havendo praticado boxe na juventude, Sr. Amaro entendeu de pronto a proposta do coordenador e o apoiou. Além de ser um dos primeiros moradores da Maré, reconhecido como liderança local, já foi Presidente da Associação de Moradores e Amigos de Nova Holanda e da UNIMAR, uma associação que reúne todas as associações de moradores do Complexo da Maré. Atualmente é um dos Diretores da Vila Olímpica da Maré e também é um dos Conselheiros da ONG Viva Rio.

Através do Sr. Amaro, chegamos a Associação de Moradores do Parque União, que se tornou o primeiro parceiro local, disponibilizando um espaço para serem realizadas as atividades do projeto.

No início, o projeto contou com o apoio das instituições locais: utilizou as dependências da Creche Comunitária de Nova Holanda para realização de aula

de cidadania; a quadra do bloco carnavalesco “Mataram meu Gato”, para a realização de batizado de capoeira; a sede Náutica do Clube São Cristóvão, vizinho a comunidade, onde realizam competições de boxe amador por dois anos; a Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz, utilizando a praça para realização de competição de boxe e o campo de futebol para atividades com os alunos; a Vila Olímpica, onde utilizam a ciclovia para as corridas da preparação física dos atletas e o campo de futebol onde realizamos o futebol de integração dos alunos; a Associação de Moradores do Parque Maré, que ajudou a conseguir um espaço para ampliar as atividades; a Associação de Moradores e Amigos de Nova Holanda, que em parceria com o projeto cedeu a posse do terreno onde foi possível construir a nova sede do projeto e a utilização da praça para apresentação de roda de capoeira; o Posto de Saúde de Nova Holanda, onde os alunos conseguem atendimento para obter atestado de saúde e tratamento; CIEP César Pernetá, que apóia a inclusão escolar.

Durante os seis anos de atuação as maiores dificuldades enfrentadas pelo projeto segundo a coordenação foram: financeiras, precisam permanentemente buscar recursos para as ações; a violência na comunidade, que algumas vezes impediram a realização das atividades; e o local para construção do prédio, que só foi possível com a parceria da Associação de Moradores e Amigos de Nova Holanda. Pontuam como principais facilidades: envolvimento dos jovens, que sempre trouxeram os amigos e trabalham em mutirão para mudança, organização e limpeza, quando necessário; a maior parte da equipe morar na comunidade, que facilita o entendimento da realidade local e a aproximação com o público alvo e o relacionamento com as instituições locais.

## **4.2. Caracterização do projeto**

### **O que é o Projeto?**

*O projeto no início era uma academia, mas hoje é um centro educacional e esportivo. Aqui é para educar legal mesmo. Os colégios eles ensinam, dão educação aos jovens, mas aqui é como se fosse um complemento para você realmente ser um cidadão a entender onde você está vivendo, o que tem em volta de você. (egressos).*

Por envolver ações esportivas e educacionais o projeto recebe o nome de Centro Educacional e Esportivo *Luta pela Paz* - CEELPP. Um dos jovens entrevistados comenta sobre o nome: *"Em uma comunidade onde existe um índice de violência grande, causa um impacto [o termo] paz. Passa uma outra imagem da comunidade"* (egressos).

No Manual Metodológico criado pelo Projeto encontra-se a seguinte definição:

*"O Luta Pela Paz é um projeto piloto de prevenção e reinserção social que oferece aos jovens alternativas reais ao envolvimento no crime, violência armada e a participação nas facções organizadas do tráfico de drogas que dominam o local em que o projeto atua. O projeto é voltado para a reinserção social de menores de idade e jovens já envolvidos neste cenário, como também à prevenção do envolvimento de jovens que estão em "alto risco" de participarem destas atividades ilícitas.*

O CEELPP é um projeto do Viva Rio com apoio das seguintes instituições: "Laureus Sports for Good Foundation", "Embaixada Britânica", "Embaixada do Canadá", "Stuart and Hillary Williams Foundation", "Scott Wood", "Gery e Anne Juleff", "Ivanovich Family", "Dreams Can Be" e "Save the Children Suíça". Os recursos financeiros do Projeto são, em sua totalidade, proveniente de doações.

### **Missão do *Luta pela Paz***

*"O objetivo das academias de boxe é treinar campeões, mas por consequência, todas fazem um trabalho social que é a ligação do professor com o jovem. A relação de respeito, dedicação, de direção,*

*ensina disciplina, de regras...se você não tem com quem conversar em casa você vai procurar o professor. E a ligação de confiança entre professor e aluno é muito mais forte em esporte de combate: porque é porrada! Porque você precisa confiar. Então, por consequência, acaba sendo um trabalho social. Então vai ter o lado que é o boxe e paralelamente um apoio social” (coordenador).*

O projeto tem como missão oferecer aos jovens, em situação de risco, alternativas ao crime e ao emprego no tráfico de drogas através da inclusão social pelo esporte, educação, atuação social, promoção da cultura de paz e acesso ao mercado de trabalho.

### **Pilares teóricos do Projeto – A luta contra a Violência Armada**

*“O Luta pela Paz reflete a questão dos jovens aqui serem ativos e não passivos. Pacíficos, mas não passivos” (Coordenador)*

O Projeto busca travar uma “luta” contra a atratividade do tráfico de drogas, conforme descrito em sua metodologia, fazendo uma contradição em termos: é luta e ao mesmo tempo é busca de paz:

*O acesso ao esporte atrai as crianças da comunidade, dando a elas um sentimento de auto-estima elevado, fomentando a dedicação e incentivando a recusa em usar drogas. No Complexo da Maré, o esporte mais praticado é o boxe devido à atração que esse esporte exerce sobre o público-alvo e ao que este proporciona aos jovens – adrenalina, dedicação e disciplina. Nesse sentido, o boxe tem ampla importância, pois canaliza a agressividade dos jovens, transforma-a em energia positiva na forma de trabalho em equipe, auto-confiança, competição saudável e respeito às regras. O envolvimento no tráfico de drogas oferece adrenalina para crianças e jovens que participam dessa atividade. O boxe, outros esportes radicais e as artes marciais, por exemplo, também oferecem adrenalina. No Luta Pela Paz, essa adrenalina vem acompanhada de disciplina, responsabilidade, regras de comportamento dentro e fora do projeto, e trabalho em equipe, fazendo com que o jovem se sinta parte de um grupo (Manual de Metodologia, 2006,p.15).*

A palavra **luta** é empregada em duas acepções: a) como modalidade esportiva e, b) como resistência interna desenvolvida e trabalhada com o objetivo de conseguir o não-envolvimento na criminalidade, num ambiente social propício à violência.

*“Se você se conhece, confia em si e se ama, quem é mais fraco, na minha opinião, é quem pega na arma. Quem tem menos auto-conhecimento é quem pega em armas. Os jovens que tem mais auto-conhecimento são mais corajosos e são jovens que não são violentos. Porque esses jovens convivem com todas essas coisas o tempo todo. Para eles não caírem nessa parada, se você faz questão de não cair nessa parada, porque cair é muito mais fácil” (Coordenador).*

Os conceitos-valores chaves que norteiam o Projeto são auto-estima, resiliência e protagonismo juvenil. No entanto o coordenador enfatiza a questão da resiliência e do auto-conhecimento como focos de ação:

*“Para mim resiliência é um conceito chave. A gente fala em luta vocês falam em resiliência. É a luta para não cair na criminalidade. Você consegue ser pacífico, é uma questão de palavras. A gente fala muito aqui em reativo e ativo que pode dar esta idéia de protagonismo. Uma maneira do jovem ser pacífico na vida, mas de uma forma que eles sejam fortes por dentro invés de ser passivos, tipo como um lutador, por exemplo. Um lutador é uma pessoa disciplinada, ele treina todo dia, respeita os outros, não é violento de jeito nenhum. É um espaço onde é possível para uma pessoa, com o apoio de outras pessoas, aprender sobre si mesmo e ao mesmo tempo participar de um grupo reflexivo. E eu acho que o auto-conhecimento é fundamental para um projeto com jovens” (Coordenador).*

### **Fases da Intervenção**

Com foco na prevenção primária, observamos no quadro 1 os fatores de risco presentes no cotidiano dos jovens do Complexo da Maré (ou qualquer outra comunidade no Rio de Janeiro que apresentar um cenário parecido) relacionados aos fatores de proteção oferecidos pelo Projeto *Luta Pela Paz*.

## Quadro 1: Fases de intervenção do projeto Luta pela Paz

### Fase 1 - Prevenção Primária

Fatores de Risco	Fatores de Proteção - Resposta do Luta Pela Paz
<b>1. Estruturas Precárias (violência estrutural)</b>  <b>1.1</b> Família  <b>1.2</b> Serviços Públicos (saúde, educação, lazer)  <b>1.3</b> Economia (desemprego; sub-emprego; informalidade)	<b>1. Criação e Fortalecimento de Vínculos Afetivos</b>  <b>1.1</b> convivência diária; visita familiar; reuniões com responsáveis; apoio psicológico  <b>1.2</b> Reforço e acompanhamento escolar; acompanhamento médico, jurídico e psicológico atividades complementares: lazer, esporte e cultura  <b>1.3</b> Encaminhamento ao mercado de trabalho; desenvolvimento pessoal e profissional;
<b>2. Pobreza</b>	<b>2.</b> Cesta básica; encaminhamento ao mercado de trabalho
<b>3. Marginalização Social (preconceito)</b>	<b>3.</b> Recuperação da identidade e da auto-estima; conscientização
<b>4. Violência: estatal (polícia); facções de droga; crime em geral</b>	<b>4.</b> Formação cidadã (conhecimento dos direitos e deveres); apoio jurídico
<b>5. Cultura local: crime; tráfico de drogas; violência armada</b>	<b>5.</b> Promoção da cultura de paz através de atividades alternativas: esporte, lazer; educação

Fonte: Manual de metodologia do Projeto

No quadro 2 estão descritos os atrativos que o tráfico apresenta e a contraproposta do *Luta pela Paz*.

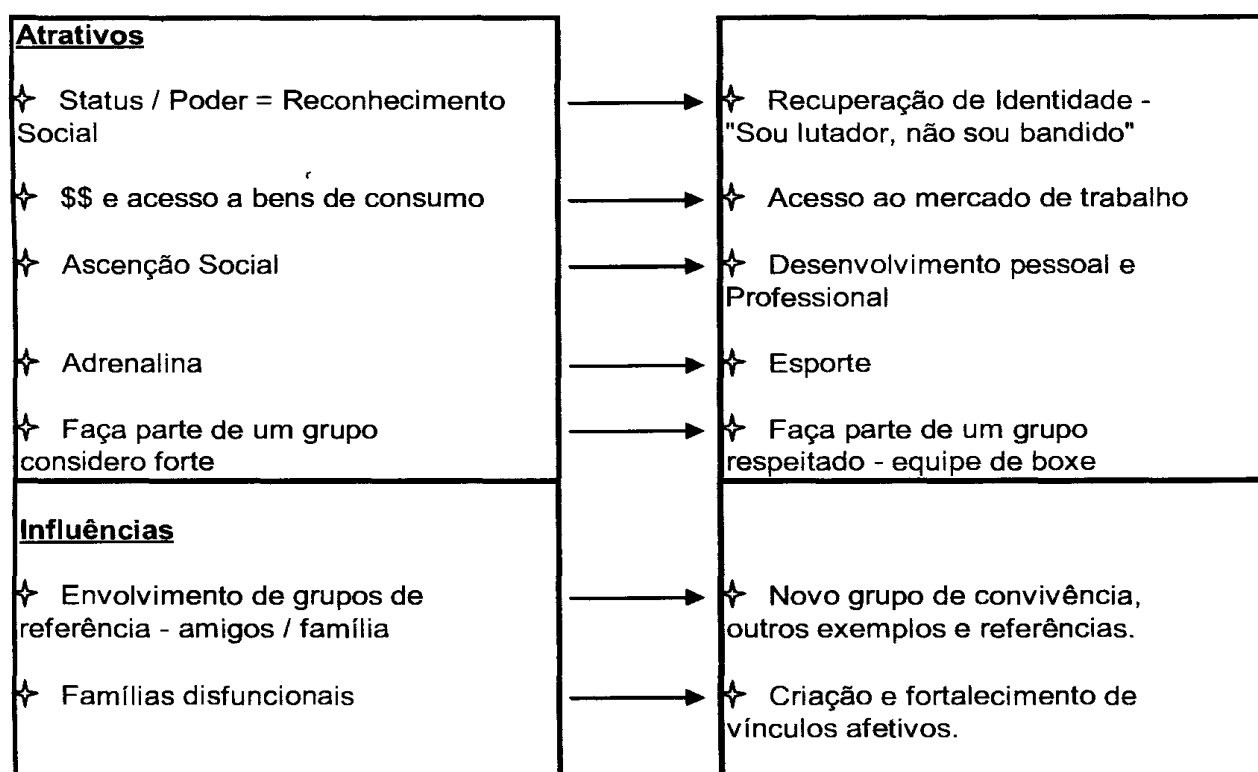
## Quadro 2: Fases de intervenção do projeto Luta pela Paz

### Fase 2 - Prevenção Secundária

(Processo de envolvimento já em andamento)

#### Tráfico

#### Contra-proposta do Luta Pela Paz



Fonte: Manual de Metodologia do Projeto

Segundo o Manual de Metodologia do Projeto a reinserção do jovem envolvido com o tráfico de drogas na sociedade se configura como um desafio. Nesse sentido as ações das fases 1 e 2 devem vir acompanhadas por tratamento psicológico com a finalidade de amenizar os traumas decorrentes das vivências violentas do tráfico.

## **Metodologia de atuação**

A metodologia do *Luta Pela Paz*, registrada em seu manual, combina cinco pontos descritos abaixo:

### **1) *Esporte como estilo de vida*: “Sou lutador, não sou bandido”;**

Através da identificação do jovem enquanto esportista a proposta tende a minimizar a atratividade que o traficante exerce na vida dos jovens;

### **2) *Educação para o futuro*:**

O projeto faz parcerias (1) com escolas locais para retorno à escola dos jovens que haviam abandonado os estudos; (2) com outros projetos educacionais relevantes na localidade para o encaminhamento dos jovens que necessitam ou desejam ampliar suas oportunidades; (3) com iniciativas de alfabetização e de reforço escolar.

Embora estar na escola não seja pré-requisito para a inscrição no projeto *Luta pela Paz*, os interessados em permanecer devem voltar a estudar ou continuar estudando. Com esse objetivo, o projeto faz parcerias com as escolas locais para reintegrar os jovens em idade escolar, ou os encaminha a outros projetos educacionais do Viva Rio, como o Telecurso Comunidade, que oferece cursos de ensino fundamental e médio, e o Projeto Estação Futuro, que oferece acesso à informática. Para os jovens que não foram alfabetizados ou que tenham dificuldades de aprendizagem, o projeto oferece aulas de alfabetização e reforço escolar, empregando uma professora particular que os prepara para seu ingresso no sistema educacional.

Segundo os documentos do Projeto, o *Luta Pela Paz* não exclui quem não está na escola, pois acredita que essa postura seria incoerente com a realidade do seu público-alvo. No entanto os estimula fortemente à reinserção escolar.



**3) Atuação social - promoção de uma cultura de paz:** com esse intuito são realizadas uma série de atividades e iniciativas, todas voltadas para proteger o jovem que participa do Projeto:

- Aulas de cidadania duas vezes por semana;
- Acompanhamento individual dos jovens participantes;
- Encaminhamento dos jovens para atendimento jurídico, médico ou psicológico, através do Serviço de Orientação Especial;
- Parcerias locais;
- Visitas familiares;
- Reuniões regulares com os responsáveis pelos participantes,
- Atividades complementares como cursos, eventos, encontros, seminários e visitas culturais realizadas pelo menos uma vez por mês.

**4) Acesso ao mercado de trabalho:** embora seja um dos pontos mais difíceis de serem realizados, o projeto tem objetivo bem claro nesse sentido, incluindo:

- Parcerias com empresas privadas;
- Encaminhamento de jovens a estágios remunerados.

**5) Jovens pelo futuro: capacitação de líderes:** cujo foco é o protagonismo juvenil, incluindo:

- Capacitação de jovens lideranças;
- Incentivo à gestão participativa na coordenação do projeto;
- Formação do conselho de jovens.

O último passo da proposta do *Luta pela Paz* é comprometer o jovem com a perspectiva de mudança da realidade social em que ele está inserido, assumindo seu papel de protagonista dessa mudança. Os jovens que possuem perfil de liderança dentro do grupo são convidados a participar de oficinas de capacitação de jovens lideranças. Essas oficinas objetivam desenvolver suas habilidades de discurso e trabalho em equipe e capacidade crítica para atuar como representante do grupo em seminários, eventos e encontros. Os jovens também são convidados a participar ativamente da coordenação do projeto, através da formação do Conselho Jovem. A participação no Conselho Jovem está aberta a todos os que demonstrem vontade de fazê-lo e que representem a vontade do grupo.

Para materializar esse tipo de participação é realizada uma eleição com voto fechado, em que os jovens indicam seus possíveis representantes. A partir da identificação dos mais votados, estes são convidados a integrar o Conselho. Eles têm encontros preliminares com a equipe do projeto com o objetivo de informá-los sobre o andamento da iniciativa. Esse conselho fica responsável por representar os jovens nas reuniões de coordenação e desenvolver junto com a equipe as estratégias de planejamento, execução e avaliação das atividades. Além disso, o Conselho Jovem também realiza um trabalho de sensibilização com os participantes do projeto, servindo como exemplo por suas atitudes e experiências pessoais. Segundo os jovens participantes, o Conselho tem as seguintes características:

*“Ele faz uma ponte entre o pessoal que participa do projeto e o pessoal da direção. Se o pessoal quiser reivindicar alguma coisa isso é passado para o conselho e é decidido numa reunião que a gente tem de quinze em quinze dias com o pessoal da direção. O Conselho Jovem é um grupo de jovens que se reúne de quinze em quinze dias para ver o que pode mudar no projeto, o que está sendo bom e o que está sendo ruim, o que pode mudar para melhor ou o que a gente pode retirar do plano para poder estar melhorando. Fala também de alguns cursos que são oferecidos, de algum evento que vai acontecer. A direção passa para a gente e a gente passa para os jovens” (Conselho Jovem).*

## **Atividades voltadas para a construção da Paz**

As atividades do Projeto se dividem em esportivas e educacionais. No entanto, segundo a coordenadora executiva do Projeto:

*No Luta pela Paz, a educação é vista como algo intrínseco a todas as suas etapas e atividades, além de ser um processo permanente*  
(Figueiredo, artigo no prelo)

No caso das **atividades esportivas**, o jovem deve escolher um esporte como principal (boxe, luta livre ou capoeira). A metodologia das atividades esportivas se pauta no respeito a si e ao outro e na disciplina. Esse tipo de atividade é encarado como estilo de vida. A partir da preparação esportiva dos jovens, são organizadas competições locais, ou em localidades próximas à comunidade.

### **Boxe**

O boxe é a atividade esportiva de maior tradição do Projeto. Há aula de boxe feminino, masculino e misto. Há também aulas especiais para treinamento daqueles que já estão na categoria de competidores. A aula tem duração aproximada de 90 minutos. Todos os dias, pela manhã, acontecem o treino livre e as aulas ocorrem três vezes por semana. Para participar do boxe é preciso ter pelo menos 13 anos de idade.

As aulas começam sempre com aquecimento - corrida no campo ao lado do prédio - depois são realizados exercícios específicos. Os recursos materiais mais utilizados são a luva, o saco de bater, corda e o Ring. Durante o processo avaliativo observamos que os equipamentos estão em boas condições. O espaço também é apropriado, amplo e arejado. As ataduras (para envolver os dedos antes de colocar as luvas) e o protetor de boca são individuais. Geralmente estão envolvidos na atividade o professor e um monitor. Esse último é um jovem que já está no nível de competidor. Chamou atenção dos pesquisadores a seriedade com que os treinos são encarados e a postura firme do professor. A disciplina é a mola

mestra da atividade. No treino feminino, não é permitido que os rapazes fiquem no salão. Um lanche para todos os participantes é servido ao final da atividade.



**Treinamento de Boxe feminino**  
Foto: Daniel Soares



**Foto de treinamento no Ring**  
Foto: Daniel Soares

## **Luta Livre**

As aulas acontecem três vezes por semana.

Essa atividade também se inicia com aquecimento e depois, com exercícios específicos. O material utilizado é o tatame. A atividade é conduzida por um professor. O treino é bastante pesado e o instrutor reforça os alunos com palavras de incentivo e discute a questão do estilo de vida de um esportista em relação a um jovem sedentário.

## **Capoeira**

As aulas de capoeira acontecem duas vezes por semana, com duração de aproximadamente 2 horas. Nesse grupo se encontram muitas crianças. O professor inicia com aquecimento e depois trabalha os passos específicos da luta. A metodologia está pautada na importância da capoeira como expressão cultural. Os recursos materiais utilizados são o parquinho de som, o maculelê, berimbau, atabaque e agogô. Ao término da aula é feito um alongamento e as atividades finalizam com um lanche coletivo.

É importante ressaltar que na observação das atividades, os professores não se restringem apenas ao treinamento. Todos os três esportistas falam para a turma sobre a importância do esporte, do estilo de vida diferenciado que um esportista precisa adotar, da importância de uma vida saudável, sem fumo e outras drogas, para o melhor desempenho e desenvolvimento do potencial de cada um.

Em relação às **atividades educacionais** o projeto desenvolve cinco ações estratégicas.

## **Aulas de Cidadania**

Participar das aulas de cidadania é um pré-requisito para a integração nos grupos de esporte. A aula de cidadania é considerada o espaço de debate para os jovens. Esse é o momento em que eles discutem os temas de interesse e questões relacionadas à realidade local. A escolha dos assuntos pode ocorrer a cada aula

ou segundo uma lista de sugestões elaborada juntamente com o grupo. Esse também é considerado um espaço de participação ativa dos jovens, que são consultados sobre o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação das atividades realizadas.

Através das aulas de cidadania são trabalhados diversos temas, inclusive os relacionados à promoção da saúde e à qualidade de vida como: oficina de meio ambiente; palestra com nutricionistas sobre alimentos e alimentação; palestra com médicos sobre gravidez na adolescência e aborto; palestra com profissionais de saúde para evitar DST e AIDS.

Há uma forte adesão das crianças e jovens ao projeto de cidadania. As aulas acontecem de 2ª a 5ª feira, sendo que cada jovem participa uma vez por semana. Há grupos de crianças e jovens separados. A aula de cidadania voltada para crianças e que foi observada pelos pesquisadores teve como tema a eleição do nome do mascote do Pan. Através de atividades lúdicas discutiram-se conceitos de cidadania e participação social. A aula dura aproximadamente 1 hora.

### **Aulas de Inglês**

Segundo a observação dos pesquisadores, a aula de inglês acontece em uma sala adequada e geralmente são utilizados componentes lúdicos como programas de TV e DVD para atrair os jovens. Letras de música também são utilizadas para a interpretação da língua. A aula dura aproximadamente 1 hora e meia e acontece uma vez por semana. As aulas que atendem a adolescentes e crianças separadamente. Constatamos pouca participação de alunos nessa atividade (8 crianças e 3 adolescentes).

### **Aulas de Informática**

As aulas de informática acontecem por módulos. A sala também é utilizada para acesso a Internet e os estudantes estão sempre acompanhados pelo professor ou por jovens monitores.



**Sala de Infomática**  
Foto: Daniel Soares

### **Ensino Fundamental: tele-sala**

As aulas de ensino fundamental acontecem no turno noturno e fazem parte das iniciativas da Ong Viva Rio. É aberta tanto para os alunos do projeto quanto aos demais da comunidade.



**Tele-sala**  
Foto Daniel Soares

### **Projeto Ana e Maria**

Atendimento a adolescentes grávidas e jovens mães. Tanto a tele-sala quanto o projeto Ana e Maria têm metodologia própria, são projetos desenvolvidos pelo Viva Rio que usam o espaço do *Luta pela Paz*, atendem a jovens do projeto e da comunidade.

Além das atividades já descritas o projeto *Luta pela Paz* desenvolve ainda **outras ações** que assinalamos abaixo.

- a) Entrevistas individuais com crianças e adolescentes: quando esses chegam ao local do projeto passam por uma entrevista com a psicóloga antes do início das atividades;
- b) Entrevistas individuais com pais: no caso de crianças e adolescentes até 17 anos os pais devem comparecer ao projeto para assinar o termo de



responsabilidade por sua participação, após breve entrevista com a psicóloga;

- c) Entrevistas individuais com familiares: quando é identificado algum problema com a criança ou o adolescente, um familiar ou responsável são convidados a participar de entrevista com a psicóloga;
- d) Visita domiciliar - realizada pela educadora que acompanha todos os jovens. O objetivo da visita é de verificar a situação familiar e de moradia dos beneficiários do projeto e avaliar as mudanças de comportamento no ambiente familiar;
- e) Oficinas: são realizadas oficinas, com convidados de outras instituições e do meio acadêmico, sobre prevenção à violência;
- f) Palestras: são convidados palestrantes mensalmente para falar de temas ligados à infância e juventude e a realidade social (os temas discutidos com adolescente e jovens são escolhidos de forma participativa);
- g) Visitas sociais e participação em seminários, fóruns, cursos: são realizadas visitas culturais mensais com objetivo de ampliar o relacionamento e a visão de mundo dos beneficiários, que geralmente vivem restritos ao convívio social dentro da comunidade;
- h) Distribuição de material educativo sobre proteção e prevenção à violência: há a distribuição de material informativo produzido por outras organizações ou instituições para esclarecimento sobre diversos temas ligados à infância e à juventude;
- i) Atividades de arte, teatro, música: fazem parte das estratégias para fortalecimento da cidadania. Recebem-se palestrantes convidados que desenvolvem, além de palestras, oficinas. Já foram realizadas oficinas de arte com artista plástica reconhecida e de música em parceria com o Grupo Cultural Afroregge.

- j) Reuniões de equipe: acontece 1 vez por mês;
- k) Reunião de pais: acontece 1 vez por mês.

### **Infra - Estrutura de Equipamentos e Equipe do Projeto Luta pela Paz**

#### **Instalações físicas**

O prédio do Luta pela Paz fica localizado dentro da comunidade, na fronteira com a Linha Vermelha. É uma sede própria, inaugurada há um ano e muito bem estruturada. O prédio chama atenção por ter uma coloração azul e destoar do universo cinza e sem cor da comunidade: *“de longe avistamos o prédio”* diz um dos jovens do projeto. A construção é visível, tanto para quem está na comunidade quanto para os que passam pela Linha Vermelha. Segundo o coordenador do Projeto a coloração do prédio é uma estratégia: *“este prédio não é azul por acaso, os jovens têm que entrar aqui e se sentir no projeto. A simbologia é super importante.”*

O prédio possui uma área de treino onde há todos os equipamentos esportivos adequados, 2 banheiros, 2 vestiários, sala de informática equipada com 10 computadores, escritório com lavabo e copa, equipado com 03 computadores, 2 salas de aulas com 30 carteiras universitárias cada, quadro magnético, TV, vídeo, flipchart, recepção com 1 computador.e 2 telefones. O *Luta pela Paz* não possui viatura própria.

Os jovens nos grupos focais verbalizaram a mudança significativa ocorrida no último ano com a inauguração da nova sede:

*“Do que a gente já passou, isso aqui é um luxo. Mesa? Não tinha nada. E o calor? Você devia pegar as fotos. Deve ter arquivado as fotos para você ver realmente do que agente está falando... O ring era no chão”* (meninos).

Essa mudança pode ser visualizada nas fotos abaixo:



**Faixa do Prédio do Projeto no Parque União**  
Fotos: Daniel Soares

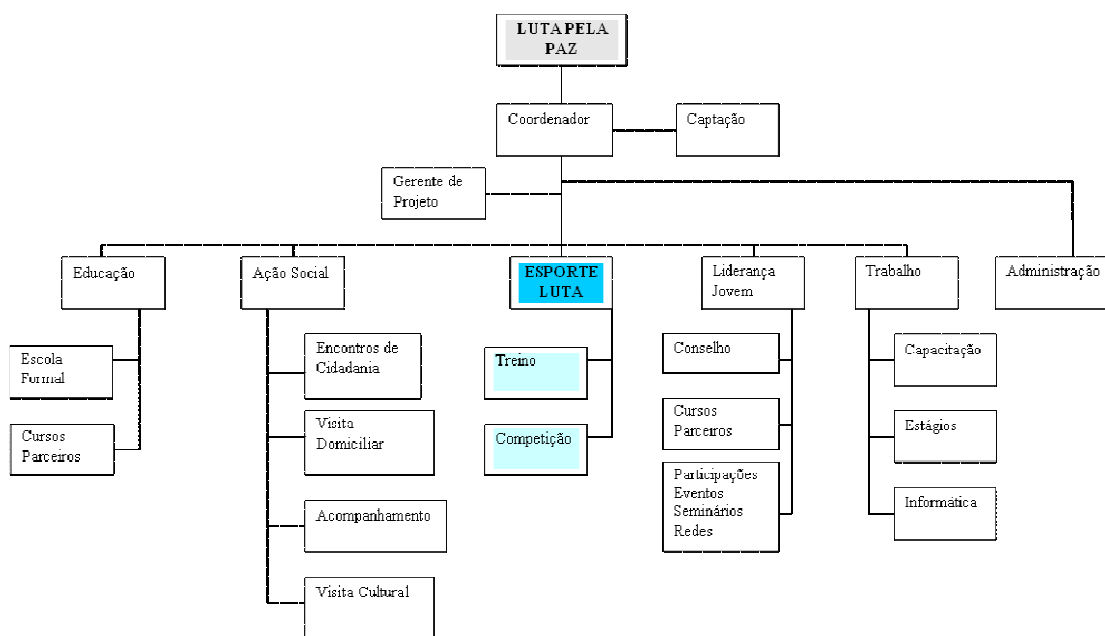


**Foto lateral da sede atual do Projeto**  
Foto: Daniel Soares

## Equipe de trabalho

*A postura é de cumplicidade entre as crianças e jovens e aqueles que têm mais experiência numa troca onde todos aprendem. Essa relação se traduz numa postura de construção conjunta onde todos são responsáveis. (Figueiredo, artigo no prelo)*

A equipe do Projeto é composta por uma educadora, uma psicóloga, 1 auxiliar de serviços gerais, 1 secretária, 1 responsável pela manutenção, 2 vigias, 2 coordenadores, 1 fotógrafo e 7 professores esportivos (3 de boxe, 2 de luta livre e 2 de capoeira). Interessante apontar que 5 membros são jovens formados no projeto e incorporados como parte à equipe. O Organograma do Projeto segue abaixo:



Segundo a coordenação, cada área se integra com as outras e todo mundo tem acesso a todas as áreas. Qualquer pessoa pode acessar a coordenação diretamente sem precisar passar por intermediários. Isso é válido inclusive para os jovens participantes.

*“Uma vez por mês a gente está juntando todos os membros da equipe para uma reunião e durante o dia-a-dia a L. vem marcando reuniões com algumas pessoas da equipe. E no final do ano a gente tenta, planejar o ano seguinte. Tudo que a gente faz em termos de gerenciamento do projeto e programação envolve o Conselho Jovem. Qualquer reunião que a gente faça eles estão presentes. Sempre foi assim” (Coordenador).*

Todos os profissionais que colaboram no projeto são vistos como educadores e possuem funções para além das pré-determinadas. Nos depoimentos do grupo focal realizado com a equipe foi ressaltado que os jovens buscam os profissionais do projeto para falar sobre seus problemas pessoais, independente da função exercida por cada um.

O **perfil necessário** e exigido para os profissionais que ingressam no projeto são: bom relacionamento interpessoal, iniciativa, organização, espírito de cooperação, e bom relacionamento com crianças e jovens. Para os técnicos esportivos o projeto exige formação no esporte e, para os educadores, experiência em atendimento a crianças e jovens. Alguns profissionais são egressos do *Luta pela Paz* como já mencionado.

### **Atividades de Capacitação**

As atividades de capacitação acontecem regularmente. A periodicidade das ações depende da avaliação da equipe e da identificação da demanda. A capacitação é realizada por meio de seminários, cursos e reuniões de treinamento. O material das reuniões técnicas é preparado pela própria coordenação com foco no ECA e nas relações interpessoais; em técnicas de gestão de pessoas e em metodologia de trabalho específica para o projeto, desenvolvida pela equipe ao longo dos últimos quatro anos.

### **Articulação e Parceria com outros Projetos e Instituições**

As instituições sinalizadas como parceiras do Projeto são: Postos de Saúde da comunidade, Centros de Defesa de Direito, Escolas, Ong e Universidade. No

entanto, na entrevista com a coordenação e com a equipe técnica observamos que há pouca articulação do projeto com as demais organizações não-governamentais que atuam na área.

*“Mas eu posso dizer que a Maré em geral precisa melhorar as relações entre as ações aqui dentro. Porque o que eu já vi aqui é muita briga e eu não quero entrar nesse briga, eu não sou muito político. Então na tentativa de não entrar nessas brigas eu, simplesmente, não converso. Mas foi uma escolha minha, uma escolha pessoal. Mas o projeto tem essa articulação, eu não” (coordenador).*

*“É difícil! Não querendo defender o nosso, porque o nosso é aberto para todos, mas eles são muito individuais. Eles querem que tenha o nome deles! Infelizmente não tem articulação. Nós tentamos várias vezes” (educadores).*

### **Registros Institucionais**

No *Luta pela Paz* são produzidos relatórios anuais e relatórios de atividade trimestrais pelos coordenadores e também relatórios mensais das equipes de trabalho que os entregam à coordenação. Está sendo finalizado um banco de dados que registra todos os dados dos beneficiários e as informações e estatísticas sobre as ações de proteção e prevenção. Atualmente as atividades ainda estão sendo registradas manualmente. O perfil da clientela e de seus familiares é notificado em uma ficha psicossocial, ainda não sistematizada.

O processo avaliativo do projeto ocorre anualmente e também durante o processo de desenvolvimento das atividades. A coordenação elabora um questionário de avaliação, que é aplicado à equipe no final do ano, sobre os diversos aspectos do projeto. Acontecem ainda reuniões de equipe e avaliação participativa com os jovens através de dinâmicas e questionário. A avaliação serve como parâmetro para o planejamento das ações do ano seguinte.

### **Custo do projeto**

No ano de 2005 o gasto foi de R\$ 149.000,00 (cento e quarenta e nove mil reais). Em 2006 foram gastos R\$ 177.000,00 (cento e setenta e sete mil reais). A esse

recurso somaram-se outros R\$ 56.000,00 (cinquenta e seis mil reais) destinados à aceleração escolar. É bom ressaltar que 2006 foi o ano em que o projeto se transferiu para o atual prédio, tendo necessidade de maiores recursos financeiros para fazer frente a essas despesas.

De acordo com os valores acima, em 2005, o gasto anual por aluno foi de R\$ 573,00 (quinhentos e setenta e três reais) o que significa um gasto mensal de R\$ 47,76 (quarenta e sete reais e setenta e seis centavos). Já em 2006 o valor gasto com cada jovem foi de R\$ 1.282,61 (hum mil, duzentos e oitenta e dois reais e sessenta e hum centavos) anual, o que equivale a R\$ 106,88 (cento e seis reais e oitenta e oito centavos) mensal. Estes dados, se comparados aos valores empregados no gasto com prisioneiros do Brasil (de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00 mensal, segundo o Departamento Penitenciário Nacional), mostram o baixo custo do projeto e a importância de investir na prevenção.

#### **4.3. Caracterização das crianças e jovens do *Luta pela Paz***

*“A gente está conseguindo focar e acessar estes jovens (do conflito armado) através de uma questão de fazer contato constante. O que é isso? O contato constante é o que acontece não só dentro deste prédio, a gente vai na rua e passa um tempo na rua, fica olhando o que está rolando lá, e vai estabelecendo contato com o jovem em vários pontos da comunidade. O jovem não precisa vir para cá, a gente vai até lá. Eu venho caminhar aqui sexta-feira à noite porque tem um maior número de jovens na rua, então depois da aula eu vou dar uma andada, aí eu vejo o jovem em qualquer situação que é da academia e vou falar com ele, vou estabelecer aquele contato” (coordenador).*

Em princípio, o projeto é destinado a crianças e jovens de 7 a 25 anos, de ambos os sexos, que estejam, estiveram, ou corram diretamente o risco de vir a estar envolvidos em violência armada através de grupos criminosos e do tráfico de drogas. No entanto, entre os participantes há maior concentração de crianças e jovens de 10 a 19 anos. A fala do coordenador do projeto sintetiza as características da população atendida:

*“Para resumir temos 4 tipos de jovens e sua relação com o tráfico: 1) tem pessoas trabalhando aqui que entraram para o projeto e que eram do movimento; 2) tem jovem que é do movimento e que está no projeto; 3) tem jovens que a gente ainda tem contato e que infelizmente ainda estão no tráfico, mas que a gente está fazendo de tudo para eles voltarem, pelo menos deixando a porta aberta para que eles voltem e 4) é difícil, mas é real, porque você nem sempre se é bem sucedido, nós já temos quatro jovens desta academia que foram assassinados, na verdade tem mais dois que estavam perto de entrar e que foram mortos. Todos esses quatro tinham saído do projeto vários meses antes de morrer, não estavam no projeto quando foram assassinados porque a gente tem regras muito claras aqui e o jovem sabe disso, então eles têm que escolher. Não dá para permanecer no “Luta pela Paz” e ainda estar trabalhando para o tráfico. Existe no início aquela coisa: estou um pouco aqui, um pouco ali, até que ele vai definindo o que quer. Porque ele tem que se responsabilizar. Aí a gente volta na questão da metodologia do boxe: ninguém é vítima. O boxe é uma beleza para isso, porque você vai para o ring, os dois vão se enfrentar, e quem treinou mais, quem é mais honesto consigo mesmo vai ganhar. Quem mente para si mesmo, não treina tanto, não corre tanto, não se dedica tanto, fala que é do boxe mas está se drogando, não ganha. Então se um jovem cai no crime quando ele está dentro do projeto, ele mesmo está ligado que isso não é aceitável aqui e ele ou ela mesmo começa a se afastar do projeto. E a nossa responsabilidade é ver e tentar resgatar e chamá-lo de volta, que, infelizmente, nessas quatro ocasiões de morte eles caíram no crime mesmo e foram assassinados logo depois. Então, de uma certa forma, foi falha nossa e de outra forma mostra que a gente está acessando este público (Coordenador).*

A coordenação considera importante integrar jovens de todos os graus de risco social, do mais alto ao mais baixo potencial de envolvimento no tráfico de drogas ou em outras formas do crime. As crianças e jovens chegam espontaneamente ou trazidos por amigos ou por algum outro familiar participante do projeto conforme podemos constatar nas falas dos grupos focais com os jovens:

*“Eu conheci através de um amigo. Que ele fazia boxe aqui e me convidou para vir treinar. Eu peguei e vim para aula de cidadania e daí para cá estou frequentando...”(meninos).*

*“Eu vi os meus colegas treinando e aí eu pensei, vou entrar para ver como é que é. Eu entrei e estou até hoje. Tenho dois anos de boxe”(meninos).*

*“Eu conheci através de um primo meu que já faz parte algum tempo do Projeto, aí me chamou para conhecer para ver se eu ia gostar e tal, aí eu me empolguei mais quando eu vi uma luta de uma menina daqui, aí eu me*



*interessei e resolvi vir para cá” (meninas).*

O atendimento é de fluxo contínuo, ou seja, as crianças, adolescentes e jovens ficam sabendo do projeto na comunidade e procuram o projeto para participar das atividades esportivas. O período de permanência nas atividades é indeterminado.

Após chegar no *Luta pela Paz*, o jovem passa pelas seguintes etapas:

- 1º. Passo: entrevista com a educadora social (psicóloga) para um contato inicial: por exemplo, como soube do projeto, porque gostaria de participar das atividades, quem é o responsável, se estuda, se trabalha, onde mora, etc.
- 2º. Passo: preencher ficha de inscrição;
- 3º. Passo: início das atividades. Para realizar as atividades esportivas é regra ter que participar dos encontros semanais de cidadania. O beneficiário deverá voltar ou continuar na escola para permanecer no projeto.
- 4º. Passo: avaliação qualitativa e acompanhamento por parte da equipe social (educadores e agentes de integração)

Os jovens interessados em participar das atividades são convidados a assistir a um treino esportivo e a uma aula de cidadania. Caso decidam ingressar no projeto, devem preencher uma ficha de inscrição com a educadora social que acompanhará suas atividades. Além da ficha de inscrição, todos os jovens precisam apresentar um atestado médico autorizando a prática de atividades esportivas. E os menores de 18 anos devem entregar um termo de responsabilidade preenchido e assinado por um responsável. Ao se inscreverem no projeto, as crianças e jovens se tornam membros permanentes, mas para continuarem, devem obedecer às regras de comportamento e participar das atividades. As regras foram escritas pelos próprios jovens numa atividade sócio-

educativa inicial em que eles concordaram em praticá-las. As regras do *Luta Pela Paz* são:

- Respeitar e ajudar o próximo;
- Ser disciplinado e pontual;
- Ser responsável;
- Treinar com seriedade;
- Ter responsabilidade com o material;
- Ter humildade;
- Ser honesto;
- Ser pacífico fora do ringue,
- Receber pessoas de fora da academia com respeito e gentileza.

No caso de algum membro do projeto desrespeitar essas regras, a equipe social poderá aplicar medidas disciplinares, como advertência ou suspensão, ou, em casos extremos, expulsão do projeto.

O *Luta pela Paz* tem como pressuposto que os jovens não devem ser tratados como vítimas. No caso dos que tiveram envolvimento com o tráfico, aceitando que foi deles a decisão de escolher esse caminho, também deverá ser deles a decisão de sair. O projeto serve como uma rota alternativa para estes jovens, mas “a escolha é deles”. No entanto, há o incentivo à participação ativa nas atividades do projeto, no qual o jovem é responsável pelo seu próprio desempenho e assume suas responsabilidades.

Em 2003 participaram do Projeto 124 crianças e adolescentes, em 2004 foram 210 e em 2005 foram 260 jovens atendidos.

O foco das ações recai na faixa etária de 10 a 19 anos. Existe maior participação do sexo masculino, conforme podemos observar na tabela 9 abaixo:

**Tabela 9: População atendida segundo faixa etária e sexo nos anos de 2003, 2004 e 2005**

Idade em anos	2003	2004	2005
0 a 9	-	16	15
10 a 19	98	155	215
20 a 24	26	39	50
<b>Sexo</b>			
Masculino	93	162	205
Feminino	31	48	55
<b>Total</b>	<b>124</b>	<b>210</b>	<b>260</b>

Iniciaram o ano de 2006 integrados no projeto 180 adolescentes. No entanto, no mês de Julho, mês de coleta dos dados da pesquisa, **136 crianças e jovens estavam freqüentando as várias atividades. Desses, 78 eram jovens e 58 eram crianças.** A perda maior incidiu sobre a faixa etária de 14 a 24 anos. Dentre os possíveis motivos sinalizados pela coordenação para essa perda estão: período de férias, conflitos na comunidade, surgimento de outros projetos remunerados na área e o recrutamento dos adolescentes para serem agentes jovens dos jogos Panamericanos.

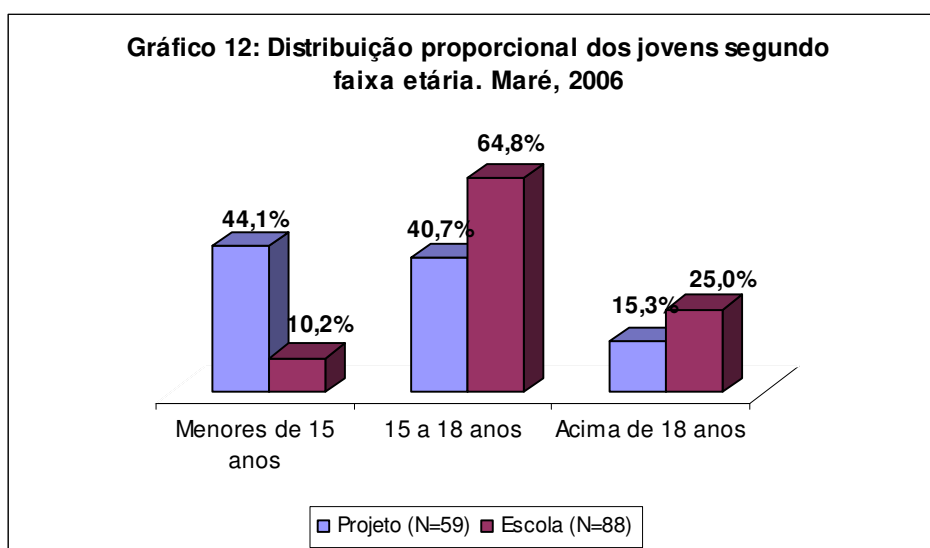
Segundo o coordenador, desde o início do Projeto em 2000, cerca de 1400 jovens já foram assistidos.

O *Luta pela Paz* não tem um trabalho específico com jovens em cumprimento de medidas sócio-educativas. Para a coordenação do projeto esse é um desafio que precisa ser enfrentado. Possivelmente isso fará parte da próxima mudança metodológica. No entanto, o coordenador pondera que a equipe precisará estar muito bem preparada, pois esse vínculo com a Justiça pode comprometer a relação com a comunidade e com os demais jovens do projeto.

### **Perfil demográfico e socioeconômico dos jovens participantes**

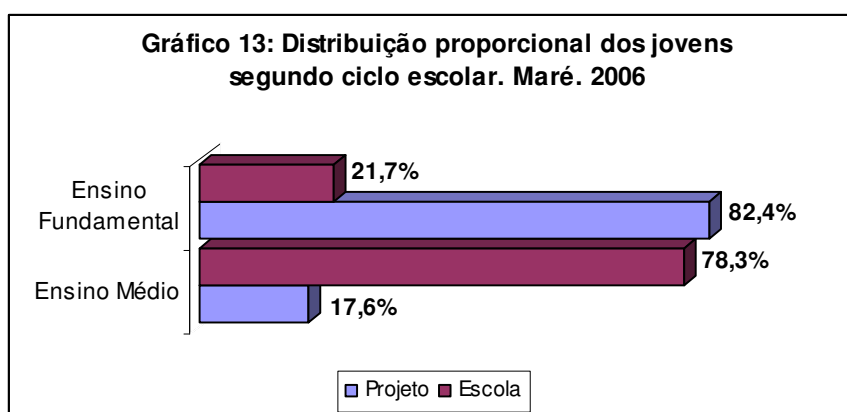
Neste item são analisados os dados relativos aos 59 jovens que participam do *Luta pela Paz*, entre os quais 64,4% são do sexo masculino. Estes são comparados com um grupo de 88 alunos de uma escola pública municipal situada no Complexo da Maré, dos quais 37,5% são do sexo masculino. Como se percebe, os dois grupos são estatisticamente diferentes em relação ao sexo ( $p = 0,002$ ).

Conforme o gráfico 12, no grupo dos que fazem parte do *Luta pela Paz*, as faixas etárias menores de 15 anos e dos 15 aos 18 anos predominam, enquanto no grupo dos escolares destaca-se a faixa dos 15 aos 18 anos. Essa diferença é estatisticamente significativa ( $p = 0,000$ ). As médias de idade são 15,5 e 17,2 anos, respectivamente.



Em relação ao estado civil, 91,4% dos participantes do projeto e 96,6% dos escolares se declararam solteiros. Entre os jovens do *Luta pela Paz*, 86,4% afirmaram que estão estudando e 82,4% deles estão cursando o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série). Entre os escolares 78,3% estão no nível Médio (gráfico 13). Como os dois grupos diferem quanto à distribuição etária, foi feita a análise controlando esta variável. Os resultados mostram diferença significativa:

entre os adolescentes de 15 aos 18 anos de idade participantes do projeto, 72,7% ainda estão cursando o ensino fundamental, enquanto entre os escolares esta proporção é de 27,3% ( $p = 0,000$ ). Há ainda 33,3% de jovens maiores de 18 anos no projeto cursando o ensino fundamental.



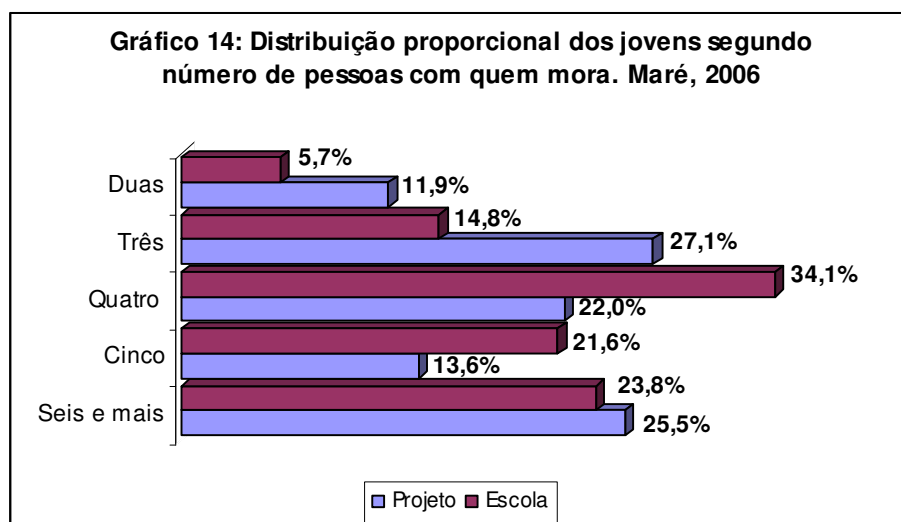
Os dados acima indicam a existência de atraso escolar. No grupo do projeto há 27,5% de pessoas que não estão na série correspondente à idade. Esse percentual é ainda maior entre os escolares (37,3%). Esses dados mostram que os membros do projeto se encontram em menor proporção em defasagem série/idade, mesmo quando comparados aos jovens de outros municípios. Um inquérito epidemiológico realizado pelo CLAVES, envolvendo 2.154 escolares de 11 a 17 anos, da 6ª, 7ª e 8ª séries do ensino fundamental de escolas públicas e particulares de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro, encontrou 43% dos alunos de escolas públicas e 22% de escolas particulares em distorção série/idade de 2 ou mais anos (Claves/Ensp/Fiocruz/OPAS, 1992). Na cidade do Rio de Janeiro, 36,2% dos 2.758 alunos de escolas públicas, estudados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas/CEBRID, apresentam defasagem série/idade de 1 a 2 anos (CEBRID, 2004).

Quando indagados se realizam algum trabalho, 19,3% dos jovens do projeto e 22,7% dos escolares afirmam que sim. Entre as atividades que os participantes do *Luta pela Paz* realizam estão: ajudante de pedreiro, assistente administrativo, autônomo, barbeiro, estagiário na vice-direção de ensino e informação, feirante e

fotógrafo. Também afirmam que trabalham em lanchonete, metalúrgica e no depósito da Coca-Cola. Entre os escolares foram mencionados trabalhos diversos no setor de comércio (vendedor, ajudante em mercearia, auxiliar administrativo, técnico em refrigeração, trabalhador em lanchonete), de serviços (doméstica, manicure, marceneiro, pintor, trabalhador de telemarketing, gráfico) e de lazer (parque de diversão). Além dessas, também foram mencionadas atividades como agente multidisciplinar e multiplicador e estagiário no primeiro emprego.

A maioria dos jovens do *Luta pela Paz* (69,5%) e dos escolares (73,9%) afirma que reside no bairro de Bonsucesso. Cerca de 16,9% dos participantes do projeto e 10,2% dos escolares moram em Nova Holanda. E apenas 6,8% de cada grupo revelam que residem no Complexo da Maré. Chama atenção o fato dos jovens referirem que residem em Bonsucesso, quando, na verdade, moram na Maré. Tal comportamento denota necessidade de acobertamento do fato de residir em uma comunidade pobre e discriminada. Este achado tem sido repetidamente apontado em vários outros estudos como assevera Dowdney (2003).

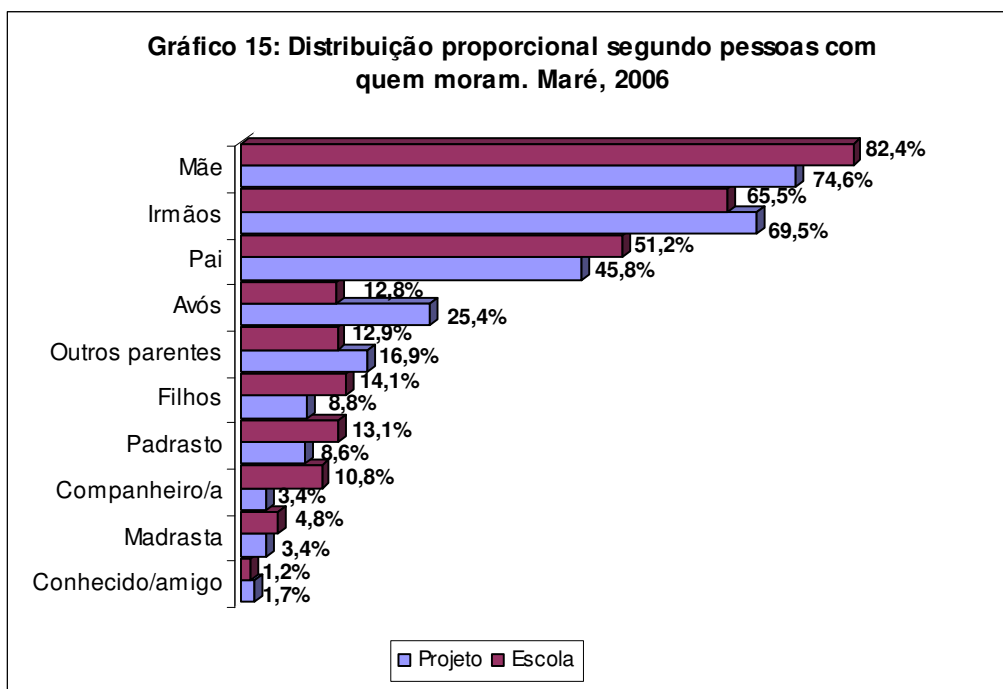
O número de pessoas com as quais o jovem mora é mostrado no gráfico 14. Conforme se vê, a grande maioria dos adolescentes, de ambos os grupos, reside com até quatro pessoas (61% para os do projeto e 54,6% dos escolares).



Considerando-se ambos os grupos, observamos uma média de 4,6 pessoas que residem na mesma moradia que o jovem (4,5 para os do projeto e 4,7 para os escolares). Em termos proporcionais 39% dos adolescentes do projeto e 45,5% dos estudantes vivem em lares mais numerosos, acima da média dos dois grupos. Em relação à média de pessoas por domicílio do Estado do Rio de Janeiro, que é de 2,9 pessoas, 88,1% dos garotos do *Luta pela Paz* e 94,3% dos estudantes estão acima. Da mesma forma, 61% e 79,5%, respectivamente, estão acima da média do Brasil, que é de 3,5 pessoas por domicílio ( $p = 0,016$ ).

Quando indagados sobre com quem moram, a maioria deles respondeu que mora com a mãe e com os irmãos. Entre os jovens do *Luta pela Paz* 74,6% disseram que moram com a mãe. Entre os jovens da escola esse percentual chegou a 82,4%. Viver na mesma casa com outros irmãos também é assinalado por 69,5% dos que participam do projeto e por 65,5% dos alunos da escola. Os resultados podem ser vistos no gráfico 15. É importante ressaltar que uma maior proporção de jovens do *Luta pela Paz* mora com irmãos, avós e outros parentes, indicando a ausência das figuras materna ou paterna. Enquanto com os escolares ocorre o contrário: a maioria mora com suas mães, pais e outros membros da família. Outro ponto a ser destacado são as proporções de jovens dos dois grupos que informaram morar com amigos e conhecidos.

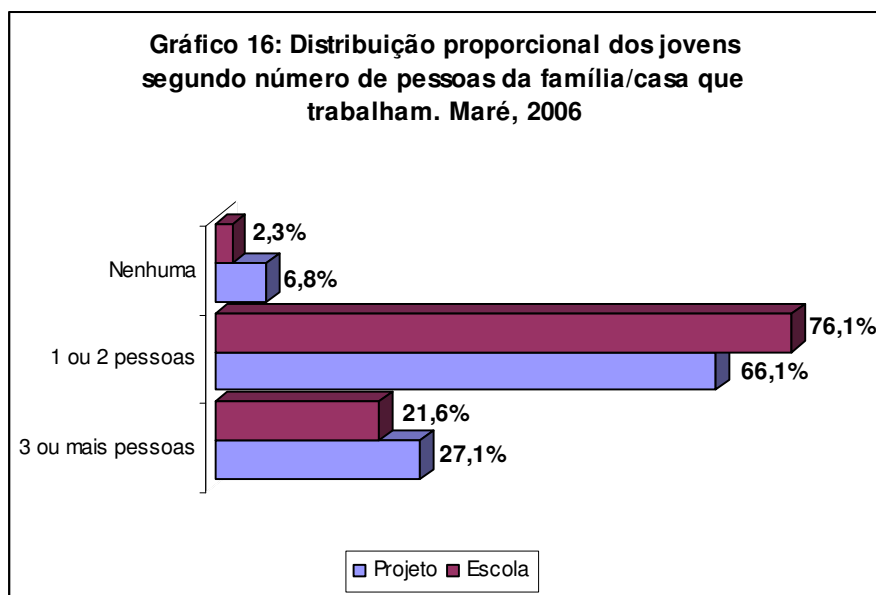
Os motivos para os jovens não residirem com os membros de sua família estão relacionados, principalmente, a conflitos entre familiares e separação dos pais. Outras razões alegadas foram: viver maritalmente com seus companheiros ou esposos, ter ficado órfão e ou dificuldades financeiras dos pais.



A percepção dos jovens acerca da renda familiar confirmou-nos que suas condições socioeconômicas são mais ou menos homogêneas com as da população residente em áreas como o Complexo da Maré: 21,7% dos jovens do *Luta pela Paz* e 20,4% dos escolares afirmam que a sua família não tem renda ou que ela é insuficiente para os gastos durante o mês; 74,1% e 79,5% de cada um dos grupos pesquisados, respectivamente, afirmaram que a renda familiar é suficiente apenas para sobreviver.

Como vemos no gráfico 16 para a grande maioria dos jovens dos dois grupos pesquisados existe uma ou duas pessoas da família que trabalham atualmente. No entanto, vale a pena referir uma maior proporção de jovens do *Luta pela Paz* que não tem nenhum familiar ou que tem três ou mais deles trabalhando atualmente.



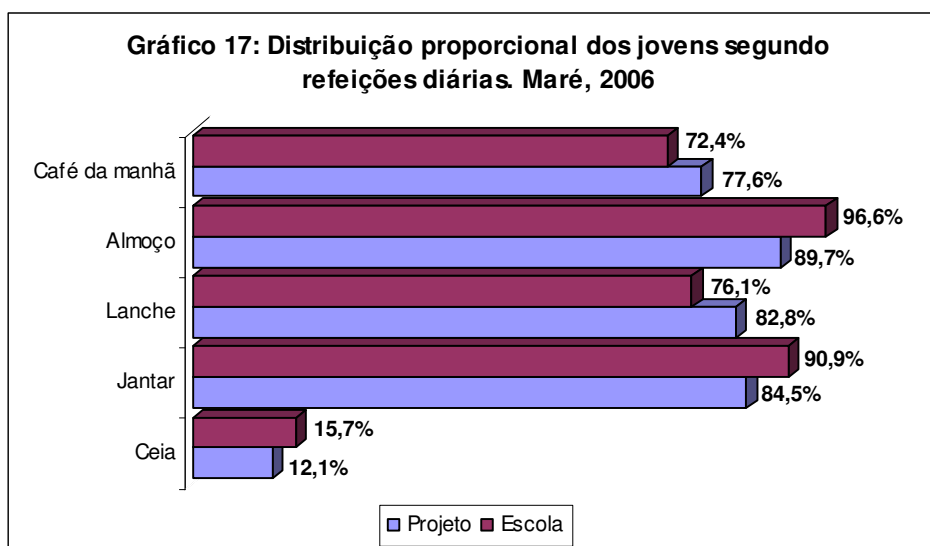


Quando analisamos o número de pessoas que trabalham, observamos que os estudantes tendem a referir em maior proporção que a renda é insuficiente quando ninguém trabalha na casa (11,1% versus 8,3% dos jovens do projeto) e quando uma ou duas pessoas trabalham (77,8% contra 58,3% dos meninos do Luta pela Paz).

Essa relação inverte quando três ou mais pessoas trabalham. Os jovens do *Luta pela Paz* afirmam em mais elevadas proporções que os da escola que a renda é insuficiente (33,3% e 11,1%, respectivamente). Uma provável explicação para esta inversão é o fato de que 50,0% dos que participam do projeto vivem em famílias numerosas, tendo 5 a 8 pessoas morando em suas casas. Enquanto entre os jovens escolares, as famílias com renda insuficiente são menos numerosas, variando de 4 a 5 moradores.

Em relação aos hábitos alimentares, a maior parte (60,3% dos participantes do projeto e 47,6% dos escolares) respondeu que faz quatro refeições diárias. Contudo, 8,6% dos participantes do projeto e 4,9% dos estudantes fazem apenas uma refeição diária; 10,3% e 12,2%, respectivamente, fazem apenas duas refeições por dia. O gráfico 17 mostra essas proporções. Os jovens do *Luta pela*

*Paz* apresentam proporções um pouco maiores de pessoas que tomam café da manhã e lanche, ao passo que os estudantes dizem, em maiores proporções, que almoçam, jantam e ceiam. Essas informações sugerem que os estudantes entrevistados estão mais bem alimentados que os jovens do projeto.



### **Condições de saúde**

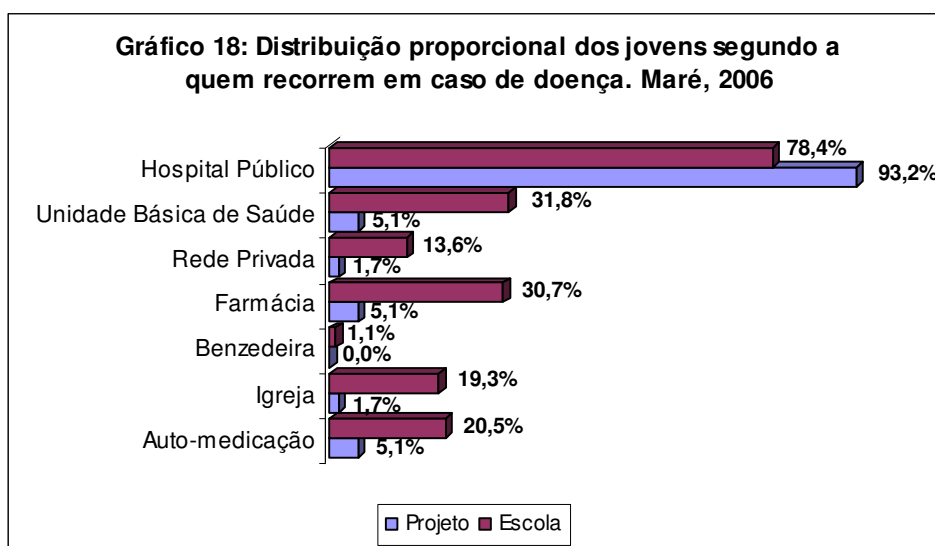
Mais jovens do projeto *Luta pela Paz* (13,8%) afirmam que atualmente possuem alguma doença, contra 4,5% dos escolares. As enfermidades relatadas por ambos os grupos são: bronquite, dengue, pneumonia, alergia, leptospirose, catapora, hepatite A, gripe, toxoplasmose, tuberculose e problema cardíaco. Além dessas, alguns afirmaram ter crises renais e dor de cabeça.

Ao serem indagados se já tiveram alguma doença grave ou prolongada anteriormente, novamente os jovens do *Luta pela Paz* responderam afirmativamente em maiores proporções (22,4%) que os escolares (14,8%). Grande parte das enfermidades relatadas é infecto-contagiosas (dengue, catapora, hepatite, gripe, pneumonia, leptospirose, tuberculose, toxoplasmose), mostrando peso das precárias condições de vida e do ambiente nas formas de adoecimento. Chama atenção a presença de problemas cardíacos em algumas

pessoas tão jovens, assim como de doenças crônico-degenerativas como a diabetes.

O acompanhamento em serviço de saúde foi confirmado por 25,9% dos jovens do projeto e por 14,9% dos escolares e para isto costumam recorrer a hospitais e posto de saúde. Muitos mencionaram também que procuram pediatras, clínicos gerais, ginecologistas e dentistas.

A maioria dos jovens busca atendimento em hospital público, dentre os quais o Pedro Ernesto, o Geral de Bonsucesso, o da Lagoa, o do Fundão e o Instituto do Coração. Entre os que participam do projeto esse percentual chega a 93,2% e entre os escolares são 78,4%, conforme se pode visualizar no gráfico 18.



Chamamos atenção para o fato de que os escolares (42,9%), muito mais que os participantes do projeto (8,5%) recorrem a outras alternativas, que não os serviços de saúde (hospitais, unidades básicas de saúde e rede privada), em busca de tratamento de saúde como farmácia, benzedeira, igreja e auto-medicação ( $p=0,000$ ).

O uso de medicamentos ocorre em 10,5% dos participantes do *Luta pela Paz* e em 11,8% dos jovens da escola. Entre os medicamentos foram citados anticoncepcionais, antiarrítmicos, insulina, colírios, antialérgicos e antidiuréticos.

Embora mais jovens que os escolares, um percentual um pouco mais elevado (57,1%) dos participantes do projeto informaram já haver iniciado sua vida sexual. Esta proporção foi de 53,5% entre os escolares. Apesar disso, maior proporção dos escolares (17,4%), comparados aos participantes do projeto (3,1%) afirmam não fazer uso de camisinha.

Entre os que participam do *Luta pela Paz*, 8,5% afirmam ter filhos. Entre os escolares essa proporção é de 9,1%. Metade dos jovens do projeto e a totalidade dos estudantes que já têm experiência de maternidade e de paternidade possuem apenas um filho. Chama atenção o fato de metade dos participantes do projeto que informaram já serem pais ou mães, apesar de ainda bastante jovens, já possuírem dois filhos.

O consumo de drogas lícitas e ilícitas foi investigado. As bebidas alcoólicas já foram experimentadas na vida por 68,4% dos jovens do *Luta pela Paz* e por 76,1% dos escolares. Elevados percentuais de consumo de bebida alcoólica às vezes e sempre também foram observados (44,8% entre os participantes do projeto e 42,3% dos estudantes). Uma pesquisa realizada com jovens de 14 a 20 anos da cidade do Rio de Janeiro aponta que o álcool é, sem dúvida, a droga mais experimentada por eles e, entre os de classes populares, 36,6% não a consideram uma droga (Minayo et al, 1999). Dados do CEBRID (2004) para jovens do Rio de Janeiro apontam valores semelhantes de uso de álcool na vida (68,9%) em relação aos observados entre os jovens da Maré.

Indagados se alguma vez na vida experimentaram drogas ilícitas, 10,7% dos jovens do projeto e 18,4% dos escolares responderam afirmativamente. A maconha e os inalantes foram as mais experimentadas por eles (tabela 10). No que se refere ao número de drogas já experimentadas, 7,1% dos jovens do projeto e 10,3% dos escolares afirmam ter utilizado somente um tipo. Outros - 1,8% dos

membros do *Luta pela Paz* e 3,4% dos estudantes - experimentaram até três tipos de drogas como LSD, êxtase e chá de cogumelo.

**Tabela 10: Distribuição proporcional dos jovens segundo drogas que experimentaram na vida. Maré, 2006**

<b>Drogas experimentadas</b>	<b>Luta pela Paz (%) N=56</b>	<b>Alunos da escola (%) N=87</b>
Maconha	8,9	11,5
Cocaína	3,6	1,1
Crack	1,8	2,3
Algum inalante (cola, lança-perfume, loló, benzina, outros)	5,4	5,7
LSD, chá de cogumelo, êxtase, outros	-	3,4
Heroína ou outras drogas injetáveis	1,8	-

Em levantamento realizado pelo CEBRIB (2004), os pesquisadores constataram que, entre 2.758 alunos de 1º e 2º graus de escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro, as drogas mais experimentadas na vida foram energéticos (17,8%), solventes (13,7%) e a maconha (6,8%) ocupando o terceiro lugar entre todas as drogas, exceto tabaco e álcool. O consumo de cocaína ocorre entre 1,7% dos jovens e o de crack em 0,6% deles. O uso de LSD e de êxtase envolve 1,1% e 3,3% dos jovens, respectivamente. Como vemos, o consumo das drogas acima listadas entre os jovens da Maré, tanto do *Luta pela Paz* quanto os escolares é um pouco mais elevado, mas não tanto como poderia ser esperado, tendo em vista a facilidade de acesso a essas substâncias na área estudada.

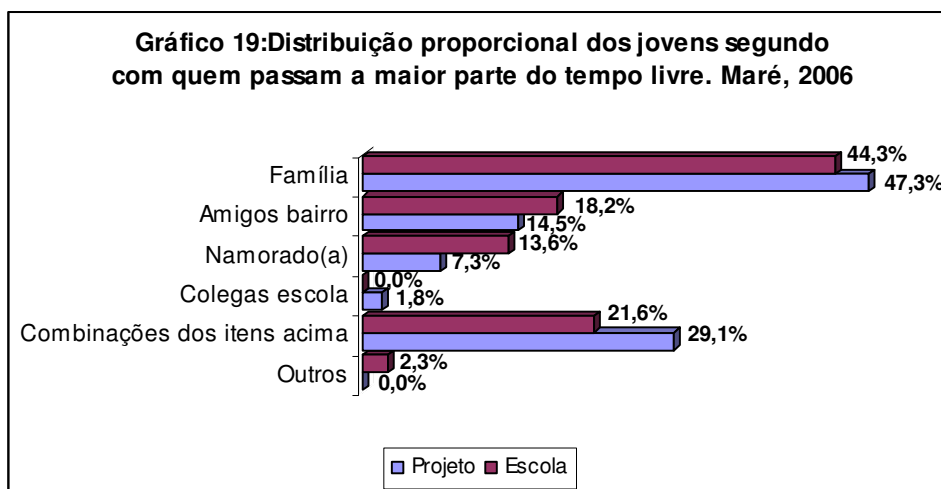
Perguntados se atualmente usam drogas, a quase totalidade, tanto dos jovens do projeto como dos escolares, afirmou que não. Apenas 5,5% dos membros do *Luta pela Paz* e 2,4% dos escolares responderam afirmativamente. Entre as drogas citadas estão álcool, cigarro, maconha, loló, crack e êxtase. O uso freqüente de drogas, segundo levantamento do CEBRID (1997) diminuiu significativamente ao longo dos anos de 1987, 1989, 1993 e 1997 na capital do Rio de Janeiro, ao contrário do que diz o imaginário social. Entre os do *Luta pela Paz* apenas 4%

referiram que as usam às vezes e sempre, enquanto entre os estudantes, a proporção de 3,6% ficou distribuída entre as opções de uso raro, às vezes e sempre, com 1,2% em cada.

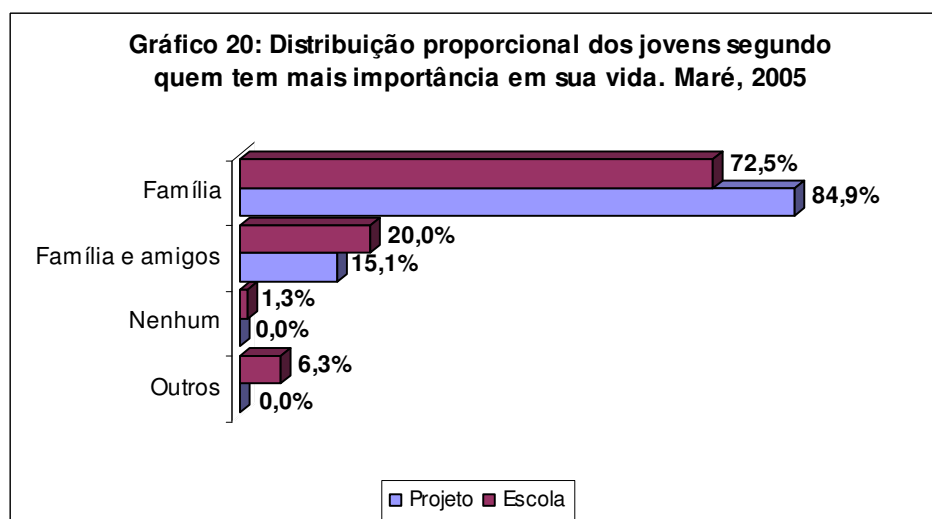
Em relação à percepção de saúde física e de seu próprio corpo, 17,2% dos jovens do *Luta pela Paz* e 23,9% dos escolares disseram que se incomodam com algumas doenças ou sintomas de doenças como a gripe, a dor de cabeça, de coluna e na vista, os problemas de pele, hormônio e espinhas. Também mencionaram insatisfação com partes do seu corpo, as meninas, principalmente com os seios/peito e, em geral todos, com o cabelo, o joelho, o umbigo, o nariz, a orelha, os pêlos, o dedo do pé, um calo no dedo indicador, o fato de ser magro e com problemas do coração.

A visão que o jovem tem em relação ao seu corpo constitui parte da sua auto-estima. Neste sentido, pesquisa do CLAVES (Claves/Ensp/Fiocruz, 2003) com jovens estudantes da rede pública e particular de Iguatu, Campinas e Juiz de Fora, aponta que a maioria deles refere gostar do próprio corpo. Neste estudo 63,1% disseram que gostavam do corpo do jeito que ele é.

Quando não estão na escola ou no trabalho, os jovens do projeto ficam mais em companhia da família. Em segundo lugar, observamos elevadas frequências de jovens que costumam dividir seu tempo em combinações de familiares, amigos do bairro, namorado(a)s e colegas da escola. Os escolares passam mais tempo com os amigos do bairro e o(a) namorado(a), como mostra o gráfico 19.



Ressaltamos que para ambos os grupos, a família é a instituição mais importante em suas vidas. Essa percepção é ainda maior no grupo dos participantes do projeto, como vemos no gráfico 20. Lembramos que boa parte desse grupo vive com irmãos, avós e outros parentes e menos com os pais, se comparados aos escolares. Essa circunstância parece influenciar no sentimento de valorização da família de forma mais acentuada entre os jovens.



Participantes dos dois grupos dizem que quando se sentem tristes, chateados e aborrecidos, têm um problema muito sério ou dúvida sobre alguma coisa importante procuram mais os membros da família para conversar e ter apoio. Os

participantes do projeto recorrem com mais frequência, nessas horas, aos familiares (mãe e irmãos), aos amigos e muitas vezes preferem ficar sozinhos. Também foram citados namorado (a), esposo(a), pastor da igreja, profissionais que atuam no projeto (assistente social) e Deus. Os jovens do *Luta pela Paz* mencionam que também recorrem aos profissionais que atuam no projeto quando precisam de ajuda em suas dúvidas e necessidades. Mais que os jovens do *Luta pela Paz*, os escolares procuram os familiares, principalmente a mãe, os amigos, o namorado(a) e a Deus. Outra forma de consolo ou fuga dos aborrecimentos também foi mencionada por eles como ouvir música e ficar sozinho.

Indagados se têm alguma pessoa que lhes dá apoio, serve de exemplo ou modelo positivo, exceto os pais, 64,3% dos jovens do *Luta pela Paz* e 64,8% dos escolares responderam que sim. Entre as pessoas mais citadas por ambos grupos estão familiares, amigos, namorado(a) ou esposo(a), profissionais com quem eles têm contato (assistente social, responsáveis pelo projeto), pessoas bem sucedidas, pastor e Deus.

De modo geral, tanto os jovens do *Luta pela Paz* como os escolares referiram ter bom ou muito bom relacionamento com os pais e responsáveis. A grande maioria também informou que o relacionamento entre seus pais é bom ou muito bom. Entretanto, as proporções de relacionamento bom ou muito bom do jovem com o pai são menores em ambos os grupos quando comparadas às demais pessoas já citadas. Os jovens do *Luta pela Paz* mais que os escolares, apresentam maiores proporções de relacionamento ruim e muito ruim com a mãe e o pai. Os últimos informam percentuais mais elevados de problemas de relacionamento com responsáveis e entre os pais, como se pode ver na tabela 11.



**Tabela 11: Relações familiares dos jovens. Maré, 2006**

Relacionamentos  Familiares	Luta pela Paz				Alunos da escola			
	N	Ruim/ Muito Ruim (%)	Regular (%)	Bom/ Muito bom (%)	N	Ruim/ Muito ruim (%)	Regular (%)	Bom/ Muito bom (%)
Jovem com Mãe	50	4,0	6,0	90,0	86	1,2	12,8	86,0
Jovem com Pai	39	10,3	25,6	64,1	69	8,7	21,7	69,6
Jovem com Responsável	11	-	-	100,0	13	7,7	-	92,3
Entre os Pais	50	14,0	14,0	72,0	79	15,2	16,5	68,4

## 5. VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA

A exposição à violência é definida como experiência de vitimização direta e indireta (Cardia, 1999). No presente estudo, consideramos como violência direta algumas experiências de vitimização do jovem ou de um parente próximo na comunidade. Tais situações em geral incluem violência física, psicológica e sexual. Em alguns casos citados pelos jovens é possível avaliar inclusive o nível de severidade. Mas em outros investigamos situações violentas que ocorrem no ambiente coletivo do bairro.

### 5.1. Vitimização Direta

Na tabela 12 vemos que os jovens de ambos os grupos vivenciaram todas as alternativas de violência aqui investigadas. Destacamos as elevadas proporções de jovens que passaram pela experiência de alguém lhes pedir informações sobre como comprar drogas e lhes oferecer drogas, serem agredidos com xingamentos, terem parentes próximos feridos com arma de fogo e assassinados, sofrerem agressão física por parte de amigos da mesma idade e terem sido extorquidos por policiais que lhes tiraram dinheiro. Os jovens do *Luta pela Paz* relataram maiores

proporções para todas as situações exceto para xingamento, de parente próximo que sofreu agressão sexual e de ser agredido fisicamente por um membro da família. Formas mais leves de agressão aparecem com maior frequência entre os escolares.

**Tabela 12: Situações de violência que aconteceram com o jovem, no bairro, nos últimos 12 meses. Maré, 2006**

Situações de Violência	Luta pela Paz		Alunos da escola	
	N	%	N	%
Alguém o ameaçou com revólver	51	7,8	85	3,5
Alguém o ameaçou com faca	51	2,0	85	2,4
Alguém o agrediu com xingamento	50	48,0	83	51,8
Algum policial ou autoridade o ameaçou para tirar-lhe dinheiro	52	23,1	84	11,9
Sofreu algum tipo de agressão ou maus tratos policiais	51	17,6	83	7,2
Mudou de casa por medo ou ameaça de violência	50	6,0	84	6,0
Alguém lhe ofereceu drogas	51	35,3	84	22,6
Foi ferido por arma de fogo, como revólver	51	3,9	84	1,2
Sentiu necessidade de andar armado	51	15,7	84	8,3
Alguém pediu informações sobre como comprar drogas	52	51,9	82	37,8
Você ou parente próximo foi ameaçado de morte	51	15,7	84	15,5
Algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca	51	23,5	84	20,2
Algum parente próximo foi seqüestrado	50	8,0	83	3,6
Algum parente próximo foi assassinado	51	23,5	85	21,2
Sofreu agressão física de desconhecido (tapa, soco, etc)	51	17,6	84	14,3
Sofreu agressão física por colega ou amigo da mesma idade	52	21,2	83	15,7
Sofreu agressão física por membro da família	51	11,8	84	16,7
Algum parente próximo sofreu agressão sexual (estupro, tentativa ou outras formas de abuso)	52	1,9	84	3,6

Na tabela 13 apresentamos a comparação dos dados desta pesquisa com os de um *survey* realizado por Cardia (1999) em dez capitais brasileiras, envolvendo 1.600 jovens. Essas informações indicam que os adolescentes residentes na Maré passam por exposição à violência mais frequentemente que os jovens das cidades

estudadas. A vitimização deles também é maior que a das pessoas com 16 ou mais anos da cidade do Rio de Janeiro, exceto para a ameaça com faca e ter parente próximo ameaçado de morte, eventos para os quais os jovens de 16 a 24 anos das dez capitais apresentaram proporções mais elevadas.

Ressaltamos que violências como xingamento, extorsão por policial ou outras autoridades, acesso a drogas e pedido de informação sobre onde comprá-las e ferimento por arma e assassinato de parente próximo entre os jovens da Maré apresentam proporções bem mais elevadas que as observadas no estudo de Cardia.

**Tabela 13: Situações de violência que aconteceram com o jovem, no bairro, nos últimos 12 meses. Maré, Brasil e Rio de Janeiro**

Situações de Violência	Maré		Cardia (1999)	
	Luta pela Paz	Escola	Brasil 16 a 24 anos	Rio de Janeiro 16 anos ou mais
Alguém o ameaçou com revólver	7,8	3,5	8,0	3,0
Alguém o ameaçou com faca	2,0	2,4	7,0	2,0
Alguém o agrediu com xingamento	48,0	51,8	29,0	18,0
Algum policial ou autoridade o ameaçou para tirar-lhe dinheiro	23,1	11,9	3,0	4,0
Sofreu algum tipo de agressão ou maus tratos policiais	17,6	7,2	7,0	4,0
Mudou de casa por medo ou ameaça de violência	6,0	6,0	5,0	2,0
Alguém lhe ofereceu drogas	35,3	22,6	17,0	6,0
Foi ferido por arma de fogo, como revólver.	3,9	1,2	2,0	-
Sentiu necessidade de andar armado	15,7	8,3	9,0	5,0
Alguém pediu informações sobre como comprar drogas	51,9	37,8	8,0	1,0
Você ou parente próximo foi ameaçado de morte	15,7	15,5	16,0	7,0
Algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca	23,5	20,2	8,0	6,0
Algum parente próximo foi seqüestrado	8,0	3,6	1,0	-
Algum parente próximo foi assassinado	23,5	21,2	7,0	4,0
Sofreu agressão física de desconhecido (tapa, soco, etc)	17,6	14,3	12,0	3,0
Sofreu agressão física por colega ou amigo da mesma idade	21,2	15,7		
Sofreu agressão física por membro da família	11,8	16,7		

No que diz respeito às relações com policiais - um tema recorrente para jovens quando falamos de violência - no último ano, observamos que os participantes do *Luta pela Paz* passaram por experiências de extorsão e maus tratos em maiores proporções que os estudantes. Dowdney (2003) relatou a existência de violência policial mencionada por 23% de 100 jovens moradores de três favelas do Rio de Janeiro, entrevistados por ele. Comparando os dados do presente estudo com os

de uma pesquisa com 1.744 alunos das 7ª e 8ª séries do ensino fundamental e da 1ª e 2ª séries do ensino médio de escolas públicas e particulares de três cidades brasileiras – Iguatu/CE, Campinas/SP e Juiz de Fora/MG (Claves/Ensp/Fiocruz, 2000), observamos proporções bem maiores para as situações de ameaça entre os adolescentes das três cidades, ao passo que os jovens da Maré sofrem mais agressões (tabela 14). Vale a pena ressaltar que a pergunta sobre ameaça sofrida pelos jovens das três cidades se referia a qualquer tipo e talvez por isso tenha sido mais referida.

Uma importante forma de violência frequentemente relatada pelos jovens é a humilhação. No estudo realizado nas três cidades acima referidas, os alunos referiram que sofrem mais humilhação na escola que na comunidade e na família, e isto ocorre tanto para os estudantes de escolas públicas como de escolas particulares.

**Tabela 14: Situações de violência que aconteceram com o jovem no bairro, nos últimos 12 meses.**

Situações de Violência	Maré		Iguatu, Campinas e Juiz de Fora	
	Luta pela Paz	Escola	Escola Pública	Escola particular
Alguém o ameaçou com revólver	7,8	3,5	16,1	17,2
Alguém o ameaçou com faca	2,0	2,4		
Sofreu agressão física de desconhecido (tapa, soco, etc)	17,6	14,3	3,0	1,2
Sofreu agressão física por colega ou amigo da mesma idade	21,2	15,7		
Sofreu agressão física por membro da família	11,8	16,7		

Uma pesquisa realizada com 1.714 escolares da cidade de São Gonçalo, situada na região metropolitana do Rio de Janeiro, identificou percentuais mais elevados de violência perpetrada pelos familiares, se comparados aos jovens da Maré que sofreram agressões por membros da família. Nos extratos socioeconômicos C, D

e E do referido trabalho, 12,2% e 28,1% dos alunos foram, respectivamente, vítimas de violência severa (chutar, morder ou dar murros, espancar, ameaçar ou usar arma ou faca) e de violência menor pelo pai. Cerca de 18,4% viveram situações de violência severa e 44,8% sofreram violência menor perpetrada pela mãe (Assis & Avanci, 2004). Straus (1980) realizou um inquérito nacional nos EUA com os pais de jovens de 3 a 17 anos e encontrou uma proporção de 63,5% de violência menor e 14,2% de violência severa dos pais contra os filhos, evidenciando que esse fenômeno é culturalmente generalizado.

No que diz respeito à violência sexual, 15,5% dos estudantes de São Gonçalo, dos extratos socioeconômicos C, D e E, passaram por essa experiência e um pouco mais de 30,0% sofreram violência psicológica. Esses valores estão muito acima dos observados em relação às agressões sexuais de parentes próximos dos jovens da Maré (1,9% do Luta pela Paz e 3,6% dos escolares).

### **O jovem como protagonista de violência**

Embora alguns jovens sejam vítimas, eles também perpetram variadas formas de violência e cometem infrações. Na tabela 15 podemos constatar que a grande maioria dos jovens da Maré, aqui investigados, afirma que nunca se envolveu nos eventos abaixo listados. Contudo, expressivas proporções de jovens informam que, nos últimos 12 meses, participaram de briga na escola e “puxaram” briga com outra pessoa. Na grande maioria das opções listadas, os jovens do projeto apresentam percentuais mais elevados de envolvimento nessas situações de violência, exceto em relação ao roubo, recebimento de dinheiro por bens roubados e ameaça com qualquer tipo de arma, nas quais os estudantes sobressaem.

Observamos diferença estatística entre os dois grupos apenas em relação à participação em briga na escola. Efetuamos uma análise a fim de controlar a diferente distribuição por sexo, nos dois grupos. Os resultados indicam que tanto no sexo feminino quanto no masculino, maiores proporções de jovens do *Luta pela Paz* referem ter participado de briga na escola nos últimos 12 meses. Entre os

meninos essa diferença mostrou-se estatisticamente significativa (48,3% *versus* 21,2% dos escolares,  $p=0,033$ ).

**Tabela 15: Frequência de participação direta do jovem em situações de violência, nos últimos 12 meses. Maré, 2006**

Situações	Luta pela Paz			Alunos da escola		
	N	Nunca (%)	1 vez ou mais (%)	N	Nunca (%)	1 vez ou mais (%)
Participou de briga na escola*	50	62,0	38,0	88	80,7	19,3
Participou de grupo que agrediu fisicamente uma única pessoa	51	94,1	5,9	87	97,7	2,3
Participou de grupo que agrediu fisicamente outro grupo	51	96,1	4,0	85	98,8	1,2
Começou uma briga com outra pessoa	50	72,0	28,0	85	83,5	16,5
Roubou alguma coisa	51	96,1	4,0	85	92,9	7,1
Arrombou algum lugar para roubar	51	98,0	2,0	85	98,8	1,2
Foi preso por vender drogas	51	100,0	-	85	100,0	-
Recebeu dinheiro por bens roubados	51	94,1	5,9	83	92,8	7,2
Vendeu drogas ou trabalhou no tráfico de drogas	51	98,0	2,0	84	100,0	-
Ameaçou alguém com arma de fogo	51	100,0	-	84	100,0	-
Ameaçou alguém com qualquer tipo de arma	51	100,0	-	84	97,6	2,4
Forçou alguém a ter relação sexual com você	50	100,0	-	84	100,0	-

\* Diferença estatisticamente significativa ( $p = 0,056$ ).

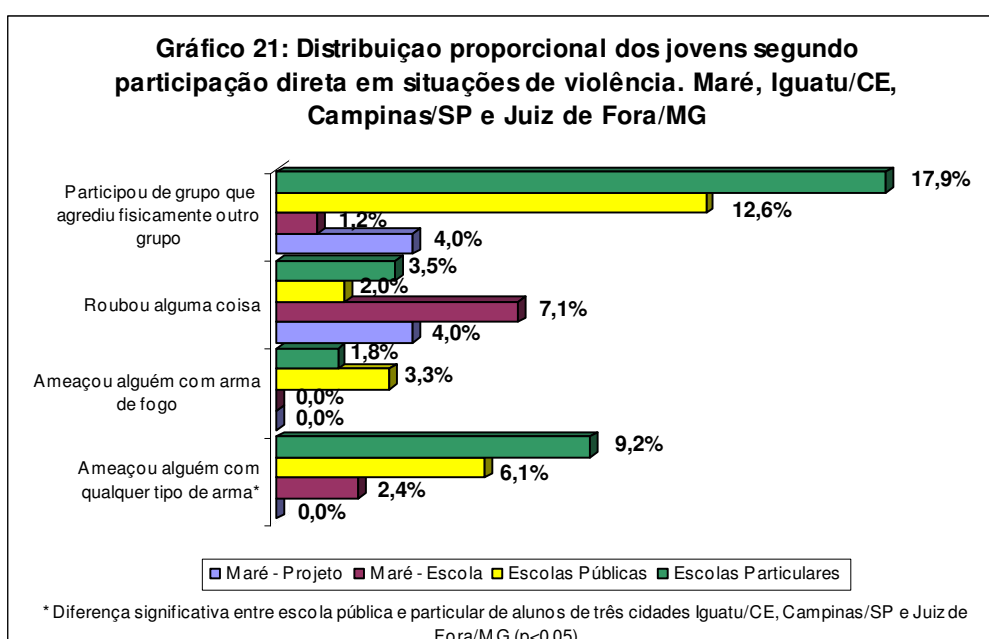
Buscamos aprofundar as respostas dos jovens que participam do *Luta pela Paz*. Investigamos o tempo de participação do jovem no projeto e percebemos que 65% dos que brigaram na escola estava há menos de um ano no projeto, enquanto 35% deles está há mais de um ano. Para os jovens que estão há mais tempo no projeto essa é uma das queixas em relação aos recém chegados.

Membros do conselho jovem falam que alguns adolescentes quando entram no projeto *querem fazer baderna*. Muitos se lastimam que nas aulas de informática alguns querem acessar os sites de relacionamento e por isso acabam brigando com os funcionários. Outros mencionam o trabalho que têm feito para manter a

limpeza do local, pedindo aos demais jovens que não sujem as salas e as paredes.

Os dados acima levam a algumas reflexões. Primeiramente, que os jovens do *Luta pela Paz* têm maior exposição às violências mais severas e perpetram violências menos graves que os escolares. Dessa forma, embora se envolvam em brigas mais que os outros estudantes, relatam com menor frequência o uso de armas.

Quando comparados aos escolares das cidades de Iguatu, Campinas e Juiz de Fora, os jovens da Maré apresentam proporções maiores de protagonismo de violência apenas no que diz respeito ao roubo. Nos demais itens, apresentados no gráfico 21 os jovens daquelas três cidades aparecem com maiores percentuais.



O estudo realizado com escolares de São Gonçalo/RJ aferiu o cometimento de atos transgressões em proporções bem maiores que as aqui observadas: 39,5% dos estudantes pertencentes aos extratos socioeconômicos C, D e E e 56,1% dos que pertencem aos extratos A e B (Assis & Avanci, 2004).

Ao contrário do discurso do senso comum de que o jovem infrator não sofre qualquer sanção da lei, este estudo mostra que 5,8% dos 52 membros do *Luta*



*pela Paz* que responderam à questão e 2,3% dos 86 estudantes disseram que já foram pegos pela polícia por qualquer tipo de crime; 2,0% dos 51 respondentes do projeto e 1,2% dos 86 alunos afirmaram que já o foram por terem cometido um crime violento, como roubo com arma ou agressão.

Entre os 55 jovens do projeto *Luta pela Paz* que responderam à questão, 5,5% cumprem alguma medida socioeducativa, 3,6% estão em têm liberdade assistida e 1,8% prestam serviço à comunidade.

## **5.2. Vitimização indireta**

A vitimização indireta refere-se à violência a que o indivíduo assiste, testemunha, fica sabendo, ouve falar ou ainda, aos casos que envolvem colegas e amigos (Cardia, 1999).

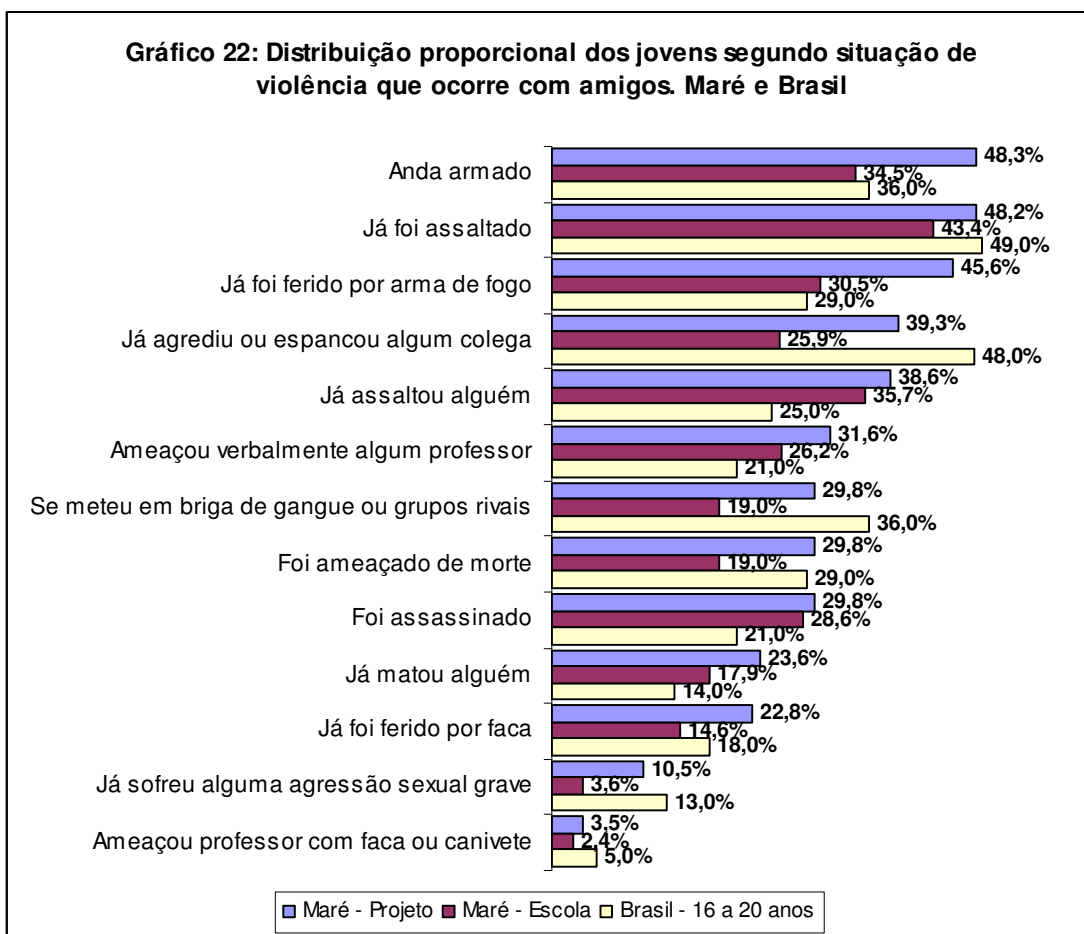
Conforme observamos na tabela 16, o testemunho de violência acontece em ambos os grupos, mas os adolescentes do *Luta pela Paz* apresentam percentuais maiores em praticamente todos os itens de situações de violência que ocorrem com seus colegas e amigos, exceto em relação a ferir alguém com faca, o que aparece em maior proporção entre os estudantes.

Dentre as situações de violência indireta, testemunhar pessoas que andam armadas, cometendo assaltos e ferindo com arma de fogo são as circunstâncias que os jovens do *Luta pela Paz* mais vivenciaram entre colegas e amigos. Da mesma forma, no grupo dos escolares os jovens mais frequentemente presenciaram colegas e amigos andando armados, colegas assaltando e sendo assaltados.

**Tabela 16: Situações de violência que ocorrem com colega ou amigo do jovem. Maré, 2006**

Situações de violencia	Luta pela Paz		Alunos da escola	
	N	%	N	%
Anda armado	58	48,3	84	34,5
Ameaçou verbalmente algum professor	57	31,6	84	26,2
Ameaçou professor com faca ou canivete	57	3,5	84	2,4
Ameaçou professor com arma de fogo	57	3,5	84	2,4
Já matou alguém	55	23,6	84	17,9
Foi assassinado	57	29,8	84	28,6
Foi ameaçado de morte	57	29,8	84	19,0
Ameaçou alguém de morte	57	24,6	82	14,6
Já assaltou alguém	57	38,6	84	35,7
Já foi assaltado	56	48,2	83	43,4
Já foi ferido por arma de fogo	57	45,6	82	30,5
Feriu alguém por arma de fogo	57	21,1	82	12,2
Já foi ferido por faca	57	22,8	82	14,6
Feriu alguém por faca	56	12,5	82	15,9
Já agrediu ou espancou algum colega	56	39,3	81	25,9
Já foi agredido ou espancado por algum colega	57	29,8	83	21,7
Se meteu em briga de gangue ou grupos rivais	57	29,8	84	19,0
Ameaçou verbalmente alguém	57	22,8	81	18,5
Já sofreu alguma agressão sexual grave	57	10,5	83	3,6
Já agrediu alguém sexualmente	56	3,6	82	-

Os participantes do *Luta pela Paz* apresentaram proporções mais elevadas em quase todos os itens descritos no gráfico 22, exceto nas seguintes situações: terem colega ou amigo que ameaçaram professor com faca ou canivete; foram assaltados; agrediram ou espancaram algum colega; se meteram em briga de gangues rivais e sofreram agressão sexual. Nesses citados aspectos os jovens menores de 20 anos do estudo de Cardia (1999) mostraram percentuais mais elevados.



Nas cidades de Iguatu/CE, Campinas/SP e Juiz de Fora/MG, em 2000, 11,0% dos alunos de escolas públicas acompanharam alguém com arma de fogo e 16,4% com arma branca na comunidade. Entre os estudantes de escolas particulares esses percentuais chegaram a 7,5% e 14,2%, respectivamente. Os que acompanharam alguém com arma de fogo na escola são 4,8% dos que estudam em escola pública e os que acompanharam alguém com arma branca foram 8,0%. Para os alunos de escolas particulares essas proporções foram de 1,2 e 8,7% (Claves/Ensp/Fiocruz, 2000).

Entre os 100 jovens de 14 a 24 anos residentes em comunidades faveladas do Rio de Janeiro pesquisados por Dowdney, 68% afirmaram que conhecem ou que sabiam de alguém que foi ferido por arma de fogo em sua comunidade e, outros 71% conhecem ou sabem de alguém que foi morto por tiro (Dowdney, 2003). É

importante destacar que esses percentuais encontrados por Dowdney são bem mais elevados que as proporções que observamos entre os jovens da Maré aqui pesquisados.

A violência mais recente testemunhada na comunidade pelos participantes do *Luta pela Paz* e os escolares foi investigada e encontra-se na tabela 17. A questão era se os jovens viram ou ouviram falar sobre algumas situações que ocorreram em seu bairro nos últimos três meses. De acordo com a tabela, o grupo do projeto apresenta valores percentuais mais elevados em relação ao testemunho de alguém recebendo tiro, alguém sendo preso pela polícia, alguém sendo agredido, alguém usando droga na rua e alguém armado na rua. Contudo, apenas no item relativo a alguém ameaçado por faca observamos diferença significativa do *Luta pela Paz* em relação ao grupo dos estudantes que apresenta maior percentual ( $p = 0,015$ ).

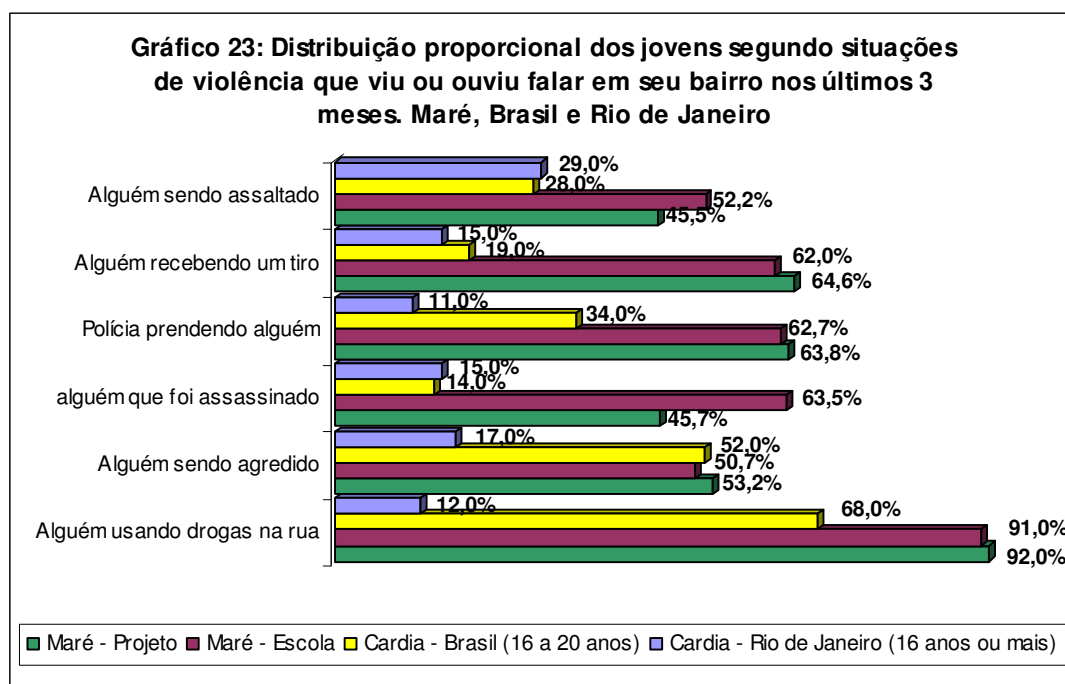
**Tabela 17: Situações de violência que o jovem viu ou ouviu falar em seu bairro, nos últimos 3 meses. Maré, 2006**

Situações	Luta pela Paz		Alunos da escola	
	N	%	N	%
Alguém sendo assaltado	44	45,5	69	52,2
Brigas de gangues	46	30,4	66	34,8
Alguém recebendo um tiro	48	64,6	71	62,0
A polícia prendendo alguém	47	63,8	75	62,7
Alguém que foi assassinado	46	45,7	74	63,5
Tiroteios	51	80,4	78	84,6
Alguém sendo agredido	47	53,2	73	50,7
Alguém sendo ameaçado com uma faca*	48	8,3	65	27,7
Alguém usando drogas na rua	50	92,0	78	91,0
Alguém armado na rua	49	93,9	80	88,8

\* Diferença estatisticamente significativa ( $p = 0,015$ )

A vitimização indireta dos jovens por terem visto ou ouvido falar em situações de violência também foi investigado no trabalho realizado por Cardia (1999) e os

resultados mostram que os jovens da Maré, aqui pesquisados, testemunham com maior freqüência situações violentas (gráfico 23). Apenas no item: alguém sendo agredido, os percentuais são próximos aos encontrados entre os jovens de 16 a 24 anos no Brasil.



Os dados acima parecem indicar a existência de uma vitimização indireta maior que a direta, tanto no que se refere à violência que ocorre no bairro (maior diversidade e freqüência de situações violentas que o jovem soube ou ouviu falar comparada a menor diversidade e freqüência de violência sofrida por ele ou parente próximo no bairro), quanto no que se refere a vitimização/protagonismo de violências por parte dos jovens (maior freqüência e diversidade de violências que o jovem viu ou ouviu falar envolvendo colegas e amigos comparada com menores percentuais e diversidade de situações violentas perpetradas pelo jovem).

### 5.3. Crenças sobre o uso de violência

*A gente passa por problemas com a família, porque a vida de ninguém aqui é fácil, ou a questão do dinheiro, outros não tem casa, outros tem pouca consciência do que está acontecendo... mas na questão de ser violento é que todo mundo que entra aqui tem que entender que a luta é um esporte e que não é como se fosse uma arma, porque violência a gente já tem no mundo sem a gente precisar levantar um dedo, aqui do nosso lado, na nossa comunidade. O difícil é não ser violento morando num ambiente como esse (egresso).*

Segundo Minayo e colaboradores (1999) a noção de violência construída por um jovem é em parte retirada do que realmente acontece; da sua consciência de classe; da sua posição na sociedade; das suas interações na escola, na família e com as mensagens da mídia; da sua experiência com esse fenômeno; do imaginário coletivo; e de como a sua subjetividade processa e reage a esse conjunto de relações e estímulos. A consciência dos jovens sobre o fenômeno tem, portanto, o peso das idéias hegemônicas que criam as estruturas imaginárias de relevância, do desenvolvimento de suas experiências enquanto grupo etário, estrato social, gênero e etnia, e também dos fatos concretos que acontecem com eles ou presenciam.

A percepção do bairro da Maré enquanto local de risco foi trazida por todos os participantes da pesquisa. Podemos sintetizar tais percepções dos jovens em relação à violência da seguinte forma:

- um grupo pequeno circunscreve a **violência como algo do outro, sobretudo do outro que busca esse ambiente**. O fato de alguns não terem relação funciona para eles como um escudo que os isenta de vivenciar a violência: *“tem violência para quem vai procurar”*.
- um segundo grupo, **reconhece a violência da comunidade, mas faz o contraponto com a violência da cidade ou com a violência em outras favelas, fazendo um contrponto**: *“ Não é só aqui que tem violência, ela está em todo lugar.”*

- um terceiro grupo, e maior deles, relata e reconhece **os impactos da violência no cotidiano de suas vidas**. Fala do preconceito que sofre por morar na comunidade, das limitações impostas pela questão da pobreza e do tráfico de drogas. Entre esses jovens as falas são carregadas de vivências. Esses rapazes e moças falam da especificidade do Complexo da Maré, apontando que é a única comunidade que tem as três facções criminosas coabitando. Nesse sentido, não só a violência praticada pelos traficantes de drogas, mas também a violência policial é mencionada. Minayo e colaboradores (1999) constataram em uma pesquisa realizada com jovens sobre sua visão de violência e cidadania, que as relações entre jovens e policiais, independente da classe social e dos locais de moradia, são de medo e desconfiança. A arbitrariedade policial, encarnada na ação do “caveirão”, foi apontada por muitos jovens.

Os entrevistados identificam a violência da comunidade e percebem que estão inseridos em uma “área de risco”, mas apontam que há possibilidade de serem diferentes nesse universo. Nesse sentido fazer parte do projeto os diferencia dos demais. Falam da entrada no *Luta pela Paz* como um marco divisor em relação ao seu comportamento: *“antes eu só queria saber de rua, agora é de casa para o projeto, da escola para o projeto”*. Apontamos a crítica feita pelo grupo de egressos em relação à blusa do projeto, passando a idéia de que para ser identificado como integrante é preciso literalmente “vestir a camisa”: *“antigamente para ganhar a camisa a gente precisava suar...agora entrou e já ganha, não acho isso certo. Tinha que ver se o cara está realmente a fim”*. Uma jovem fala da importância de serem identificados como membros do projeto dentro da comunidade: *“Eles [traficantes], olham para a gente e respeitam porque sabem que somos do Projeto.”* ( meninas)

O respeito que o Projeto conquistou na comunidade também foi apontado pelo seu coordenador ao mencionar que antes não havia espaço para nenhuma nova construção na Maré e com o tempo, o espaço surgiu para a construção da nova

sede. Isso, segundo ele, aconteceu devido à legitimidade que o *Luta pela Paz* adquiriu na área.

O estudo realizado por Dowdney (2004) chegou as seguintes conclusões em relação à percepção dos adolescentes sobre a violência nas comunidades:

- 1) Quase todos os jovens reconhecem níveis elevados de violência em suas comunidades, mas uma proporção importante não considera violenta a sua comunidade;
- 2) Parcela importante desses jovens acredita que, além de defender o tráfico, as facções armadas, em suas comunidades, também defendem os moradores contra os outros grupos armados e contra a polícia;
- 3) Apesar de muitos jovens considerarem as facções como defensoras dos moradores, a maioria deles não se sente protegida por elas, mas uma minoria pequena, mas significativa, tem a sensação de proteção;
- 4) Apesar de ampla maioria dos jovens da favela, não envolvida com o tráfico, declarar não se identificarem com nenhuma facção, a metade não frequenta comunidades controladas por outras facções;
- 5) A ampla maioria dos jovens não confia na polícia em razão da corrupção, desonestidade, violência ou incompetência. Uma proporção importante deles diz já ter sido agredida por policiais.

Os jovens participantes de nossa investigação falam da dificuldade de se inserirem em outros espaços, por causa do estigma de “favelado e bandido”. A exclusão se dá também dentro do próprio Complexo, onde um jovem morador de determinada comunidade não pode andar livremente por toda a área, por causa das rivalidades entre facções. No projeto, segundo um jovem, há uma possibilidade de inclusão:



*“O que eu acho legal no projeto é que a pessoa pode usar drogas, pode estar envolvido que o programa não exclui, e a sociedade exclui a gente o tempo todo. Ele deixa a pessoa entrar e com o tempo ele vai tentando mudar a cabeça daquele adolescente, conversar um pouco. Porque eu tenho amigos do tráfico, moro na favela a minha vida toda praticamente... Eu já usei drogas, mas o projeto ele começou a não dar importância ao que eu fazia e sim a dar importância a mim, aí eu comecei a ver que aquilo não estava me levando a nada e acabei parando.” (egressos)*

Os jovens falam dos tipos de violência mais freqüentes na comunidade: a violência do tráfico de drogas, do conflito com a polícia e da violência familiar. A violência existente nos lares é verbalizada por vários jovens:

*“Existe isso aqui na comunidade, do marido chegar em casa e acontecer alguma coisa aí ele meter na cara da mulher...” ( egressos)*

*“Aqui tem muito isso, homem batendo em mulher, em filho” ( meninos)*

Um deles aponta que foi depois de ter sofrido um “*espancamento*” do pai que buscou o Projeto. Esse tipo de violência também foi apontado pela equipe:

*“Eu vejo que eles já crescem no meio de muito conflito dentro de casa. O pai chega bêbado em casa e bate na mãe, a mãe revida com umhada... eu acho que a maioria dos nossos jovens e da nossa comunidade, vem de uma estrutura familiar quebrada. São poucos aqui que mamãe assiste, papai assiste. A maior massa é de família quebrada.” (educadores)*

A violência doméstica foi um dos relevantes problemas detectados na pesquisa de Minayo (1999) já citada anteriormente. *“Esse fenômeno universal e ao mesmo tempo local, que possui algumas formas de diferencial por classe e por gênero é evidenciado pela freqüência com que é citada a violência grave.” (:228)* Todos os especialistas do tema observam que a violência familiar é uma alimentadora da violência social.

Os jovens valorizam o fato de parte da equipe do projeto residir na própria comunidade. Segundo eles, a relação se torna mais estreita. Segundo um membro

da equipe, o aconselhamento se dá, “por conhecimento de causa”. Nesse sentido, os jovens dizem poder se “abrir” com mais naturalidade, pois o profissional conhece a realidade da comunidade e as reais necessidades que passam.

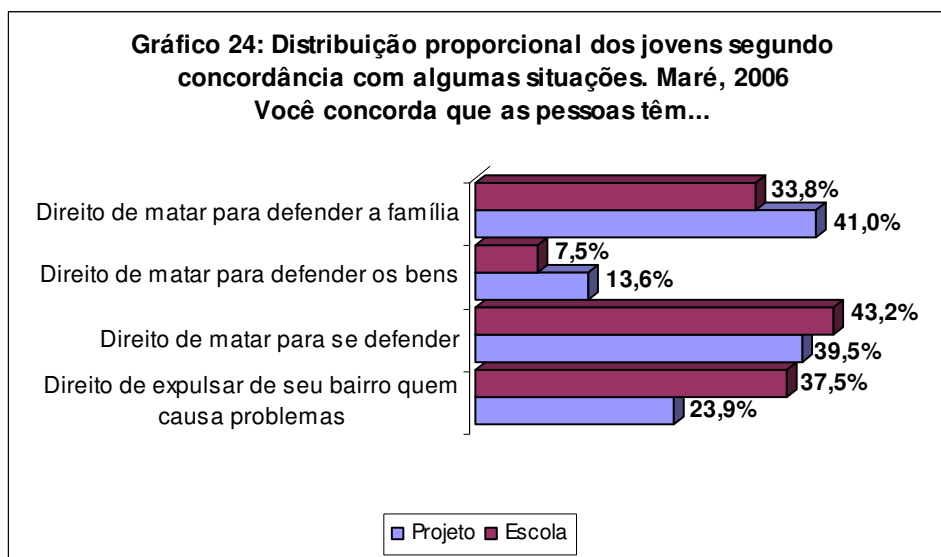
As crenças relacionadas à autodefesa, à defesa da família e dos bens são mostradas no gráfico 24 e indicam que boa parcela dos jovens de ambos os grupos aqui investigados concordam, sobretudo com o direito de matar para se defender e defender a sua família.

Os jovens do projeto acreditam mais que os escolares que as pessoas podem matar para defender a família e os bens. Por outro lado, 43,2% dos estudantes concordam com o direito de matar para se defender.

Ressaltamos os elevados percentuais, em ambos os grupos, de concordância quanto à expulsão de pessoas que causem problema no bairro. Seria importante aprofundar – o que não fizemos - quem seriam as pessoas alvo dessa possível expulsão segundo critérios dos jovens.

Analisando as respostas dos jovens do projeto a essas questões, de acordo com o tempo de participação no *Luta pela Paz*, observamos que aqueles que concordam com tais situações participam a menos tempo, exceto em relação ao item “expulsar pessoas que causam problema no bairro”, frente ao qual, os mais antigos são mais severos.

Ao investigar tais situações de defesa de si mesmo, da família e dos bens de acordo com faixas etárias, vemos que os que mais concordam as situações citadas tendem a ser os menores de 15 anos e com menos de um ano no projeto. Por outro lado, entre os que estão há mais de um ano, os de 15 a 18 anos, são os que tendem a concordar mais com estas assertivas.



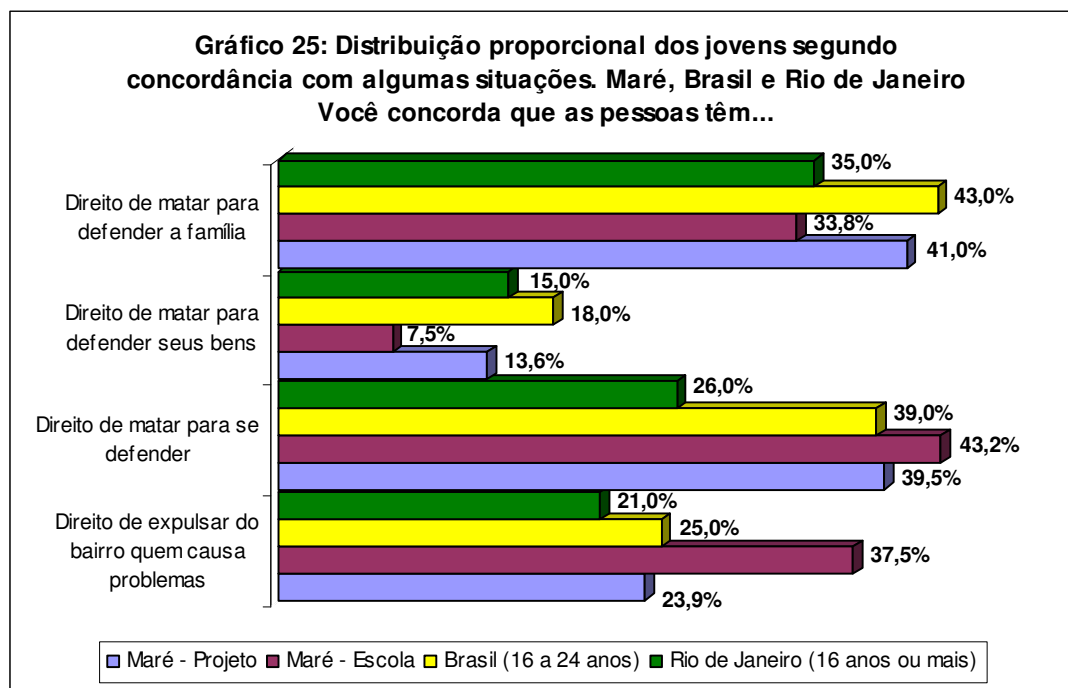
Outros estudos (Souza et al, 2006; Claves/Ensp/Fiocruz/Opas, 1992) também apontam a estratégia de expulsão da comunidade de pessoas “indesejáveis” como uma violência aceitável para a “segurança” do local. O pensamento de que se pode expulsar do bairro as pessoas que causam problema, parece ter conotação autoritária, de aceitação da justiça com as próprias mãos e da negação da justiça por meios legais (Cardia, 1999).

O direito de matar para a própria defesa, a defesa dos bens e da família também é defendido por jovens brasileiros de 16 a 24 anos e pelos cariocas maiores de 16 anos de idade, como mostra o gráfico 25.

Uma pesquisa de base populacional foi desenvolvida pelo CLAVES, com uma amostra representativa de 1220 jovens de 14 a 20 anos, de diferentes extratos socioeconômicos do município do Rio de Janeiro, associada com investigação qualitativa de 306 moças e rapazes realizou uma análise de sua representação social de cidadania. Os resultados mostraram que grande parte dos jovens revelou não saber o que era cidadania. A análise agrupou as respostas em dois eixos temáticos relevantes. O primeiro conjugou idéias de civismo, governo democrático e direitos políticos; o segundo agrupou lemas humanitários, solidários e caritativos.

O conjunto de respostas referentes às reivindicações dos direitos sociais ficou localizado em núcleo periférico (foi mencionado com elevada frequência, mas nos últimos lugares da fala dos jovens), mostrando-se como um tema secundariamente ligado à representação de cidadania. Para eles, esses direitos são obtidos por meio da partilha dos bens dos mais abastados e não como uma conquista. Nas respostas ao questionário, apenas 25,0% dos jovens consideraram muito grave humilhar homossexuais, 95,0% queimar mendigos e 90,0% seqüestrar alguém (Minayo et al, 1999).

Os autores, diante desses posicionamentos, consideram que estes jovens possuem uma *consciência moral nitidamente estrita em relação às depredações de patrimônio e muito mais frouxa e tênue quando se refere à determinados grupos sociais fortemente discriminados pela sociedade em geral, e por eles, de forma especial* (Minayo et al, 1999: 195).



Os jovens da Maré, quando comparados a outros no gráfico 25, refletem em suas respostas basicamente os mesmos posicionamentos dos jovens das 10 cidades

brasileiras estudados por Cardia, denotando que não diferem quanto aos valores vigentes da juventude de nosso país.

A percepção dos jovens em relação ao uso de armas demonstrou que, 17,4% (N=46) dos membros do projeto e 10,4% (N=77) dos escolares concordam que ter uma arma em casa a torna mais segura. Da mesma forma, 9,3% (N=43) dos jovens do *Luta pela Paz* e 14,7% (N=75) dos estudantes concordam que carregar uma arma faz com que a pessoa esteja mais segura.

Para 17,0% dos brasileiros com idades entre 16 e 24 anos e para 12,0% dos cariocas com mais de 16 anos, ter uma arma em casa a torna segura; os percentuais de quem acredita que a pessoa se torna mais segura portando uma arma são de 9,0% e 5,0%, respectivamente (Cardia, 1999). Na opinião da maioria dos jovens que participam do projeto *Luta pela Paz* (12,2%, N=41) e dos escolares (13,9%, N=79), as pessoas têm o direito de andar armadas.

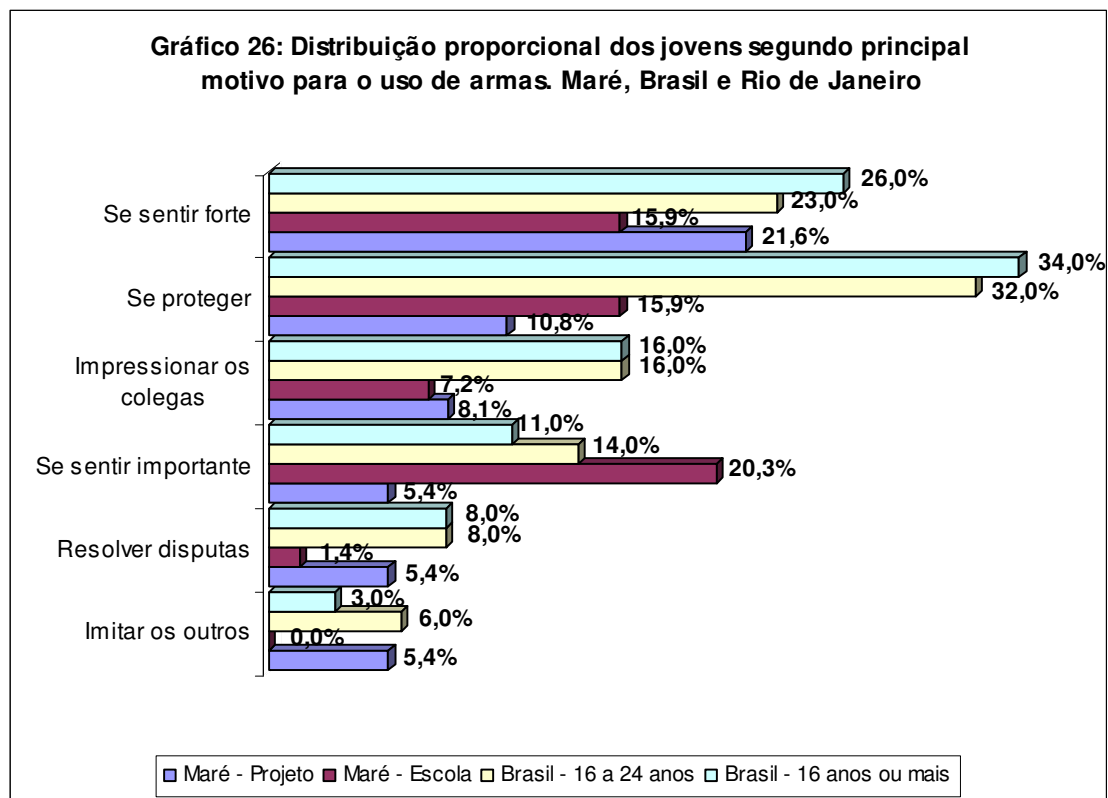
As crenças sobre os motivos para o uso de armas são mostradas na tabela 18. Os jovens consideram que a arma é usada principalmente para o jovem se sentir forte, importante e se proteger.

**Tabela 18: Percepção dos jovens sobre o principal motivo para o uso de armas. Maré, 2006**

Motivos para o uso de armas	Luta pela Paz (N=37)	Alunos da escola (N=69)
	%	%
Impressionar os colegas	8,1	7,2
Resolver disputas	5,4	1,4
Se sentir importante	5,4	20,3
Se proteger	10,8	15,9
Imitar os outros	5,4	-
Se sentir forte	21,6	15,9
Não existe motivo para uma pessoa andar armada	10,8	24,6

O gráfico 26 mostra as proporções de jovens que concordam com os motivos apresentados para que as pessoas andem armadas. Nele, constatamos que os

brasileiros de 16 a 24 anos e os cariocas com mais de 16 anos apresentam proporções maiores em relação às pessoas da Maré aqui investigadas.



Os jovens moradores de favelas acreditam que as pessoas de sua comunidade andam armadas para defender o tráfico de drogas (36%), para defender o tráfico e os moradores (21%) e uma proporção bem menor (12%) acredita que as pessoas usam armas para a autodefesa (Dowdney, 2003). Para 12% desses jovens as armas são usadas pelos membros da comunidade para se defenderem da polícia; 26% acreditam que elas são usadas contra grupos armados de outras favelas e 56% dizem que é contra ambos (Dowdney, 2003).

Uma parcela dos jovens apontou outros motivos para que as pessoas andem armadas afirmando que isso ocorre porque as pessoas têm a necessidade de conquistar de forma errada o que era para ser certo, conseguir *status* alto na favela. Alguns dizem que andar armado é uma forma de sobreviver no ambiente

da comunidade e nesta também é preciso se armar para defender a boca de fumo. Finalmente, um grupo alegou que os motivos variam de pessoa para pessoa.

Ressaltamos que 27,0% dos membros do projeto e 11,6% dos escolares não têm opinião formada a respeito desta questão.

Os dados acima podem ser relacionados à facilidade de acesso a armas. Indagados sobre isto, 19,6% dos 51 participantes do projeto que responderam a esta questão e 10,6% dos 85 estudantes, afirmaram que têm acesso fácil a armas de fogo.

### **Visão dos jovens sobre causas da violência interpessoal e na escola**

Os jovens foram indagados sobre as causas da violência e suas respostas encontram-se agrupadas na tabela 19 em função de algumas categorias. A partir dos dados da tabela ressaltamos os itens de maior concordância que se referem às situações que expressam respostas à violência. Assim os jovens acreditam que as pessoas são violentas porque são provocadas ou porque são violentadas. Outra explicação dada por eles associa a causa da violência ao uso de drogas.

Finalmente, notamos algumas explicações associam a causa da violência a condições individuais. Desse modo, as pessoas cometeriam violência porque são más ou porque não têm quem as oriente.

Destacamos que os membros do *Luta pela Paz*, em contraposição a alguns dados aqui já apresentados, concordam em menor proporção que os escolares com o fato de que as pessoas são violentas porque quem não for durão vira vítima.

**Tabela 19: Percepção dos jovens sobre as causas da violência. Maré, 2006**

<b>As pessoas cometem violência porque</b>	<b>Luta pela Paz</b>	<b>Alunos da escola</b>
--	----------------------	-------------------------

	N	%	N	%
<b>Responsabilizam as pessoas</b>				
São provocadas por outros	46	56,5	71	59,2
Não conseguem sustentar a família	42	42,9	76	32,9
Sentem ciúmes de seu (sua) namorado (a)	42	47,6	75	44,0
Têm preconceito/ódio racial	40	27,5	66	33,3
Bebem e provocam os outros	44	36,4	70	47,1
Usam drogas	42	54,8	67	53,7
Vendem drogas	41	46,3	62	43,5
Não têm religião	36	30,6	64	37,5
São más	38	55,3	69	56,5
Não têm quem oriente	36	58,3	70	50,0
<b>Auto apresentação/imagem</b>				
No bairro quem não for durão vira vítima	40	12,5	65	23,1
Perderam a esperança de melhorar de vida	42	38,1	68	38,2
<b>Auto proteção</b>				
Têm medo de serem machucados	39	20,5	65	27,7
Sofrem violência	38	55,3	72	50,0

Comparando-se as proporções de jovens que concordam com os motivos para as pessoas cometerem violências, os brasileiros de 16 a 24 anos das dez capitais estudadas por Cardia (1999) apresentam percentuais maiores para grande parte dos motivos investigados, exceto para os itens: “são provocados por outros, sentem ciúmes do(a) namorado(a) e são más”, em que os adolescentes da Maré aparecem em proporções maiores, conforme a tabela 20 a seguir.

**Tabela 20: Percepção dos jovens sobre as causas da violência. Maré, Brasil e Rio de Janeiro.**

As pessoas cometem violência porque	Maré		Cardia (1999)	
	Luta pela paz	escola	Brasil 16 a 24 anos	Rio de Janeiro 16 anos e mais
<b>Responsabilizam as pessoas</b>				



São provocadas por outros	56,5	59,2	41,0	24,0
Sentem ciúmes de seu (sua) namorado (a)	47,6	44,0	41,0	21,0
Têm preconceito/ódio racial	27,5	33,3	38,0	18,0
Bebem e provocam os outros	36,4	47,1	68,0	54,0
Usam drogas	54,8	53,7	72,0	62,0
Vendem drogas	46,3	43,5	69,0	65,0
São más	55,3	56,5	41,0	23,0
<b>Auto apresentação/imagem</b>				
No bairro quem não for durão vira vítima	12,5	23,1	35,0	15,0
<b>Auto proteção</b>				
Têm medo de serem machucados	20,5	27,7	32,0	19,0

A tabela 21 mostra a percepção dos jovens sobre as causas de violência na escola. Os membros do projeto concordam em maior proporção com a grande maioria dos itens listados como causas de violência na escola. Dentre as principais causas destacam-se (a) o uso de drogas e a formação de gangues pelos alunos, (b) os problemas entre eles e os professores e (c) o fato da família não dar importância à escola. Em relação a esta última causa, os participantes do projeto diferem significativamente dos estudantes ( $p = 0,039$ ) concordando mais com a ausência de interesse da família por seus estudos.

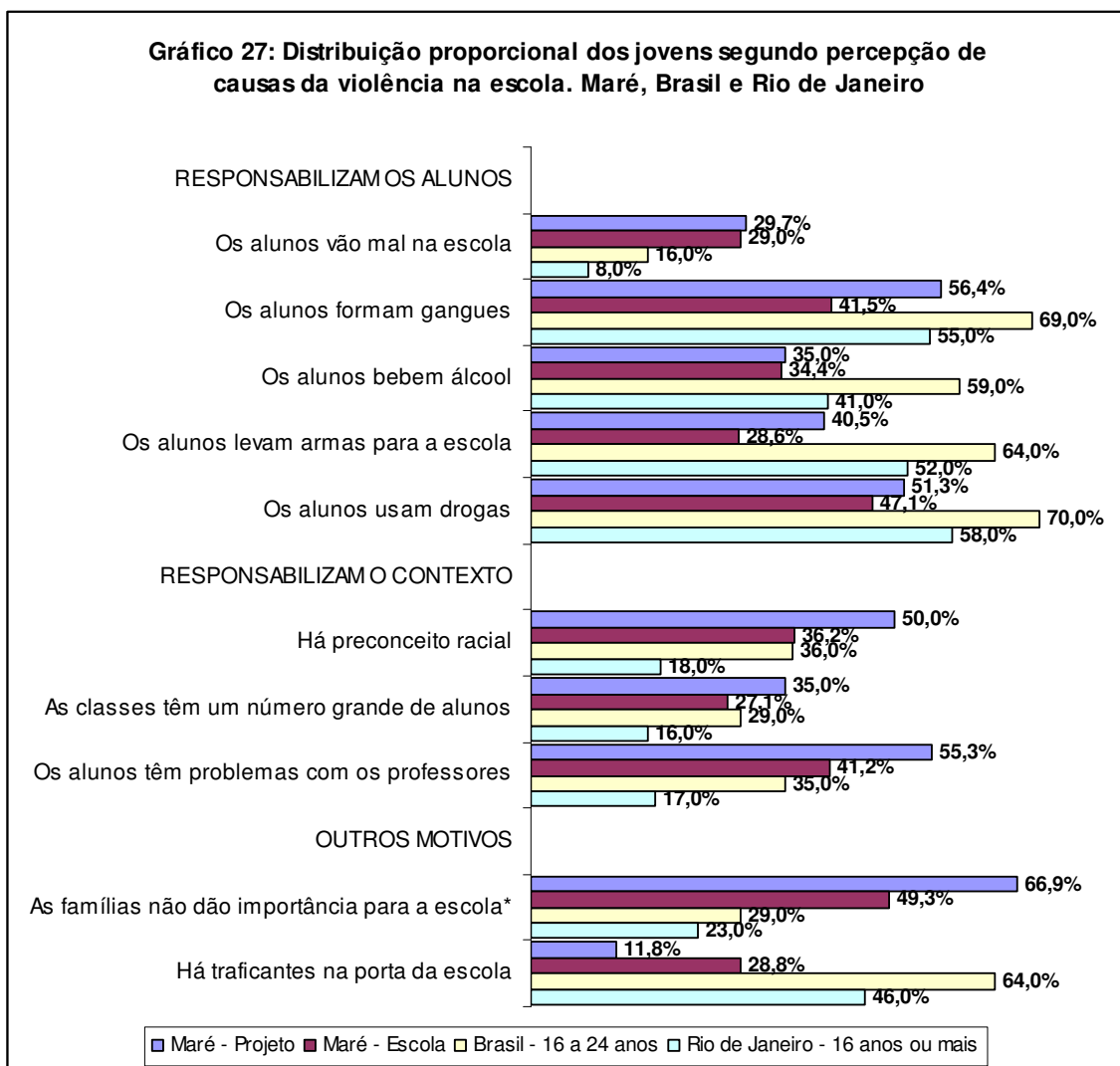
**Tabela 21: Percepção dos jovens sobre causas da violência na escola Maré, 2006**

Há violência na escola porque	Luta pela Paz		Alunos da escola	
	N	%	N	%
<b>Responsabilizam os alunos</b>				
Os alunos vão mal na escola	37	29,7	69	29,0
Os alunos formam gangues	39	56,4	65	41,5
Os alunos bebem álcool	40	35,0	64	34,4
Os alunos levam armas para a escola	37	40,5	63	28,6
Os alunos usam drogas	39	51,3	68	47,1

<b>Responsabilizam o contexto</b>				
Há preconceito racial	42	50,0	69	36,2
As classes têm um número grande de alunos	40	35,0	70	27,1
Os alunos têm problemas com os professores	38	55,3	68	41,2
Há poucos professores	37	29,7	60	38,3
Os professores e diretores não sabem lidar com a indisciplina	38	42,1	69	42,0
<b>Outros motivos</b>				
As famílias não dão importância para a escola*	45	66,9	75	49,3
Há traficantes na porta da escola	34	11,8	66	28,8

\* Diferença estatisticamente significativa (p = 0,039)

Comparando os jovens da Maré com os da pesquisa realizada nas dez capitais brasileiras, esses últimos apresentam percentuais maiores em relação aos primeiros nas causas que responsabilizam os alunos pela violência, exceto no item “os alunos vão mal na escola” em que os adolescentes da Maré aparecem em maiores proporções. Os que acreditam que a violência na escola se deve às questões que envolvem o contexto estão em maior número entre os jovens residentes na Maré, como podemos visualizar no gráfico 27. Os meninos e meninas participantes da presente pesquisa acreditam mais que os do estudo de Cardia (1999) que o fato das famílias não darem importância à escola é uma causa da violência nesse ambiente.



#### 5.4. Prevenção à violência na percepção dos atores

O coordenador do *Luta pela Paz* defende a idéia de que, antes de pensarmos em prevenção à violência focando o jovem, precisamos discutir a ausência do Estado nas comunidades carentes e à violência policial que faz desses jovens vítimas preferenciais. Se essa problemática não for resolvida, todas as ações de prevenção, segundo ele, terão um impacto ínfimo para a comunidade.

*Eles (financiadores) querem sempre saber se a Maré passa a ser melhor com a presença do “luta pela paz”, mas isso não vai acontecer. Tudo isso que acaba rendendo a comunidade a este ciclo de violência, pobreza e desigualdade social, marginalização, precisa ser mudado. E nós somos*

*limitados.* (coordenador)

A equipe aponta para a importância da família como um fator protetivo contra a violência existente na comunidade. A maior comunicação entre pais e filhos, o limite e a orientação em relação à violência, foram às estratégias mais apontadas pelos membros da equipe. A falta de um referencial familiar acaba por gerar nas crianças e jovens a identificação com o traficante: *“na falta de um herói, de um modelo, vai o que está disponível e no caso dessas comunidades é o traficante”*. Nesse sentido falam da importância do projeto por ser um local de referência para esses jovens. Uma outra estratégia de prevenção à violência apontada pela equipe foi a de iniciar o trabalho de prevenção com as crianças:

*“Quanto mais cedo começarmos a intervir, melhor. Aqui na comunidade as crianças ficam muito abandonadas, crianças de 3, 4 anos sozinhas pela rua...o trabalho com o adolescente já é mais difícil, ele tem mais dificuldade de respeitar as regras.”* (educadores)

A rua e o lazer comunitário se configuram como um risco. Na fala dos próprios jovens:

*“É melhor o jovem estar aqui dentro do que estando fora porque aqui você pode se dedicar mais e mais aos treinos e sabendo que está fazendo uma coisa que é de bom, na rua você não sabe o que está fazendo.”* (meninos)

*“Na rua só tem gente querendo te levar para o caminho errado.”* (meninas)

Nesse sentido, uma outra possibilidade de prevenir a violência, segundo os educadores, é ocupar o tempo das crianças e adolescentes para se evitar a ociosidade. Um professor de esporte falou sobre a estratégia que utiliza nos treinos: *“o treino é muito forçado. Tento quase exaurir a energia dos jovens para que eles só consigam chegar em casa, comer e dormir”*. A estratégia de prevenir a violência pela via da ocupação também é trazida pelos jovens: *“... tem que ocupar o tempo e a mente, mente vazia oficina do Diabo”*. Essa idéia faz parte do

imaginário popular, independente de que criança ou jovem estejamos falando. No entanto, esses jovens por se encontrarem em situação de vulnerabilidade, acabam por ser alvos de projetos e estratégias que têm como foco atividades que acontecem em turno contrário ao escolar, na tentativa de ocupação do tempo vago.

A rua é perigosa e a comunidade é arriscada. Segundo um jovem: *“a tentação mora ao lado”*. Nesse sentido ganha força o discurso do coordenador do projeto que aponta a necessidade de fortalecer no jovem às suas resistências internas para lutar contra o que o ambiente violento lhe oferece.

Augé (1994) discute que os “lugares” são fundamentais, relacionais e históricos. Os sujeitos tendem a ligar-se aos lugares em que nascem e moram e os reconhecem no curso de suas vidas. Fazem parte das marcas identitárias e produzem subjetividades.

A Maré é um território vivido e percebido por essas crianças e adolescentes com uma dupla significação. O viver na comunidade, ao mesmo tempo em que apresenta uma positividade no sentido de possibilitar um reconhecimento social dos jovens: *“eu tenho orgulho de ser da Maré”*, é capaz também de criar uma imagem negativa e generalizada dos jovens que lá vivem, associando-os à violência e ao narcotráfico: *“Para o pessoal lá de fora todo mundo que mora em comunidade é bandido.”* Essa segunda idéia, produtora de preconceitos em relação aos favelados e mais ainda, aos jovens favelados, pode ser constatada no fato deles, fora de seu espaço, não assumirem morar no Complexo da Maré.

## **6. PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS**

Este capítulo busca destacar os principais pontos positivos e negativos do projeto *Luta pela Paz*, segundo a ótica dos atores: coordenador, equipe técnica, jovens que fazem parte do conselho jovem, meninos e meninas que participam atualmente e jovens egressos.

### **Pontos positivos**

#### **a) Acesso aos jovens que estão em conflito armado**

Como o principal objetivo do projeto é o acesso aos jovens que estão no conflito armado, grupo social mais exposto a violência, esse foi um dos pontos mais destacados pelo coordenador do projeto.

*O contato constante acontece não só dentro do prédio... já vinha acontecendo nesses sete anos (...) daqui para frente vai acontecer de forma mais organizada, porque nós estamos montando um grupo especial para isso (...) a gente vai na rua e passa um tempo na rua, fica olhando o que está rolando lá, e vai estabelecendo contato com o jovem em vários pontos da comunidade. O jovem não precisa vir para cá, a gente vai até lá (coordenador)*

A percepção do coordenador é corroborada pelos dados quantitativos anteriormente apresentados relativos ao envolvimento dos jovens do *Luta pela Paz* com a violência direta e indireta ligada ao tráfico de drogas e ao uso de armas.

No entanto, nem sempre esse objetivo é alcançado, pois o projeto não consegue evitar que alguns se envolvam com o tráfico de drogas e venham, inclusive, a perder suas vidas no conflito armado. O próprio nome do projeto tem um sentido forte, tanto por oferecer esportes de combate, como também por localizar-se em espaço de acirrada disputa pela vida e envolvimento de crianças e adolescentes contra os riscos que as vulnerabilizam.

Os jovens que participam e que participaram do projeto valorizam muito esse aspecto da filosofia do *Luta pela Paz* porque:

*Não discrimina, qualquer um pode participar, se usa droga, se tá envolvido com coisa errada (menina).*

*Aqui trata todo mundo igual (menina).*

*O que eu acho legal no projeto é que a pessoa pode usar drogas, pode estar envolvido que o programa não exclui. (menino/egresso)*

*Em uma comunidade onde existe um índice de violência grande, causa um impacto. (menino/egresso).*

Nas respostas ao questionário, vários jovens (embora minoria) confirmam que já experimentaram ou fazem uso de drogas atualmente.

Da mesma forma que reconhecem que o projeto de fato inclui todo e qualquer jovem que queira participar, meninos e meninas o vêem como uma ponte que busca ligar as várias regiões da comunidade cruelmente dominadas e fragmentadas por diferentes facções criminosas. O *Luta pela Paz* procura ter um papel pacificador na comunidade. Assim, tenta romper as fronteiras impostas pela violência dos grupos armados, possibilitando a inclusão de crianças e adolescentes de diferentes áreas.

*O Luta está quebrando essa barreira (menina).*

No entanto, isso nem sempre é possível por causa da dificuldade dos jovens circularem livremente nas diferentes áreas da Maré.

## **b) Ampliação do projeto**

A ampliação do projeto é destacada como um ponto positivo por alguns dos jovens porque: aumentou o espaço físico com a construção do novo prédio, que *chama a atenção*; aumentaram e diversificaram-se as atividades extra-curriculares oferecidas, como as aulas de informática, de inglês e a tele-sala. Como diz um jovem, “*essa coisa toda está sendo muito boa*”.

Os egressos também comentam que as atividades extra-curriculares ajudaram na ampliação do projeto. Por exemplo, o fato de ter curso de inglês ajuda a receber os convidados estrangeiros que os visitam.

A idéia de que ações desenvolvidas pelo *Luta pela Paz* vêm dando bons resultados está também relacionada à existência da nova sede. O coordenador, corroborando a opinião dos jovens, coloca que essa nova construção representa muito mais do que um prédio novo. Para ele, a nova sede representa um bom resultado, não só porque algumas pessoas acreditaram na idéia do projeto e investiram nele, mas porque obteve o atestado de credibilidade da comunidade no projeto.

*É um resultado importante, um projeto que começou com 15 jovens e que dentro de 6 anos já tem um prédio desse... a própria comunidade deu o aval, porque o projeto estava dando certo (coordenador).*

### **c) Sustentabilidade e legitimidade do projeto na área**

Para o coordenador, que tem sido o principal ator na captação de recursos financeiros para o projeto no exterior, a viabilidade do mesmo foi possível porque vários financiadores puderam vir ao Brasil, conversar com os jovens e ver que havia necessidade de investimento nessa comunidade. Mas a maior conquista reflete-se na sua fala: *cada história de cada jovem que eu tenho conhecimento que saiu do tráfico é mais uma vitória para mim*. Outra grande conquista foi o projeto ter ganhado a confiança e a parceria de moradores da área, que no início se fecharam à possibilidade de aquisição de um terreno para implantar o projeto. Com o tempo, a comunidade retrocedeu em relação a essa posição e passou a dar legitimidade à proposta, sendo esta uma das principais condições para que o mesmo dê certo, segundo Dowdney (2005).

### **d) Educadores que moram na própria comunidade**



Um fator considerado muito positivo pelos jovens é o fato da maioria da equipe morar na comunidade. Exemplificam o caso de Dona X porque *ela sabe o que se passa com cada jovem* (menino). Os jovens egressos também reconhecem essa positividade e dizem que a equipe ajuda quando *você não está bem e se for necessário vai na sua casa (...) já foram na minha* (menina/egressa).

A visita domiciliar é muito apreciada pelos jovens, porque demonstra o indiscutível interesse da equipe por eles. Nessas visitas a equipe procura saber as razões do jovem não estar freqüentando as atividades, conversar com os familiares, fortalecer os vínculos do projeto com os jovens, dentre outras coisas.

#### **e) Diálogo permanente entre os jovens e a equipe**

De forma geral, os jovens consideram que um dos pontos mais positivos do projeto é o diálogo com a equipe.

*Eu acho que o que é mais positivo aqui é esse fato deles sempre ouvir a gente. De querer saber a opinião da gente. A opinião para tudo, não ter essa divisão* (menina).

#### **f) Desenvolvimento de consciência cidadã**

As aulas de cidadania são ações consideradas extremamente positivas para meninos e meninas que freqüentam o projeto e também para os que já o deixaram. Nessa ação, é importante focar a figura ímpar de uma educadora social, referência absoluta na fala de todos os jovens entrevistados. Além de ser estimada por ser uma moradora da comunidade, o que se destaca na fala dos jovens em relação à essa educadora, é o sentimento de filiação. Todos se referem a ela como uma segunda mãe, mãezona. Mas essa “mãe” a que se referem, reconhecem, educa e dá limites e não desiste nunca de ir buscar o jovem onde ele estiver.

Outras pessoas também são lembradas pelos jovens, por serem fortes referências, como é o caso de uma coordenadora. Juntamente com a educadora acima referida, disputa dia a dia os jovens com as atividades criminosas.

Os estudos de resiliência empreendidos no Brasil por Assis e colegas (2006), assim como em outras pesquisas internacionais, vêm mostrando que um dos principais fatores protetores da resiliência dos jovens são as pessoas que estão sempre prontas a apoiá-los em todos os momentos da vida. Esses promotores de resiliência têm sempre uma palavra firme, uma atitude afetuosa e uma solidariedade explícita, estabelecendo um laço de confiança com os jovens. Assis e colegas (2005) destacam que,

*“Se a resiliência é um fenômeno de fortalecimento psicossocial passível de ser construído, o seu manejo pedagógico transforma-se em uma ferramenta capaz de subsidiar não apenas trabalhadores da área da saúde, da educação ou das famílias em geral, mas também a sociedade como um todo”. (p.115)*

Para a equipe do projeto a educadora social citada também é um referencial para todos. Uma pessoa da equipe conta que vários jovens que não estão inseridos no projeto costumam procurar o *Luta pela Paz* para pedir conselhos para os membros da equipe, mas a principal referência tem sido ela.

*Eu uso muito de escudo a Dona X. Ela é a mãe de todos. Porque tem mais idade, tem mais experiência (educador).*

A própria educadora deixa explícito na sua fala que acredita que *educação somente não é o forte*, é preciso juntar amor e dedicação porque *você pode estar transformando um ruim em bom*. Esse depoimento reitera a vocação do projeto para incluir adolescentes que ainda estão envolvidos em ações ilícitas, mas que nele encontram uma outra opção de escolha.

As aulas de cidadania englobam diferentes atividades e dinâmicas, portanto, são consideradas muito agradáveis pelos jovens, *é a maior diversão* (menino/conselho jovem); *é uma aula muito discutida* (menino/conselho jovem); *é muito legal* (menina/conselho jovem).

*A aula de cidadania é igual a uma escola. Ajuda você melhorar um pouco o seu jeito de ser, aprender a conviver com as pessoas...para o seu dia a dia...muda o seu jeito de agir de antes para depois da aula de cidadania. O esporte também muda muito o seu jeito de ser* (menina/conselho jovem).

A maioria dos temas lembrados pelos jovens buscam promover seu auto-conhecimento, auto-estima e resiliência em relação a *doenças sexualmente transmissíveis, direitos das crianças e do adolescente, violência contra a mulher, abuso sexual, drogas lícitas e ilícitas, turismo sexual, gravidez na adolescência, direito dos pais e dos idosos*. Essas ações são muito valorizadas pelos jovens. Um deles comenta que antes do projeto adquirir o novo prédio, as aulas eram em uma sala pequena, com pouca ventilação, mas mesmo assim todo mundo participava.

A ausência dos direitos básicos de cidadania é grande na localidade e um enorme desafio para o projeto. Apesar do alto prestígio dessas aulas, ainda observamos que cerca de 40,0% dos jovens do *Luta pela Paz* concordam com ações contrárias aos preceitos de cidadania como o direito de matar para defender a família ou se defender.

É necessário enfatizar a fraca presença das ações do Estado nessas comunidades pobres, onde são praticados os mais diversos atos de violação dos direitos das pessoas e onde a “lei” que impera, muitas vezes, ou é a dos grupos criminosos armados ou a da ação violenta policial que investe contra todo e qualquer morador, oprimindo e aterrorizando a comunidade. Esta dura realidade se expressa nos elevados percentuais, informados pelos jovens, de vitimização de parentes próximos (8,0% seqüestrados, 15,7% ameaçados de morte, 23,5% feridos por arma de fogo e assassinados) e deles próprios na relação com a polícia (23,0% extorquidos e 17,6% sofreram maus tratos).

Para um jovem, a noção de cidadania resume-se na frase seguinte:

*Eu pensava que a cidadania era aquilo que passava na televisão, só para o povo lá de fora (menino/conselho jovem).*

A televisão também é lembrada pelo fato de que, costumeiramente, apenas se refere a essa comunidade quando tem tiroteios entre grupos armados. Essa forma de discriminação ignora as ações sociais que são promovidas para reduzir a violência e resgatar o direito de cidadania das comunidades. Estudo de Njaine e Vivarta (2005) aponta o papel promotor que a mídia pode ter quando busca representar os jovens de comunidades pobres e seus espaços como locais onde também co-existem o convívio pacífico, onde as pessoas trabalham, estudam e criam seus filhos como em quaisquer outros espaços da cidade.

A informação para a cidadania também foi um dos principais indicadores de êxito encontrados em um estudo sobre experiências exitosas em prevenção da violência, realizado no Brasil, em 2005/2006. Nessa pesquisa foi realizado um estudo de caso de 10 experiências brasileiras que vêm dando bons resultados na prevenção da violência (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ, 2006). A promoção, o acesso e o uso de informações sobre a cidadania, assumem papel fundamental, uma vez que a conquista de direitos políticos e a implementação de deveres dos cidadãos passam pelo livre acesso à informação sobre esses direitos e deveres.

#### **g) Integração de ações e da equipe do projeto**

O mais marcante para os jovens e para a equipe que participam de todos os esportes oferecidos pelo projeto (boxe, capoeira e luta livre) é a comunhão das atividades esportivas com as aulas de cidadania e a união de todos os professores para um objetivo comum. Porque a primeira motivação da maioria dos meninos e meninas para praticar o boxe, principalmente, foi *entrar para aprender a brigar melhor* (menino/conselho jovem).

*Eu já gostava de brigar. Aí conforme eu fui participando do projeto, fui me integrando bem com as pessoas, eu melhorei a forma de pensar, principalmente pelas aulas de cidadania e estou aqui até hoje (menino/conselho jovem).*

*O boxe é o esporte que mais atrai o jovem porque ele vem aqui com a idéia de fazer boxe para brigar, mas aí na aula de cidadania ele muda este pensamento (menino/conselho jovem).*

*Tem vários temas na aula de cidadania e fora isso o professor também fala “o ringue é para a gente descarregar a adrenalina e aprender a não brigar na rua” (menino/conselho jovem).*

*É muito comum quando eles chegam é a questão de resolver tudo na agressão física. Tem uma diferença muito grande por conta dessa disciplina que é trabalhada tanto na cidadania quanto nos treinos. Começa a ter uma mudança significativa (professor de boxe).*

*Eu acho uma união perfeita do esporte com a cidadania. Você aprende a ter educação, a ter respeito ao professor... (professor).*

O boxe é considerado a “estrela” do projeto, esporte no qual está inserida grande parte dos meninos e meninas. Por ser a atividade que motivou a criação do projeto, possui uma identificação indiscutível, o que se mostra na visibilidade e prestígio que acumula. Sua exímia pratica tem levado alguns garotos para competir no país e no exterior, já como atletas. Mas, essa atividade também foi avaliada pelos participantes como excelente para que meninos e meninas se *organizarem* e se *disciplinarem*. Segundo um jovem conselheiro, o boxe o tem ajudado na *administração do tempo*. Complementa: “*Isso é bom porque ajuda mais lá na frente quando arrumar um emprego e eu vou ter que dividir o meu tempo*”.

Portanto, o alcance das atividades de box é compreendido e valorizado pelos jovens que delas participam. Os depoimentos indicam que há uma internalização

das regras principais do esporte e uma transferência das mesmas para a convivência social, para o crescimento pessoal e para a formação da cidadania.

Se pensarmos em termos de apoio para o crescimento pessoal, podemos afirmar que essa atividade na vida de todo garoto e garota entrevistados, tem contribuído para: organizar-se; disciplinar-se; administrar o tempo; aprender a liderar; aprender a ouvir críticas; compartilhar o conhecimento aprendido no projeto com outras pessoas da comunidade; adquirir habilidades estratégicas que podem ajudar na hora de buscar emprego.

Se damos ênfase ao apoio que essa modalidade de esporte propicia à Comunidade, também há reconhecimento dos jovens que o projeto tem ajudado a: oferecer oportunidade para “*tirar as crianças da rua*”; oferecer atendimento psicológico às crianças onde “*elas falam sobre seus medos*”; por meio da equipe do projeto, propiciar apoio aos pais em conversas durante as visitas domiciliares ou informalmente.

O Conselho Jovem já se tornou uma entidade dentro do projeto com muita autonomia. Essa iniciativa, atualmente, inclui meninas, porque os próprios participantes questionaram a primeira formação que era só de meninos.

*A gente ajuda e somos ajudados. É a ponte [o conselho jovem] dos alunos com a administração e até mesmo entre a gente. Nós somos ouvidos e ouvimos (menina/conselho jovem).*

### **Pontos negativos**

#### **a) Encaminhamento dos jovens para o mercado de trabalho**

Segundo o coordenador, um ponto que não tem sido considerado eficaz no projeto, apesar de ser um dos seus objetivos, é o encaminhamento dos jovens para o mercado de trabalho. Ele atribui, em parte, essa “*falha*” ao fato de não ter na equipe uma pessoa exclusiva para cumprir esse papel. Diz que, apesar de

haver uma continuidade de financiamento do exterior para o projeto, ainda há prioridades como contratar uma pessoa para captar recursos no Brasil. Assim, o contrato de um outro membro para equipe com a função de encaminhar os jovens para o mercado do trabalho depende da entrada de mais recursos financeiros, principalmente, locais.

No grupo focal com as meninas, elas enfatizam a necessidade dos coordenadores *correrem atrás dessa parte*. Mencionam, com ênfase, que é preciso substituir pelo emprego a ajuda que recebem através da cesta básica.

Garotos e garotas egressos do projeto também apontam a falta de estratégias para dar oportunidade de entrada no mercado de trabalho como um dos principais pontos negativos do projeto.

*O projeto poderia dar uma oportunidade de emprego (...) Eles têm tanto conhecimento que poderiam estar ajudando não só eu como vários jovens (menina/egressa).*

Vários egressos comentam que alguns jovens conseguiram trabalho no próprio projeto. Outros já tiveram experiência de ser encaminhados para empresas, em esquemas de rodízios, um grupo permanecia durante seis meses e saía para dar lugar a outro. Entretanto, as falas indicam que essa atividade não era regular.

Os meninos que participam atualmente do projeto reforçam a opinião dos demais e enfatizam a necessidade de aprenderem uma profissão por meio de cursos profissionalizantes que facilitem sua entrada no mercado de trabalho, como: mecânica de automóveis; pedreiro; bombeiro hidráulico.

*O jovem está precisando arrumar uma profissão, tem que arrumar um emprego.*

*A maioria nesse projeto são homens e quando forem servir o Exército, ter um curso de mecânica ou eletricista ajuda muito.*

A questão do ingresso no mercado de trabalho é, portanto, a maior preocupação dos jovens e ponto mais crítico em relação ao projeto. Contudo, esse aspecto tem que ser relativizado na medida em que ele vem se somar a outras dificuldades provenientes de preconceito e discriminação para jovens de favela arrumarem emprego. Sua presença, automaticamente é associada a delinquência e violência. Acrescentando-se aos já mencionados problemas, a juventude brasileira como um todo é o grupo social mais prejudicado quanto aos espaços e oportunidades no mercado de trabalho. Portanto o investimento do projeto nessa busca e mais ainda em educação formal e preparação profissional constitui ação crucial. Não é desprezível, igualmente, segundo os próprios jovens, o papel do *Luta pela Paz* na sua preparação moral e social, pré-requisitos importantes para ingressar no mercado, ensinando-lhes a disciplinar o tempo, a conviver, a competir saudavelmente e a se organizar.

#### **b) Falta de financiamento para atletas amadores**

A equipe de professores de práticas esportivas do projeto aponta como aspecto negativo à *falta de financiamento para os atletas*. Consideram que aqueles jovens que passam para a categoria de competidores deveriam ser mais estimulados a competir e ter incentivo financeiro. Caso contrário, muitos jovens que já atingiram um estágio técnico alto na sua modalidade esportiva, deixam de competir porque precisam trabalhar para se sustentarem e a suas famílias.

*Falta um investimento nos atletas. Formar uma academia de atletas. Tem que ter uma equipe do projeto social e uma de competição. Não tem um apoio para o R.[jovem atleta profissional]... os caras saem fora. Ninguém tem patrocínio (professor).*

*Eu perdi muitos alunos por problemas financeiros. O J. era muito novinho, muito bom, saiu para vender sorvete. No show do Kid Abelha eu dei de cara com um monte de ex-alunos que estavam lá para roubar. Olharam para minha cara, me cumprimentaram e saíram com vergonha. Os que a gente perde para o trabalho pelo menos, graças a Deus, mas esses outros casos (...) o patrocínio seria um fator excelente (professor).*



O depoimento desse professor aponta o grau de dificuldade do projeto em oferecer e manter uma alternativa sustentável para os jovens não se exporem mais a situações de risco. Evidentemente que esse aspecto não depende somente das ações de um ou mais projetos sociais. A profunda desigualdade social existente no município do Rio de Janeiro coloca os jovens em um estado quase absoluto de exclusão. Os riscos de sofrer violência ou de se envolver em atividades criminosas estão sempre rondando a vida de crianças e jovens de favelas cariocas.

Entretanto, varias empresas e instituições que poderiam apoiar esses atletas não o fazem porque não existe uma tradição, no país, para esse tipo de ação. De alguma forma, isso se torna ainda mais difícil porque o boxe não é um esporte tão popular como o futebol, por exemplo.

#### **c) Menor prestígio da capoeira e da luta livre em relação ao boxe**

Alguns membros do Conselho Jovem consideram que são pouco prestigiados no *Luta pela Paz* outras modalidades de esportes como a capoeira e a luta livre. Mas há consciência disso e segundo um desses participantes: “*É um ponto negativo que a gente está conseguindo modificar*” (menino/conselho jovem). É importante apontar que são raros os eventos de competição de luta livre existentes no Estado o que dificulta a possibilidade dos jovens praticantes desse esporte participarem de competições.

#### **d) Pouca articulação com outros projetos sociais na comunidade**

Outro aspecto considerado negativo pela própria equipe do projeto é a baixa interlocução do *Luta pela Paz* com os demais projetos sociais existentes na Maré. A equipe defende que o *Luta pela Paz* é mais aberto para todos, eles [os outros projetos] são muito individuais. Referem que a Prefeitura não liberou o espaço da Vila Olímpica para um evento que o *Luta pela Paz* queria organizar. Lamentam também que outras organizações não-governamentais se relacionem pouco com eles.

*Teve um curso do Sebrae e nós convidamos o X, o Y e o Z [outros projetos]. Se vieram duas pessoas de dois projetos foi muito. Era uma forma de integrar esses projetos (educador).*

O coordenador também avalia que há dificuldades para estabelecer uma articulação com outros projetos e programas sociais locais. Sua relação pessoal é de pouco diálogo com algumas entidades, com pequenas exceções dentro da localidade e com outras instituições fora da Maré. Ele refere que algumas instituições da Maré não têm muita afinidade com o Viva Rio, o que dificulta um intercâmbio maior. Ao contrário da visão da equipe, o coordenador considera que há uma boa relação com a Vila Olímpica, projeto social da Prefeitura do Rio de Janeiro.

No entanto algumas iniciativas vêm sendo feitas no sentido de uma maior articulação. O projeto disponibiliza curso de informática grátis para os jovens atendidos pelo Observatório de Favelas e pelo Vila Real. Um aluno do projeto participou da escola de fotografia do Observatório de Favelas e a coordenadora do LPP já ministrou palestra para os alunos do curso de fotografia. O LPP participa atualmente da Rede Rotas, que discute o tema de jovens envolvidos com o tráfico de drogas; da Rede Sou de Atitude, uma rede de jovens ligadas a CIPÓ de Salvador que ajudar a monitorar o Plano de Ação Presidente Amigo da Criança; da Rede Amiga da Criança, coordenada pela Fundação Abrinq para o monitoramento do Plano de Ação do Governo Federal.

Vários estudos vêm apontando a falta de articulação entre instituições não governamentais voltadas para atuação em problemas sociais como um dos pontos nevrálgicos da sua baixa efetividade. A falta de parceria dificulta o trabalho em rede, estratégia hoje bastante utilizada por muitas organizações governamentais e não-governamentais, como possibilidade de ampliar o atendimento a pessoas em situação de violência (Njaine *et al*, 2006).

Os jovens participantes do projeto também indicam que a ausência de uma articulação com outras entidades sociais é uma dificuldade que os atinge. Por um

lado há barreiras impostas pelas facções criminosas que impedem as pessoas de circularem livremente por toda a região. Por outro lado, os meninos parecem indicar que há problemas de relacionamento entre os coordenadores. Um jovem faz a sugestão:

*Eu acho que deveria ser feito assim. Um dia de apresentação total, pegar um espaço grande e apresentar o Luta, o CEASM, o DEVAS, todas as atividades que têm aqui na Maré. Mas isso vai depender do coordenador de cada projeto, deles sentarem e debater.*

Essa sugestão tem como pano de fundo também a reclamação dos jovens de que o projeto deveria abranger mais crianças e adolescentes.

Parece haver conflitos ideológicos entre o projeto e o Viva Rio. O projeto vislumbra a possibilidade de se tornar autônomo, ganhar vida própria e ser reconhecido por seus próprios méritos no Brasil e no exterior.

#### **e) Pouca integração do projeto com as famílias**

O projeto ainda tem pouco trabalho de intervenção com as famílias, embora este não seja o seu propósito principal. Entretanto, o envolvimento das famílias tem sido considerado como uma das estratégias mais importantes para que o jovem se inclua nesses projetos e para que a própria família também se beneficie das atividades promovidas. Essa estratégia também consegue promover a valorização dos vínculos familiares e do apoio social.

Do ponto de vista quantitativo, embora valorizem a família, quase 70,0% dos próprios jovens afirmam que ela tem pouco interesse por sua vida escolar, demonstrando que esses vínculos precisam ser fortalecidos.

#### **f) Pouca divulgação do projeto**

A pouca divulgação do projeto é um outro ponto negativo apontado pelos jovens. Eles articulam essa falha na comunicação social com a falta de entrosamento com outras instituições presentes na área de estudo. Uma das poucas parcerias do

*Luta pela Paz* na comunidade é com o Posto de Saúde, com o Centro de Defesa dos Direitos, com a Escola e com a Universidade.

Os meninos que atualmente estão inseridos no projeto relatam que há entidades na Maré com foco na prevenção às DST/AIDS, outras com foco em atividades artísticas, mas não há uma interação entre elas. Sugerem, mais uma vez, que deveria haver uma ampla divulgação de todos os projetos que ocorrem na Maré para *chamar mais jovens*.

Alunos e alunas egressos também colocam que a divulgação do projeto é fraca.

*Tem uma coisa ruim aqui que é a falta de divulgação. O projeto podia ter mais gente. É que muita gente da comunidade não sabe do projeto, ou então escuta que é uma academia.*

*O Luta pela Paz deveria ser ampliado não só aqui na Maré, mas em outras comunidades.*

#### **g) Evasão de jovens do projeto**

Os jovens dizem que o projeto deveria crescer mais, porque em relação ao número de pessoas nessa faixa etária existentes na Maré a cobertura do *Luta pela Paz* é baixa. Para alguns deles, o projeto já superou fases difíceis, referindo-se ao pouco espaço que tinham inicialmente. Como diz um ex-aluno “*do que a gente já passou isso aqui é um luxo*”.

Enquanto os alunos clamam pelo aumento do número de participantes por se preocuparem com outros jovens desassistidos da área, o que observamos ao longo do tempo é a diminuição do número de alunos. Nos dados fornecidos pela coordenação ressalta a elevada taxa de evasão, que no período de 2003 a 2005 foi de cerca de 30%. Em 2006 já há uma queda de 40% (de 120 para 72 jovens), fato que demandaria aprofundamento visando aos desafios do futuro próximo.

Uma hipótese seria o fato de existir uma concorrência entre os projetos no sentido de fornecer outros benefícios como cestas básicas, por exemplo. Um dos fatores

que contribuiu para esta queda na atualidade é a chamada para participação de jovens residentes nas favelas do Rio de Janeiro para participarem nas Olimpíadas Pan-americanas a serem realizadas no Rio de Janeiro em 2007. Por sua vez, a ampliação de cobertura do projeto exige aumento da equipe de professores e instrutores, tendo em vista que o *Luta pela Paz* oferece atendimento personalizado. Esse incremento no momento parece não ser possível por questões financeiras ou por questões de prioridades.

Alguns membros da equipe criticam a postura de algumas famílias quando só consideram o valor do projeto para seus filhos quando este distribui cestas básicas. Dizem que muitos obrigam os filhos a freqüentar o projeto porque há esse benefício. Acham que isso é uma forma interesseira de ver o benefício do projeto e de pensar nos próprios filhos. *Aí a gente indaga se eles estão aqui porque querem ou por causa da cesta* (educador).

*Hoje eles têm outros benefícios, como a informática, se eles tivesse que pagar os cursos...* (educador).

*Existe uma cultura na comunidade de assistencialismo* (educador).

#### **h) Falta de atividades específicas para jovens que cumprem medidas sócio-educativas**

O coordenador do projeto aponta a dificuldade de oferecer atividades específicas para jovens em cumprimento de medidas sócio-educativas, apesar de ter vontade de fazer um trabalho mais efetivo com esse grupo. Não há parceria com a 2ª Vara da Infância e Juventude. Cita que a questão é complicada, não só pelo aspecto de falta de recursos para contratar uma pessoa específica para desenvolver esse trabalho, mas também pela posição do projeto na comunidade que poderia ser associado à justiça. Sua fala, no entanto, revela preocupação com esse aspecto, indicando que assumir essa responsabilidade é um desafio importante:

*É um problema que tem que ser superado e que nós precisamos ter uma resposta. (...) Nós precisamos incluir dentro da nossa metodologia o trabalho*

*com jovens em medidas sócio-educativas. É uma preocupação muito importante, e estes jovens que saem precisam ser socorridos.*

#### **i) Irregularidade de passeios para os jovens fora da comunidade**

Um outro aspecto apontado pela equipe como crítico, apesar da atividade ser considerada importante no planejamento do projeto, foi a interrupção dos passeios que o *Luta pela Paz* fazia com os jovens por vários lugares da cidade do Rio de Janeiro, como o Corcovado, o Pão de Açúcar e outros. A falta de oportunidade de lazer na comunidade, a dificuldade de recursos financeiros dos jovens para se locomover e conhecer outros lugares onde possam se divertir preocupa a equipe. Comentam que os alunos cobram muito esses passeios porque é uma forma deles se integrarem e juntar os jovens de todas as modalidades esportivas. Os passeios também servem, segundo a equipe, para abrir a visão dos jovens, *“ver outras profissões, abre o leque de possibilidades e eles começam a tomar gosto pelas coisas boas”*.

As jovens que participam do projeto também reclamam da falta de passeios.

*Tem jovem aqui que não sai da favela, aí conhecer o Pão de Açúcar, o Corcovado... você vê o brilho no olho da pessoa, volta encantada.*

#### **j) Insuficiência e desgaste de equipamentos**

Uma outra reclamação das jovens foi a deterioração dos equipamentos de boxe como as luvas e os capacetes e a pouca quantidade de alguns equipamentos em relação ao número de alunos. Comentam, no entanto, que os equipamentos individuais como o protetor de boca e a atadura estão em *ótimo estado*.

#### **k) Falta de sistematização das informações sobre o projeto**

O banco de dados ainda está em processo de elaboração. Este problema da falta de sistematização tem sido detectado na maioria dos projetos sociais. A

inexistência de informatização dos dados, de formulários de registros que ajudem a recuperar a informação sobre o atendimento prejudica as análises e também a auto-avaliação dos projetos.

### **Sugestões dos Atores**

Na verdade, tanto quando falam dos pontos positivos ou dos pontos negativos, a Coordenação, a equipe de professores e os jovens estão sugerindo o que dá certo ou não e o que gostariam que se transformasse. Os itens citados a seguir, alguns se referem ao próprio *Luta pela Paz*, outros dizem respeito ao ambiente em que vivem.

- 1) No primeiro caso são as principais sugestões: (1) estender o projeto a outras comunidades; (2) criar uma biblioteca no projeto; (3) oferecer cursos profissionalizantes; (4) oferecer aulas de hip-hop, grafite, rap, soul para formar Djs; (5) divulgar os diversos cursos que ocorrem na comunidade e em todos os projetos sociais. Todas elas têm como pano de fundo a valorização do Luta pela Paz e o desejo de ver o projeto expandido, aprofundado e mais versátil para responder às necessidades locais.
- 2) No segundo caso, todos os participantes do projeto, implicitamente reconhecem seu papel subsidiário mais não substituto das políticas públicas. Por isso, (1) clamam pela maior presença do Estado oferecendo serviços de qualidade à população; e por um (2) policiamento comunitário “*honesto*”. Esse segundo ponto está diretamente vinculado à experiência negativa dos jovens, quase sempre molestados pela Polícia que atua nas áreas de favela com elevada dose de preconceito em relação a seu comportamento, mesmo quando não dão motivo para isso.

## **7. EFEITOS DO PROJETO**

### **7.1. A visão dos atores**

Neste capítulo discutimos: a) eficácia das ações e estratégias promovidas pelo projeto *Luta pela Paz* visando à melhoria de vida de crianças e jovens e à prevenção da violência armada sob a ótica dos atores. A apresentação dessas ações esta ordenada em termos de importância, iniciando-se pelas mais relevantes do projeto; b) mudanças ocorridas no comportamento dos jovens, sobretudo quanto ao seu envolvimento com a violência armada.

Antes de tecer qualquer consideração ressaltamos que o efeito de qualquer projeto depende, dentre outros fatores, do tempo de inserção dos jovens no projeto. Nesse sentido, vale a pena destacar que a maioria dos jovens aqui pesquisados (64,7%) participa do *Luta pela Paz* há apenas um ano. Os que lá estão há mais tempo representam 35,2% do total. Por tempo assim se distribui o grupo: 64,7% participam há menos de um ano; 33,3% há menos de 2 anos; 38,9%, de 2 a 3 anos; 22,2% de 3 a 4 anos e 5,6% há 6 anos.

#### **a) Esporte como agente disciplinador**

O esporte que deu a largada para o projeto, conforme já foi citado, tem íntima ligação com o idealizador do *Luta pela Paz*. Assim, o boxe e suas regras no contexto de orientação para a vida de jovens é uma estratégia eficaz, porque “*você vai para o ringue, os dois vão se enfrentar, e quem treinou mais, quem é mais honesto consigo mesmo vai ganhar*”, diz o coordenador.

O projeto é uma maneira do jovem se disciplinar e respeitar os outros, onde para vencer ou perder é necessário respeitar as regras. Mas essa forma de ver uma prática esportiva, na opinião do coordenador, depende de como o professor, que serve de modelo para o aluno, ensina a luta, para brigar ou para disciplinar e educar.



*As regras do boxe foram feitas para todas as academias. O que é aprendido aqui eu não posso usar lá fora, tenho que usar dentro do ringue (menino/conselho jovem).*

## **b) Desenvolvimento de auto-controle e auto-conhecimento**

Todos os jovens que praticam o boxe, a capoeira e a luta livre dizem que o esporte ensina a pessoa a ter maior “*auto-controle e a ficar animada*”, porque a adrenalina ou as peculiaridades dessas modalidades esportivas é grande, porém parece ser bem canalizada.

*No boxe você bota tudo pra fora. Se tiver com raiva do pai ou da mãe, você chega no saco e mete a porrada. Aí você vai para casa levinho, relaxado... é bom! (menino/conselho jovem)*

*A capoeira é muito boa. Boa não, maravilhosa. A capoeira para mim já vem do sangue. O tio da minha mãe já era mestre... então, a partir do momento que a gente está na capoeira a gente esquece de tudo. Eu esqueço de tudo que está lá fora. Eu antigamente era nervosa, brigava (menina/conselho jovem).*

*Eu fui procurar a capoeira porque eu gosto de atividade mais alegre e a capoeira me anima muito. Lá ninguém fica de cara fechada. Toca a capoeira, bate palma, é um ritmo muito animado (menino/conselho jovem).*

Os professores também afirmam que os esportes ajudam os jovens a controlar melhor sua agressividade que, por um lado, é própria dessa faixa etária e por outro, é consequência da indignação, da raiva e do sentimento de exclusão que muitos jovens de comunidades pobres expressam.

*Na minha aula eu vejo o seguinte, criança que tem um comportamento violento ele precisa extravasar aquela raiva, aquela energia que tem dentro dele. E o treinamento é a melhor coisa. Daqui ele sai aliviado. Depois que eles lutam então... já sai cansado, toma banho e cama. Tá surtindo um bom efeito (educador).*

No entanto, as respostas dadas pelos jovens no questionário demonstram que expressiva parcela deles continua se envolvendo em brigas na escola (38,0%) e 28,0% iniciou briga com alguém. Vale ressaltar que o projeto apresenta medidas disciplinares quando toma conhecimento de que os adolescentes estão se envolvendo em brigas. Por outro lado, embora 93,9% deles tenham testemunhado alguém armado na rua e quase 20,0% tenham fácil acesso a arma de fogo, nenhum referiu usá-la. Desse modo, a luta corporal seria uma forma mais leve de envolvimento com a violência se comparada ao uso de armas, em uma área extremamente violenta que propicia o acesso fácil à arma de fogo. A este respeito, algumas considerações merecem destaque.

- 1) Do ponto de vista avaliativo seria importante saber quais eram os níveis de protagonismo de violência dos jovens antes do ingresso no projeto. Nossa hipótese é de que pelo projeto ter como foco jovens em conflito armado, parte deles teria elevados índices de protagonismo e exposição à violência;
- 2) Uma forma indireta de captar essa informação seria obtê-la dos jovens recém ingressados no projeto. No presente estudo os mais jovens e com menos de um ano de inserção apresentaram frequências mais elevadas de envolvimento em situações violentas;
- 3) A Maré é uma área de extrema violência, comparada a dados do Brasil e Rio de Janeiro. No entanto os índices de violência cometida pelos jovens dessa área não diferem e até chegam a ser mais baixos do que os praticados por jovens dessas outras localidades. Do mesmo modo, os indicadores de protagonismo de violência referentes aos jovens do projeto são, na maioria das vezes, mais baixos do que as respostas dadas pelos escolares, apesar dos primeiros referirem maior exposição à violência de seus amigos. Uma outra hipótese que poderia explicar estes achados seria a presença e o efeito de várias iniciativas de prevenção à violência dirigida aos jovens da comunidade.

Os argumentos acima parecem indicar a existência de um impacto positivo do projeto nos jovens que dele participam, contrariando a idéia de que iniciativas como esta, com enfoque no boxe, poderiam aumentar o risco de crimes porque concentrariam jovens potencialmente em risco, reforçando tendências anti-sociais e desviantes (Hartmann e Depro, 2006).

### **c) Mudança de comportamento dos jovens**

Para o coordenador, um dos pontos altos do projeto tem sido a modificação do comportamento dos jovens no sentido de se expressarem melhor, se conhecerem mais e de não se envolverem em situações de risco. Esse dado refere-se em grande parte aos jovens que participam do Conselho Jovem. Esses estão mais inseridos e mais conscientes das propostas do projeto.

Os próprios jovens do Conselho avaliam que o projeto os tem ajudado na sua educação: *“Você aprende a ser uma pessoa decente, a conquistar as coisas com o seu suor e isso tudo é bem ensinado para a gente”* (menino/conselho jovem). Chamam o projeto de *“segunda casa”* e percebem seu crescimento pessoal nesse contato com os membros da equipe.

Nesse sentido, conseguem ver que a convivência entre eles é melhor, há mais amizade, união e reconhecimento do outro, embora em alguns aspectos haja pouca tolerância com os recém-ingressados no projeto, conforme já foi citado.

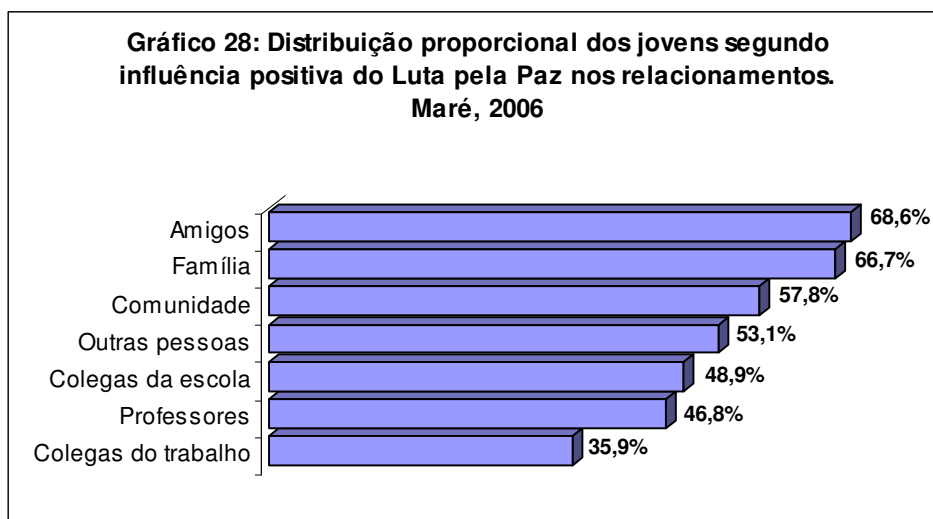
*Somos muito unidos aqui (...) A convivência da gente torna a gente irmão. Aqui todo mundo é irmão. Para mim a união é o ponto forte* (menino/conselho jovem).

Além desses aspectos positivos apontados pelos participantes do projeto, a coordenação também destaca que o Luta tem sido bem sucedido em reinserir socialmente as crianças, adolescentes e jovens; elevar a auto-estima desse grupo; reduzir a possibilidade de se envolverem no tráfico e no consumo de drogas; prevenir o trabalho infantil e a violência interpessoal.

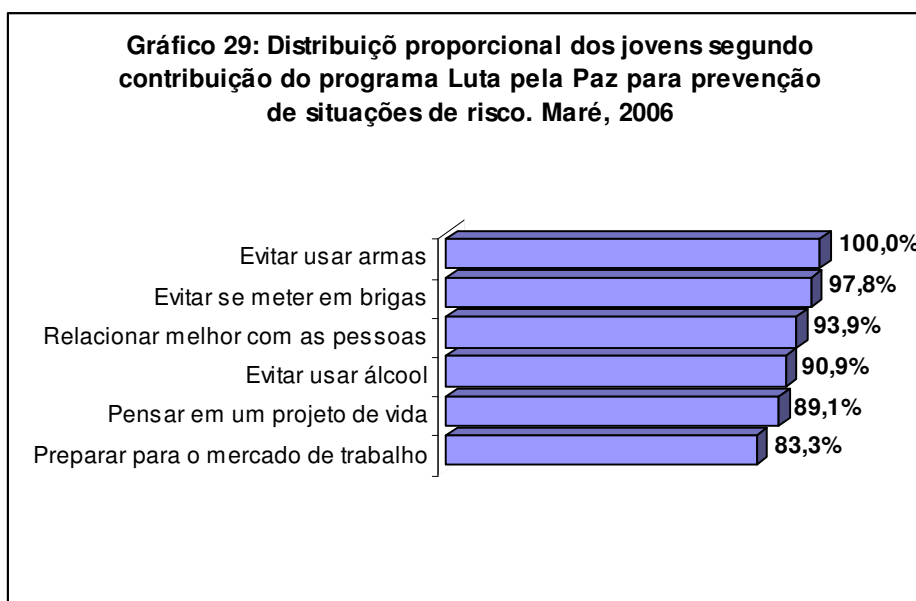
Contudo, considera que não é possível avaliar se o projeto ajuda na promoção de uma cultura de paz entre os jovens; na prevenção da exploração sexual infanto-juvenil; na prevenção da violência familiar e das formas de violência que ocorrem na escola.

Do ponto de vista quantitativo, 93,2% das pessoas que usufruem das atividades do projeto informaram que o mesmo trouxe mudanças em suas vidas e para 91,5%, essas mudanças foram positivas. Confirmando os dados qualitativos, os jovens mencionam no questionário que lhes foi aplicado: melhora no condicionamento físico e mental; novas amizades; amadurecimento em relação às responsabilidades e compromissos; disciplina; maior incentivo e disposição para o estudo e o trabalho; melhora em seu temperamento e na maneira como se expressam; respeito às diferenças; melhora de sua visão do mundo como ser humano. Por fim, dizem que o *Luta pela Paz* os ajudou a não cometer violência.

Quase 94% dos jovens informaram que o projeto contribuiu para eles se relacionarem melhor com as pessoas: 68,6% referiram melhora na interação com amigos; 66,7% disseram que o mesmo ocorreu com sua família. E 57,8% ressaltaram que sua melhora de comunicação ocorreu também nas relações com a comunidade. Isso pode ser constatado no gráfico 28.



Os jovens reconhecem que são beneficiados pelas atividades que realizam no projeto. Na percepção de todos eles, o *Luta pela Paz* contribui para evitar que usem armas e 97,8% acham que o projeto evita que se envolvam em brigas (gráfico 29).



#### **d) Diminuir a rivalidade das facções criminosas**

Um aspecto apontado como resultado positivo pelos egressos do projeto é a diminuição da rivalidade entre as facções criminosas presentes na área.

*Porque aqui é aquele negócio, mesmo você não tendo nada a ver, mas você tem aquele receio de ir para o lado de lá. O projeto foi bom para quebrar... (menino/egresso).*

O coordenador também reforça que o projeto tem procurado quebrar essa barreira e que alguns técnicos têm conseguido trazer jovens que vivem em áreas dominadas por diferentes facções.

## 7.2. A visão dos avaliadores

A fim de se realizar uma síntese avaliativa, a equipe selecionou alguns indicadores de processo, estrutura e de resultados, que são mostrados nos quadros 3, 4 e 5 a seguir.

**Quadro 3: Indicadores de Processo do Projeto Luta pela Paz.**

INDICADORES DE PROCESSO	DESCRIÇÃO	AValiação
<b>Alcance dos objetivos</b>	Atinge público alvo	SIM
	Coerência entre a proposta e as ações	SIM
	Cumprimento de todos os objetivos	SIM, em parte
<b>Desenvolvimento das ações</b>	<b>1. Diversidade</b> - Ter ou não	SIM
	- Ter ou não ações específicas para jovens em cumprimento de medida	NÃO
	- Percentuais de jovens que cumprem medida socioeducativa	Cumrem medida socioeducativa – 5,5% Encontram-se em liberdade assistida – 3,6% Prestam serviço à comunidade – 1,8%
	<b>2. Regularidade</b> (frequência, rotina)	SIM
	<b>3. Qualidade</b> - Adequação do espaço físico	SIM
	- Relação educador/aluno	Excelente
	- Temas trabalhados - Conteúdo	Adequados; Focados nos objetivos e de interesse dos jovens
	- Clareza de linguagem	SIM
	- Material	BOM
<b>Sistematização dos dados</b>	Registro das ações	SIM, de forma manual
	Registro da clientela	SIM, de forma manual
	Banco de dados	SIM, não alimentado
<b>Auto-avaliação</b>	Ações	SIM
	Resultados anuais	SIM
	Planejamento	SIM
<b>Cobertura</b>	Número de jovens atendidos no projeto / população de jovens da Maré	78 / 22.536 jovens da área = 0,3%
	Número de jovens atendidos no projeto / população de jovens em risco na Maré	78 / 15.257 em risco = 0,5%

**Quadro 4: Indicadores de Estrutura do Projeto Luta pela Paz**

INDICADORES DE	DESCRIÇÃO	AValiação
----------------	-----------	-----------

ESTRUTURA		
<b>Equipamentos</b>	Suficiência	SIM, em parte
	Adequação	SIM
	Estado de conservação	SIM, em parte
<b>Infra-estrutura física</b>	Sede própria	SIM
	Ambiente acolhedor	SIM
	Espaço físico adequado	SIM
<b>Equipe</b>	Número de profissionais	SIM, em parte
	Capacitação do educador	SIM, continuada
	Perfil	SIM
	- Interdisciplinar	
	- Intergeracional	SIM
	- De ambos os sexos	SIM
	- Experiência no tema	SIM
	- Ser morador da área	SIM
	- Tempo dedicado ao projeto	Coordenação – 40 horas Técnicos esportivos – 12 horas Educadores – 20 horas Agentes jovens – 20 horas
<b>Sustentabilidade</b>	- Tempo no projeto	Maioria desde o início, inclusive alunos que foram incorporados à equipe
	Apoio financeiro	Doações, maioria internacional
	Suficiência	SIM, em parte
	Continuidade	SIM

**Quadro 5: Indicadores de Resultados do Projeto Luta pela Paz**

INDICADORES DE RESULTADOS	DESCRIÇÃO	AValiação
<b>Jovem consigo mesmo</b>		
<b>Desenvolvimento pessoal</b>	Auto-estima	BOM
	Auto-controle	REGULAR Começou briga com alguém 28,0%
	Auto-conhecimento	BOM
<b>Jovem e cidadania</b>		
<b>Desenvolvimento da consciência cidadão</b>	Valores éticos e morais	SIM, em parte Acham que têm direito de andar armados – 12,2% Acham que a pessoa armada está mais segura – 9,3% Crêem que ter arma em casa a torna mais segura – 17,4%
<b>Jovem e o outro</b>		
<b>Respeito e tolerância</b>	Melhora no relacionamento entre pares	SIM, em parte
	Melhora no relacionamento dos jovens com a família	66,7%
	Melhora no relacionamento dos jovens com colegas da escola	SIM, em parte 48,9%
	Melhora no relacionamento dos jovens com a comunidade	57,8%
<b>Jovem e violência</b>		
<b>Violência praticada</b>	Roubos e assaltos	Roubo – 4,0% Arrombou para roubar – 2,0%
	Participação no tráfico de drogas	Vendou drogas – 2,0% Foi preso por vender drogas – 0,0%
	Participação em gangues	4,0%
<b>Violência sofrida</b>	Foi ferido por arma de fogo	3,9%
	Foi ameaçado de morte ou algum parente foi	15,7%
	Teve parente ferido por arma de fogo	23,5%
	Teve parente assassinado	23,5%
	Tem colega que anda armado	48,3%
<b>Exposição à violência</b>	Tem colega que ameaçou professor com arma de fogo	3,5%



	Tem colega que ameaçou professor com arma branca	3,5%
	Testemunhou alguém armado na rua	93,9%
	Testemunhou alguém usando drogas	92,0%
	Testemunhou tiroteios	80,4%
	Testemunhou alguém recebendo tiros	64,6%
	Testemunhou a polícia prendendo alguém	63,8%
	Testemunhou alguém sendo agredido	53,2%
	Testemunhou alguém sendo assassinado	45,7%
	Acesso fácil à arma de fogo	20,0%
<b>PROJETO</b>		
<b>Relação do projeto com a comunidade</b>	Legitimidade da comunidade	Recebeu o projeto bem e oferece apoio
	Imagem do projeto	Visão assistencialista de algumas famílias em relação ao projeto (cesta básica)
	Diminuição da rivalidade das facções criminosas	Meninos moradores de áreas dominadas por diferentes facções começando a frequentar o projeto
	Divulgação do projeto	Pouca
<b>Relação com outros projetos sociais da área</b>	Dialogo	Pouco
	Contra-referencia	Pouca
	Ações integradas	Pouca
<b>Custo</b>	Gasto anual/mensal por jovem	Baixo

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esta pesquisa avaliativa e levarmos em conta toda a complexidade de qualquer intervenção social como a que ocorre no *Luta pela Paz* podemos afirmar que este é um projeto bem sucedido, num local de elevadíssimo estresse sócio-ambiental. Suas hipóteses, propostas e atividades fazem uma excelente

sinergia que levam ao cumprimento de objetivos e das metas propostas pela sua filosofia e prática.

A fala dos atores aponta - e nós concordamos com ela - que o projeto aplica seus fundamentos e busca oferecer para os jovens uma opção positiva numa comunidade que convive com a violência armada. Há no discurso da equipe um comprometimento com o trabalho e uma visão profundamente focada na inclusão dos jovens da comunidade da Maré e no seu futuro.

*O professor tem que saber que ele é um referencial, que ele não pode errar. Porque se a criança está se espelhando no R. [atleta do projeto que compete no exterior], por exemplo, se o R. errar o espelho quebra. E quando quebra é muito difícil se recuperar. Porque muitas vezes é uma criança que não tem esperança nenhuma, aí chega num lugar, aí a esperança reacende e depois apaga, a desilusão é complicada. (professor).*

Para os jovens a esperança se configura em muitas coisas simples e que aparentemente são básicas para qualquer cidadão: o direito de ir e vir em sua comunidade; o direito de lazer; o direito de trabalhar; o direito de se divertir; o direito à informação; o direito de ser cidadão.

Dentre tantas virtudes e potencialidades que tem o *Luta pela Paz*, destacamos que, a nosso ver, ele é um projeto que pode ser replicado em qualquer Comunidade ou Bairro onde existe violência armada e obter sucesso, se levamos em conta seu escopo específico. Isso se demonstra por meio de uma intervenção pensada para ser exercida em muitos aspectos que afetam a identidade juvenil: (1) é focado; (2) atinge a subjetividade dos jovens; (3) tem uma pedagogia de trabalho adequada; (4) oferece aos jovens um referencial integrador; (5) amplia e aprofunda as potencialidades dos participantes; (6) utiliza o jargão da “luta” para o fortalecimento da paz social, grupal e pessoal; (7) atua com o protagonismo juvenil; (8) propicia o crescimento e o desenvolvimento interior dos jovens; (9) trabalha a disciplina comportamental, intelectual e social de forma positiva; (10) retira os jovens do “ghetto” familiar e comunitário colocando-os num ambiente cultural mais complexo, diferenciado e plural; (11) é de baixo custo.

Mesmo reconhecendo os indiscutíveis méritos do *Luta pela Paz*, no entanto, aproveitamos o pretexto desta análise para referenciar alguns pontos cruciais trazidos ao debate pela proposta. Não entendemos esses pontos como o “negativo” do *Luta pela Paz*, mas como a janela de oportunidades que um projeto como este abre para uma reflexão mais profunda, quando levamos em conta a complexidade de qualquer intervenção social e mais ainda, de uma que pretende ter sucesso em ambiente de violência armada e apelo á criminalidade. Fazemos este debate levantando dez questões complementares:

- (1) **A questão conceitual dos projetos de intervenção-** distingue e identifica a proposta. O projeto *Luta pela Paz* mostra eficiência, eficácia e efetividade na prevenção primária da violência e da criminalidade, como ficou demonstrado ao longo do estudo. Portanto, mesmo tendo indiscutível certeza de que os efeitos da proposta são muito maiores e abrangentes, deixamos clara a ação específica sobre a qual exercemos a avaliação visando a reconhecer o mérito do processo social.
- (2) **A questão da abrangência da proposta em relação aos possíveis beneficiários** - Lendo este relatório muitos poderão se perguntar pela questão da abrangência das suas ações. Essa pergunta poderia ser assim formulada: o *Luta pela Paz* deveria ampliar o número de jovens atendidos? Essa ampliação atuaria em detrimento do atendimento personalizado - a nosso ver, a única e indiscutível forma de atingir a subjetividade dos participantes -? O dilema entre extensividade e intensividade deve ser um tema de reflexão e de decisão dos coordenadores em conjunto com os jovens e os patrocinadores. Dizemos isso, pois implícita às ações e propostas do *Luta pela Paz* existe uma questão comum que atravessa hoje todos os programas de intervenção em áreas de elevados conflitos sociais armados: Qual é a efetividade dos programas locais de prevenção da violência e do crime? No caso do projeto em pauta existe uma crença nos processos micro-sociológicos de transformação em que as mudanças na subjetividade favorecidas por estratégias intersubjetivas propiciadas pelos

jogos de luta influenciam o sócio-ambiente. Outra pergunta deriva, portanto, dessa iniciativa: será que do *Luta pela Paz* deveríamos esperar transformações para a juventude da Maré ou para a juventude que participa do Projeto? Responderíamos lembrando que atuar na prevenção da violência, na construção da paz e na transformação dos participantes (um pequeno grupo) não é pouco e nem banal como pudemos constatar no decorrer desta narrativa. Portanto, a nosso ver, tal iniciativa não deveria ser analisada pelo seu potencial de se generalizar e sim, de incidir fortemente sobre o grupo alvo da intervenção. Sobre este particular estudos do Claves sobre o GPAE (Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais) mostram ser muito comum que ambientes criminais provoquem a perda ou enfraqueçam os conteúdos emocionais dos sujeitos, o que pode ser constatado nas formas de crueldade com que vários crimes são cometidos. Desta forma, o investimento positivo nas pessoas se torna essencial, mesmo porque a punição dos criminosos em áreas como a Maré costuma se transformar, contraditoriamente, numa maneira de mostrar prestígio dos líderes criminosos, o que ocorre freqüentemente com os traficantes presos. Em consequência, o efeito demonstrativo espetacular que daí advém, sobretudo para os jovens, é de que o crime compensa. Entendemos que a importância de atuar positivamente (como o faz o *Luta pela Paz*) nas relações micro-sociais e nos ambientes socializadores originários como a família, a escola, os grupos de amigos, os ambientes sociais ainda não tem sido suficientemente ressaltada. E nesse sentido, ao evidenciar o sucesso de suas ações, o *Luta pela Paz* se transforma num efeito demonstrativo ao contrário do processo aliciador do tráfico de drogas.

- (3) **A questão da diversificação da clientela** – A inclusão de jovens em cumprimento de medidas sócio-educativas deve merecer investimento reflexivo pelos benefícios que pode trazer para esse grupo de jovens e para a Comunidade. No entanto, é preciso reconhecer que a especificidade do comprometimento institucional desse tipo de atendimento requer também estratégias pedagógicas peculiares e metas específicas, complexificando

as intervenções e o atendimento personalizado. A estratégia de ampliação da clientela colide com a peculiaridade da diversificação.

(4) **A questão da interação com outros projetos** – Este é um dos pontos críticos do *Luta pela Paz*. No entanto, não é uma peculiaridade dessa proposta. Em geral, as Ong são focalizadas e a simplicidade de suas propostas (em contraposição à diversidade de temas que as políticas públicas precisam abranger) são também sua virtude: responde pela eficácia de suas intervenções. cremos que os coordenadores do *Luta pela Paz* deveriam investir nessa articulação, dando um passo mais ousado em relação à formação de uma rede de instituições que completasse um ciclo de ações voltadas para os jovens. Por exemplo, a articulação com instituições que atuassem em formação profissional, no reforço da educação formal e na busca de empregos para os jovens. É claro que uma instituição não tem como dar resposta a todas as indagações, mas, por outro lado, não pode negligenciar temas que afligem os jovens que participam de sua intervenção peculiar. Ressaltamos, no entanto, quando falamos de interação para sinergia de esforços, não estamos nos referindo a uma mera articulação de instituições, como um preceito e receituário externo ao contexto do projeto, e sim, como uma busca de fortalecimento mútuo que dê eficácia ao escopo das intervenções de cada uma das instituições articuladas.

(5) **A questão da atuação com as famílias e no ambiente comunitário** – Muitos estudos mostram que famílias que tratam os filhos com afeto e disciplina consistente, em comunidades atentas e cuidadosas, atuam a favor da prevenção do crime de rua e da violência. Portanto, seria muito importante que o *Luta pela Paz* desse ênfase em atividades específicas com as famílias hoje bastante perplexas pelo estresse ambiental em que vivem e sofrendo constrangimentos do mercado de trabalho e dos problemas de sobrevivência. As práticas familiares básicas com as crianças, as relações conjugais ou o seu esfacelamento e o emprego

afetam a decisão dos jovens em entrar para atividades violentas e criminosas. A falha em prover afeto e disciplina de modo consistente, tem sido largamente associada ao risco de maior envolvimento com a violência e a delinquência. No entanto, não há evidência de que projetos pontuais de apoio familiar podem se sobrepor e minimizar os problemas do ambiente social e da comunidade em que as crianças e os jovens vivem. Também faltam evidências quanto ao fato de projetos de superação da violência intrafamiliar atenuarem fatores de risco para a criminalidade. Porém, existe consenso de que, junto com a escola e a comunidade a família dá suporte para o desempenho social adequado da juventude, rumo à realização de suas potencialidades. Igualmente, sabemos que os programas de prevenção da criminalidade funcionam melhor para famílias que estão inseridas em comunidades fortes, sendo menos efetivo em locais onde a violência está mais presente.

- (6) **A questão da sinergia interinstitucional** - Do ponto de vista estratégico, em lugar de nos perguntarmos pelas razões do fracasso das instituições básicas que deveriam prover segurança e proteção a crianças e jovens, parece mais eficaz pensar em protegê-las e propor ações que visem a fortalecê-las. Por isso é importante trabalhar com algumas noções essenciais. A primeira e mais importante é de que a prevenção da violência e do crime é resultado de práticas cotidianas de várias instituições e de vários programas. A literatura científica mostra a importância da presença de algumas: (1) comunidades; (2) famílias; (3) escolas; (4) mercado de trabalho; (5) locais que as pessoas mais freqüentam; (6) instituições policiais; (7) agências da justiça. Sobre esse conjunto de instituições existe um consenso amplamente reconhecido cientificamente de que a *família* e a *comunidade* são muito importantes na prevenção do crime. Esse argumento se sustenta de forma negativa quando a estrutura familiar ou a condição de vida comunitária quebram-se, desorganizam-se, criando um vácuo no *controle informal*. Por exemplo, *escolas* não podem ser bem sucedidas sem famílias que lhe dêem suporte; famílias não se sustentam

bem sem o trabalho cotidiano; a polícia não pode ser bem sucedida sem a participação da comunidade local. Portanto, projetos de intervenção, por mais bem centrados que sejam no seu foco de atuação, precisam de apoio de outras instituições. Existe uma tese em criminologia segundo a qual, mesmo a punição legal e a ameaça só podem ser efetivas se forem reforçadas por controles sociais informais de outras instâncias sociais.

- (7) **A questão da articulação com a escola** - A articulação do projeto com as famílias e a comunidade deve ser reforçada pela interação com a instituição escolar. Hoje já existem evidências de que as escolas têm mais chances de atingir seus objetivos do que qualquer outra agência governamental. Ajudar as crianças a ler, a escrever e a desenvolver habilidades, dar-lhes oportunidade de enfrentar desafios e criar-lhes perspectivas de futuro pela escolaridade de qualidade é a melhor forma de prevenir violência e crime. No entanto, em geral, nas áreas mais conflituosas, as escolas estão sobrecarregadas por um contexto comunitário de criminalidade, sentem falta de pais que dêem suporte ao aprendizado e se queixam da quebra da ordem em salas de aula. Por sua vez, os programas de prevenção à violência nas escolas, quando existem, geralmente não dão atenção ao aprendizado acadêmico e ao desenvolvimento de habilidades e sim, seus esforços se concentram na redução do uso de drogas e da agressão, como se fosse suficiente essa focalização. Os resultados de programas em comunidades escolares demonstram que a resiliência amplia-se em programas que ensinam aos alunos “habilidades para pensar” necessárias aos desafios da sociedade de hoje, fato ressaltado pelos jovens em relação ao *Luta pela Paz*. Geralmente esses programas conseguem melhores resultados na prevenção ao uso de substâncias nocivas e ilegais, sendo promissores, também, na redução da delinquência. Programas que não focalizam apenas o estudante individual, mas, toda a organização escolar, também têm mostrado eficácia. Programas que simplesmente clarificam normas sobre comportamento esperado, pouco funcionam. Por isso é

preciso reforçar cada vez mais o vínculo do *Luta pela Paz* com a escola e a educação formal.

(8) **A questão da inserção dos jovens no mercado de trabalho** - Este também é um ponto nevrálgico do projeto, pois tanto o *Luta pela Paz* como todos os atuais estudos com a juventude mostram a angústia e ansiedade dos jovens em relação às dificuldades de inserção no mundo laboral. Por sua vez, muitos estudos nacionais e internacionais mostram associação entre delinquência e fracasso nos meios de prover **mercado de trabalho**. Pesquisas várias mostram que a inserção no mercado de trabalho representa uma das formas mais poderosas de se fazer prevenção de violência e criminalidade. Estudos longitudinais mostram a força da inserção no trabalho, prevenindo o crime até entre indivíduos de carreira criminal. No entanto, não existe conhecimento consolidado sobre programas bem sucedidos na redução das taxas de desemprego em locais de alto índice de criminalidade. Em geral, nas comunidades onde o acesso ao trabalho formal é uma exceção existe pouca disciplina necessária para estilos de vida convencionais dos trabalhadores formalmente empregados. Alguns autores como Sherman (2003) consideram que o investimento em programas de prevenção do crime em comunidades muito pobres deve ser iniciado com a revitalização do mercado de trabalho local. Pois como mostram estudos em vários ambientes semelhantes, é difícil reduzir o problema das gangues numa comunidade em que a maioria dos jovens está desempregada. Retornamos à premissa de que a efetividade da prevenção à violência e ao crime depende também das condições locais.

(9) **A questão do ambiente social** – Atualmente as teorias criminológicas e sociais dão ênfase aos ambientes de maior frequência das pessoas como *locus* importante de intervenção. Esses lugares variam de lanchonetes, pracinhas, boates, configurando uma diversidade muito grande. Variam em termos de suas funções e atividades, taxas de crimes e fatores de risco como acesso a drogas ou armas. Alguns ambientes são de maior risco e



considerados como focos de violência e criminalidade. Daí a recomendação de que programas de prevenção da violência devem ter alcance e cobertura em toda a comunidade, mas, lugares de alta prevalência devem ser mais intensamente cuidados. Sabemos que o controle no uso do álcool e de armas de fogo pode reduzir a criminalidade nas famílias, nos bares, no trânsito e nos diferentes ambientes de maior risco.

- (10) **A questão das relações com a polícia** – Nas sugestões dos participantes do *Luta pela Paz*, sobretudo dos jovens, aparece a questão policial vinculada à presença do Estado na Comunidade. Essas pessoas falam da necessidade de existir uma polícia verdadeiramente comunitária e honesta. Ora, os efeitos da prevenção da violência e da criminalidade pelo **policciamento** configuram um tema de contradição entre estudiosos e a opinião pública. Enquanto a opinião pública sustenta o consenso de que a polícia previne o crime, criminologistas desafiam amplamente esta visão. Muitos generalizam dizendo que as variadas práticas policiais fazem pouca diferença nos indicadores de criminalidade. No entanto, essa conclusão ignora as evidências contrárias, pois há práticas policiais que reduzem ou aumentam os índices de violência e crimes. A presença da polícia em comunidades de alta prevalência de crimes e conflito social tem produzido bons efeitos preventivos, quando combinadas com a efetividade de ações nas famílias, comunidades, escolas, políticas de emprego e inserção dos desempregados no mercado de trabalho formal e atuação específica de intervenção. Ao contrário, aumenta o rechaço e a exacerbação social quando a inserção policial é feita de modo desrespeitoso e hostil com os cidadãos e principalmente com os jovens. Esse comportamento hostil com os jovens acaba gerando reações de raiva e aumentando o risco de futuros confrontos. Ou seja, a intervenção agressiva da polícia pode produzir mais crimes e manifestações de violência, ao invés de prevení-los.

Em resumo, a efetividade de qualquer tratamento socializador, preventivo depende da comunidade, da família, da escola e do contexto de mercado de

trabalho. Num certo sentido, podemos dizer que os programas de intervenção, como fala o Coordenador do *Luta pela Paz*, competem com as mesmas condições que são a base de produção da delinquência. Portanto é preciso dar atenção ao contexto institucional necessário aos programas e práticas, para que se tornem eficazes.

Finalizamos falando da relevância de investir em pesquisas estratégicas de cunho avaliativo e científico como esta que apresenta uma visão crítica sobre a eficácia de um programa de intervenção social. Muitos autores como Sherman (2003) sinalizam que sabemos muito pouco sobre o real impacto de práticas de prevenção à violência e criminalidade, sobretudo situando o modo como a prevenção do crime é feita no dia-a-dia das instituições, a partir de ações específicas que vão da educação ao emprego de pessoas com histórias criminais ou em situação de vulnerabilidade. É preciso pois - é nossa opinião - dar ênfase a evidências científicas e mostrar no que os dados percebidos são fracos ou ineficazes e aquilo que realmente contribui ou pode dar mais eficácia para superar o grau elevado de violência social hoje existente em nosso país. O estudo avaliativo do *Luta pela Paz* propiciou-nos a oportunidade de verificar as vantagens e as possibilidades de aperfeiçoamento de uma proposta sofisticada em que a “luta” se transveste de paz pela força civilizatória do investimento na construção da liberdade e na ação humana solidária, persistente e cuidadosa. O maior mérito do projeto *Luta pela Paz* é, com certeza, “lutar” pelos direitos humanos e sociais com afinco, desafiando as ameaças, as barreiras, a descrença e tecendo no dia a dia uma teia de fios fortes para amparar os jovens que se arriscam no meio fio.

## 9. REFERÊNCIAS

Assis, S.G.; Avanci, J.Q. *Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

Assis, S.G.; Pesce, R.P; Avanci, J.Q. *Resiliência: enfatizando a proteção de adolescentes*. Porto Alegre,RS: ARTMED, 2006.

Auge, M. *Os não-lugares: introdução a uma Antropologia da Super-Modernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

Cardia N. *Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação a violência em 10 capitais brasileiras*. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

Cruz Neto, O.; Moreira, M.R. ; Sucena, L.F.M. *nem soldados nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

Denzin, N.K. *The research act*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1973.

Deslandes, S.F.; Assis, S.G.; Santos, N.C. *Violências envolvendo crianças no Brasil: um plural estruturado e estruturante*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 2004.

Dowdney L. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

Dowdney, L. *Nem Guerra nem Paz*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

Figueiredo, L. *Esporte e cidadania: a experiência do Luta pela Paz*. Dr Coalition to Stop the Use of Child Soldiers.2-12 Pentonville Road London N1 9HF, (no prelo).

Fiocruz/Ensp/Claves. *Avaliação do processo de implantação do Programa Cuidar – 1ª Fase*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 2000.

Fiocruz/Ensp/Claves. *Avaliação do Processo de Implantação e dos Resultados do Programa Cuidar - 4ª fase*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 2003. Relatório final de esquisa.

Fiocruz/Ensp/Claves/Opas. *Criança, violência e comportamento em estudo em grupos sociais distintos*. Rio de Janeiro: [S.n.], 1992

Galduróz, J.C.F.; Noto, A.R.; Fonseca, A.M.; Carlini, E.A. *V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras*. São Paulo: CEBRID, 2004. Disponível em: [http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento\\_brasil2/CAPA.pdf](http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento_brasil2/CAPA.pdf). Acesso em: 10 out. 2006.

Krueger, R.A. *Focus groups: a practical guide for applied research*. 2.ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

Manual de Metodologia do Programa. Acesso em: [www.lutapelapaz.com.br](http://www.lutapelapaz.com.br)

Mesquita Neto, P. et al. *Relatório sobre a prevenção do crime e da violência e a promoção da segurança pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP)/ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)/ Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), 2004. Relatório preparado para o Projeto Arquitetura Institucional do Sistema Único de Segurança Pública.

Minayo, M.C.S. et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

Minayo, M.C.S. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

Minayo, M.C.S.; Assis, S.C.G.; Souza, E.R. *Avaliação por triangulação de métodos: abordagens de programas sociais*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2005.

Minayo, M.C.S.; Gomes, R. (coords.). *Experiências exitosas de prevenção da violência*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 2006. Relatório final de pesquisa.

Minayo, M.C.S.; Souza, E.R. *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

Njaine, K.; Assis, S.G.; Gomes, R.; Minayo, M.C.S. Networks for prevention of violence: from utopia to action. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11 (2): 429-438, 2006.

Njaine, K.; Vivarta, V. Violência na mídia: excessos e avanços. In: UNICEF. *Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil*. Brasília: UNICEF, 2005. p.71-95.

Sherman, L.W. et al. *Preventing crime: what works, what doesn't, what's promising?*. [USA]: Congresso Americano/ Instituto Nacional de Justiça/ Programa de Pós-Graduação do Departamento de Criminologia e Justiça Criminal da Universidade de Maryland, 1997.

Siegel, S. *Nonparametric statistics for the behavioral sciences*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1956.

Silva, N.N. *Amostragem probabilística*. São Paulo: EDUSP, 1998.

Silva, J.S. Violência nas comunidades e nas ruas: até quando? In: UNICEF. *Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil*. Brasília: UNICEF, 2005. p. 97-115.

Souza, E.R. O estado de direito e a violência contra o idoso. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 2006. Relatório final de pesquisa.

Souza, E.R.; Constantino, P. (coords.). *Inventário e avaliação de programas de prevenção da violência interpessoal: Maré – Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 2006. Relatório final de pesquisa.

SPSS Inc., (1999). Statistical Package Social Sciences 10.0.

Straus, M.A. et al. *Behind close doors: violence in the american family*. Garden City: Anchor Pr., 1980.

**ANEXOS**